



Osmar de Oliveira Braido

A dimensão lúdica da catequese

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Abimar Oliveira de Moraes

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2024



Osmar de Oliveira Braido

A dimensão lúdica da catequese

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia do Departamento de Teologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Abimar Oliveira de Moraes

Orientador
PUC-Rio

Francilaide de Queiroz Ronsi

PUC-Rio

Sueli da Cruz Pereira

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

Rio de Janeiro, 29 de fevereiro de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, do autor e do orientador.

Osmar de Oliveira Braido

Graduou-se em Ciências Contábeis pela UVV (Universidade de Vila Velha) em 2006. Licenciou-se em filosofia pela Unisales (Centro Universitário Salesiano) em 2013. Especializou-se em Psicanálise Clínica pela Faculdade de Ciências, e Educação do Espírito Santo em 2016. Coursou Teologia em curso livre pelo IFTAV (Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória-ES) em 2017.

Ficha Catalográfica

Braido, Osmar de Oliveira

A dimensão lúdica da catequese / Osmar de Oliveira Braido ; orientador: Abimar Oliveira de Moraes. – 2024.

107 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2024.

Inclui bibliografia

1. Teologia – Teses. 2. Catequese. 3. Iniciação à vida cristã. 4. Lúdico. I. Moraes, Abimar Oliveira de. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. III. Título.

CDD: 200

DEDICATÓRIA

Dedico à minha mãe, Maria Mercedes de Oliveira Braidó,
mulher guerreira e de bondade no coração.

Agradecimentos

A Deus, por me conceder o dom da vida.

Aos meus familiares, Ademir Braido (*in memoriam*), Maria Mercedes de Oliveira Braido e Renato de Oliveira Braido, por cuidarem, educarem e me ensinarem a amar.

Ao meu orientador, Professor Dr. Padre Abimar Oliveira de Moraes, por todo apoio e empenho para a realização dessa pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) por todo o incentivo.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus professores e funcionários do Departamento de Teologia, pelo ensino e ajuda.

Aos professores que participaram da Banca examinadora.

Aos meus colegas da pós-graduação, por momentos de estudos e descontração que estreitaram nossos vínculos afetivos.

Ao meu Bispo Dom Dario Campos, OFM, por me incentivar ao estudo desse mestrado.

A minha amiga Daniela Gomide Mello, por toda escuta e ajuda nesse tempo de pesquisa.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Braido, Osmar de Oliveira. **A dimensão lúdica da catequese**. Rio de Janeiro, 2024. 107p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A nossa pesquisa teve como objetivo o diálogo do lúdico na catequese, propondo a Iniciação à Vida Cristã, utilizando o lúdico como ferramenta no processo querigmático e mistagógico. O lúdico é uma abordagem valiosa na catequese, pois atrai, envolve, desperta e estimula a imaginação na transmissão da fé. Abordamos um conteúdo que reflete uma evolução na catequese: inicialmente uma perspectiva doutrinária, após o Concílio Vaticano II, adquiriu um sentido mais antropológico e eclesiológico. No Brasil, o documento “Catequese Renovada” de 1983, marcou esse momento, enfatizando a Sagrada Escritura como livro central da catequese, ressaltando a importância da transmissão da Doutrina e do Magistério da Igreja. O Novo “Diretório para a Catequese”, e no Brasil o documento 107, reforçaram a Iniciação à Vida Cristã e estimularam reflexões catequéticas. Dessa forma, nossa pesquisa centrou-se em três capítulos. No primeiro demonstramos a catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã, traçando um resgate histórico-teológico para compreendermos a trajetória percorrida. Enfatizamos a catequese como método para que as pessoas adiram Jesus Cristo, a Sagrada Escritura, a Doutrina e Tradição da Igreja. No segundo capítulo, buscamos iluminar-nos com a dimensão lúdica no ser humano e a Iniciação à Vida Cristã, tomando consciência da importância do lúdico na catequese. Abordamos o lúdico no ser humano com uma visão teológica-pastoral. No terceiro, refletimos a forma de agir e praticar em nossa ação pastoral, tendo como o lúdico um caminho envolvente que se integra ao itinerário na Iniciação à Vida Cristã. A presença do catequista é crucial para o crescimento do catequizando. A união entre catequese e liturgia é insubstituível. Assim, o lúdico inserido nesse processo ajudará na experiência sensorial, sendo utilizado na liturgia, nas mídias sociais, enfrentando o desafio de anunciar o Evangelho, proporcionando reflexão, pelo estilo de inspiração catecumenal.

Palavras-chave

Catequese; Iniciação à Vida Cristã; Lúdico.

Resumen

Braido, Osmar de Oliveira Braido. **La dimensión lúdica de la catequesis**. Río de Janeiro, 2024. 107págs. Tesis de Maestría – Departamento de Teología, Pontificia Universidad Católica de Río de Janeiro.

Nuestra investigación tuvo como objetivo entablar un diálogo lúdico en la catequesis, proponiendo la Iniciación a la Vida Cristiana, utilizando el juego como herramienta en el proceso kerigmático y mistagógico. El juego es un enfoque valioso en la catequesis, ya que atrae, implica, despierta y estimula la imaginación en la transmisión de la fe. Abordamos contenidos que reflejan una evolución de la catequesis: inicialmente una perspectiva doctrinal, después del Concilio Vaticano II adquirió un significado más antropológico y eclesiológico. En Brasil, el documento “Catequese Renovada” de 1983 marcó este momento, destacando la Sagrada Escritura como libro central de la catequesis, destacando la importancia de transmitir la Doctrina y el Magisterio de la Iglesia. El Nuevo “Directorio para la Catequesis”, y en Brasil el documento 107, reforzaron la Iniciación a la Vida Cristiana y estimularon reflexiones catequéticas. Por ello, nuestra investigación se centró en tres capítulos. En el primero, demostramos la catequesis al servicio de la Iniciación a la Vida Cristiana, esbozando una revisión histórico-teológica para comprender la trayectoria seguida. Enfatizamos la catequesis como método para que las personas se adhieran a Jesucristo, la Sagrada Escritura, la Doctrina y Tradición de la Iglesia. En el segundo capítulo buscamos iluminarnos con la dimensión lúdica en el ser humano y la Iniciación a la Vida Cristiana, tomando conciencia de la importancia del juego en la catequesis. Abordamos la lúdica en el ser humano con una visión teológico-pastoral. En el tercero, reflexionamos sobre el modo de actuar y practicar en nuestra acción pastoral, con el juego como camino participativo que se integra en el itinerario de Iniciación a la Vida Cristiana. La presencia del catequista es crucial para el crecimiento de la persona catequizada. La unión entre catequesis y liturgia es insustituible. Así, la lúdica inserta en este proceso ayudará a la experiencia sensorial, siendo utilizada en la liturgia, en las redes sociales, enfrentando el desafío de anunciar el Evangelio, brindando reflexión, a través del estilo de inspiración catecumenal.

Palabras clave

Catecismo; Iniciación a la Vida Cristiana; Lúdico.

Sumário

1. Introdução	10
2. A Catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã	14
2.1. A Catequese na ação Evangelizadora da Igreja	14
2.2. A inspiração catecumenal: do Concílio Vaticano II aos nossos dias....	22
2.3. O simbólico como elemento da inspiração catecumenal... ..	27
Conclusão	40
3. A dimensão lúdica no ser humano e a Iniciação à Vida Cristã.....	41
3.1. O ser humano sensível e expressivo	41
3.2. O lúdico no desenvolvimento da comunicação	48
3.3. O lúdico e sua relevância para a IVC	58
Conclusão	65
4. As dimensões querigmática e mistagógica desenvolvidas nos processos da IVC a partir do lúdico.....	66
4.1. As dimensões querigmática e mistagógica do lúdico	66
4.2. O lúdico nos encontros catequéticos, no espaço litúrgico e nas mídias sociais	69
4.3. A beleza lúdica alargando horizontes.....	86
Conclusão	94
5. Conclusão	95
6. Referências Bibliográficas.....	101

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA	Decreto Apostolicam Actuositatem
AG	Decreto Ad Gentes
AL	Amoris Laetitia
AM	Antiquum Ministerium
CDC	Código de Direito Canônico
CELAM	Conferência Episcopal Latino Americano
ChD	Decreto Christus Dominus
CIGC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CR	Catequese Renovada
CT	Exortação Apostólica Catechesi Tradendae
DAp	Documento de Aparecida
DCG	Diretório Catequético Geral
DNC	Diretório Nacional de Catequese
DP	Documento de Puebla
DpC	Diretório para a Catequese
DV	Dei Verbum
EG	Evangelii Gaudium
EN	Evangelii Nuntiandi
FT	Fratelli Tutti
GeE	Gaudete et Exsultate
GS	Gaudium et Spes
IVC	Iniciação à Vida Cristã
LG	Lumen Gentium
PO	Presbyterorum Ordinis
QA	Querida Amazônia
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	Sacrosanctum Concilium

1 Introdução

A Iniciação à Vida Cristã (IVC) é o novo paradigma na ação evangelizadora da Igreja do Brasil. Seminários, congressos e formações, estão sendo oferecidos para que Bispos, Padres e Catequistas se debrucem sobre este processo na vida pastoral da comunidade. São várias as iniciativas para aproximar as pessoas da Palavra de Deus e conduzi-las ao seu mistério, especialmente as crianças. O lúdico é uma proposta bem-vinda a ser trabalhada na catequese, pois atrai, envolve, desperta e impulsiona a nossa imaginação.

O lúdico é um caminho iluminador para a transmissão da fé, e a nossa pesquisa quer enfatizar sua importância no itinerário da Iniciação à Vida Cristã. Percebemos que as famílias hoje não transmitem a fé com tanto empenho. Sendo assim, nos preocupamos com o ingresso das crianças, adolescentes e jovens no caminho eclesial, de vivência comunitária, de seres humanos amantes da pessoa de Jesus Cristo, das quais também irão anunciar e conduzir outros, formando discípulos missionários.

Nossa reflexão e preocupação concentram-se no público infantil, uma vez que sua primeira infância é muito lúdica, como relata Maria Montessori. Entendemos que abordar atividades lúdicas que contribuam com a transmissão da fé faz as crianças se beneficiarem no caminhar eclesiológico. O lúdico, o jogo, a brincadeira, o teatro, o fantoche contribuem para o aprendizado, socialização e desenvolvimento, além de tornar o ambiente mais leve, atraente e envolvente, tanto para as crianças quanto para os pais que as auxiliam.

A presente pesquisa tem como objeto, o diálogo entre o lúdico e a catequese. Propõe à Iniciação à Vida Cristã (IVC), a utilização do lúdico como ferramenta no processo querigmático e mistagógico das crianças, adolescentes, jovens e adultos, nos encontros de catequese, nas celebrações litúrgicas e nas mídias sociais. Apontamos que a maneira de transmitir a mensagem é de suma importância para que aconteça um impacto na vida de quem recebe.

Os limites de nossa pesquisa se situam na escassez de material sobre o lúdico na dimensão querigmática e mistagógica dentro do processo iniciático da fé, tornando essa dissertação, de certa forma, breve em extensão. Embasamo-nos no lúdico como ferramenta auxiliar na transmissão da fé, atribuindo-lhe um papel

importante na memória afetiva do ser humano, que impacta diretamente na construção do caráter, personalidade e valores. Ao pensar no uso do lúdico para propagar a Palavra de Deus, é necessário usar uma linguagem em que alcance o coração do ser humano com a mensagem da salvação, através de algo envolvente que conduza à abertura e à escuta atenta, e o tornando-o discípulo.

Essa pesquisa nasceu de uma preocupação direcionada especialmente às crianças. Expresso um sentimento pessoal, compreendo que é fundamental para dar base a esta dissertação. Durante minha catequese na infância, vivenciei muitos momentos marcantes, tanto nos encontros de catequese quanto nas Celebrações da Palavra, Missas e Para-liturgias, onde os catequistas nos envolviam em peças de teatrais. Lembro-me do constante pedido da catequista para que, na semana seguinte à celebração, relatássemos a ela, durante o encontro de catequese, o que foi dito no Evangelho de Domingo anterior, e assim fazíamos. As pessoas que interpretavam os personagens do Evangelho davam vida ao conteúdo evangélico e se tornavam foco de nossas conversas e partilhas. Além disso, nessas atividades, as famílias eram convidadas, o que nos fazia sentir muito importantes ao apresentar algo diante de nossos pais que estariam ali presentes. Essa memória afetiva é profundamente marcante.

Sendo assim, esta dissertação apresenta uma hipótese: o lúdico é muito importante na Iniciação à Vida Cristã, tanto no querigma quando no mistagogia, ao longo da vida das crianças, perpassando as fases da adolescência, juventude e idade adulta. A foco do nosso estudo está na catequese enquanto serviço aos processos da Iniciação à Vida Cristã com a proposta do uso do lúdico. Portanto, buscamos desenvolver meios de transmissão da fé entre os pais e seus filhos.

Entretanto, é necessário descrever e esclarecer os elementos que norteiam a nossa pesquisa. A partir deste estudo da área de Teologia Sistemático-Pastoral, que aborda questões atuais de Pastoral Profética, revela a importância de chamar a atenção das pessoas, envolvê-las emocionalmente e despertar um forte interesse e paixão pela mensagem contida na Palavra de Deus e seu seguimento. Nosso objetivo é incitar no imaginário dos participantes da catequese o amor pela Sagrada Escritura, uma das fontes da teologia, que nos oferecem fundamentos para os métodos utilizados na IVC.

Precisamos estimular o cultivo pelo belo e da ternura, despertar emoções que se relacionem principalmente com a Palavra de Deus, e utilizar elementos artísticos

na catequese não somente para enriquecimento espiritual, mas também para abordar de forma criativa e resolver desafios que possam surgir. Assim, essa dissertação está organizada de modo a compreender o contexto histórico da Igreja na transmissão da fé e nos conduzir para compreender a dimensão lúdica na catequese. Dividimos o nosso estudo em quatro capítulos, sendo o primeiro a Introdução.

No segundo capítulo, abordaremos a catequese a serviço da Iniciação à vida Cristã. A adesão à pessoa de Jesus Cristo se dá por meio de um processo que chamamos de catequese, o qual é um espaço de reflexão sobre a tomada de consciência do sentimento de pertencimento à comunidade e a importância de se ter itinerários de Iniciação à Vida Cristã. Isso promove a conversão da comunidade numa permanente missionariedade, sendo um modelo catecumenal um elemento fundamental nesse processo.

No terceiro capítulo, abordaremos dimensão lúdica no ser humano e a Iniciação à Vida Cristã. A expressividade e sensibilidade são características do ser humano, e a busca por estabelecer uma conexão com Jesus Cristo nos leva a esforços para encontrar um caminho que nos conduza a uma experiência transcendente. Acreditamos que o lúdico favorece esse contexto, uma vez que a Igreja sempre está preocupada com o ser humano e sua história. Especialmente no caso das crianças, o lúdico estimula a imaginação, e auxilia na formação de seu caráter, possibilitando a absorção de conteúdo, na sua autoconstrução e interação social. No entanto, o ambiente precisa ser preparado e pensado com muito amor e carinho. O lúdico, compreendido como elemento essencial, não apenas favorece a comunicação e aprendizagem, mas também desempenha um papel crucial na experiência da fé.

No quarto capítulo, apontaremos caminhos para as dimensões querigmática e mistagógica desenvolvidas nos processos da IVC a partir do lúdico. A Iniciação à Vida Cristã promove um movimento antropológico e eclesiológico, sendo, portanto, essencial reconhecer sua importância no processo de formação de qualquer pastoral, é necessário reconhecer a importância dela. Na liturgia, a inserção da criança é de suma importância, e envolver o lúdico se torna propício para um encontro com Deus, pois desperta o interesse da pessoa. Temos então a oportunidade de envolver as famílias no caminho mistagógico. É benéfico termos jogos e atividades lúdicas que levam à reflexão sobre o Sagrado, pois isso potencializa a Iniciação à Vida Cristã. Isso se torna interessante para a Igreja, pois

desperta o amor pela fé, pela Igreja, pelo conhecimento da Doutrina e da Tradição e o lúdico pode ser a abordagem para esse caminho.

O presente estudo será fundamentado em pesquisa bibliográfica, em trabalhos acadêmicos e em livros publicados sobre o tema proposto. Pretendemos não apenas explorar a relevância da dimensão lúdica, mas também enfatizar que as abordagens lúdicas podem influenciar positivamente no crescimento espiritual e humano das pessoas envolvidas.

2

A catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã

A catequese é um processo de educação da fé que leva à adesão pessoal a Cristo e amadurecimento da vida cristã. A Iniciação à Vida Cristã tem sido um tema prioritário na vida da Igreja, especialmente após o Concílio Vaticano II, que impulsionou uma caminhada expressiva no campo bíblico-catequético. Este texto discute a importância de oferecer itinerários de iniciação que estimulem as pessoas a desenvolver um autêntico sentimento de pertença à comunidade cristã.

A comunidade é vista como origem, lugar e meta da catequese e é essencial para a vocação cristã. O processo de iniciação à vida cristã centra-se na conversão da comunidade de comunidades missionárias. O catecumenato é destacado como um paradigma para a iniciação à vida cristã, com a mistagogia sendo um elemento fundamental. Por fim, é proposto que o processo catequético de formação adotado pela Igreja, à iniciação à vida cristã, seja assumida em todo o continente latino-americano como a catequese básica e fundamental. Nos ambientes celebrativos para despertar o interesse e a motivação dos participantes, possam unir o lúdico aos símbolos como inspiração para transmissão da mensagem, caso o momento for pastoralmente propício.

2.1

A Catequese na ação evangelizadora da Igreja

No processo de educação da fé, a catequese tem papel fundamental desde a origem da Igreja. Ela “promove a adesão pessoal a Cristo e o amadurecimento da vida cristã”¹, visto que “a catequese é, portanto, pedagogia em ação da fé que realiza uma obra de iniciação, educação e ensinamento, tendo sempre bem clara a unidade entre o conteúdo e a modalidade na qual é transmitido”².

A catequese é um dos métodos pedagógicos mais antigos e importantes. “Catequizar (*catá-ekhén*) em seu sentido grego original significa “fazer ressoar aos ouvidos”, e no Novo Testamento indica: informar, instruir, ensinar de viva voz”³.

¹ DpC, 313.

² DpC, 166.

³ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 25.

É realizada através da instrução religiosa dada à pessoa, geralmente sob a forma da leitura da Palavra de Deus e de entendimento sobre a Doutrina Católica. Ao longo da história da Igreja, foram diversas as formas de catequese.

Essa formação orgânica é mais do que um ensino: é um aprendizado de toda a vida cristã, “uma iniciação cristã integral”, que favorece um autêntico seguimento de Cristo, centrada na sua pessoa. Trata-se, de fato, de educar ao conhecimento e à vida de fé, de tal maneira que o homem no seu todo, nas suas experiências mais profundas, se sinta fecundado pela Palavra de Deus. Ajudar-se-à, assim, o discípulo de Cristo a transformar o homem velho, a assumir os seus compromissos batismais e a professar a fé a partir do coração⁴.

Sendo assim, absorvemos da Sagrada Escritura que os primeiros processos catequéticos do NT eram propostos pelo maior catequeta e mistagogo já conhecido, Jesus de Nazaré. “Jesus formou discípulos e discípulas, instruindo-os com sua original atitude de acolhida, de compreensão e de valorização das pessoas, principalmente das marginalizadas”⁵. Convivendo com o mestre, esses assimilaram para suas vidas que a vivência entre irmãos e irmãs, na busca de esperança de vida plena para todos, se torna o principal.

“Esta esperança não trará um fugir do mundo rumo a um futuro, mas vai impulsionar um agir transformador, em vista deste futuro”⁶, do caminho querigmático-mistagógico. Trazendo um sentido para vida, é de suma importância ter como meta o que nos é indicado no início da Igreja Primitiva: o encontro, o anúncio, a catequese e o batismo. “Através de sua mensagem, de sua morte e ressurreição, Ele nos deu a vida divina: dimensão insuspeitada e eterna da nossa existência terrena”⁷.

A busca da vivência do amor, apresentada por Jesus o filho do carpinteiro, foi, é e será sempre buscada por aqueles que abrem seu coração para experimentar as belezas que provem de seus gestos de amor e salvação. “Agostinho descobriu tarde a sedução da pessoa e da proposta de Jesus. Outras grandes figuras da Igreja trilharam esse caminho”⁸.

A pessoa não nasce cristã, a mesma vai se tornando cristã e, “há muitos séculos, Tertuliano já dizia que “os cristãos se fazem, não nascem”. Isso vale para qualquer religião. Para “tornar-se” algo novo é preciso passar por um processo de

⁴ DGC, 67.

⁵ Doc. 107, 40.

⁶ KUZMA, Por uma esperança responsável, p. 293.

⁷ DP, 330.

⁸ CNBB, Estudos 97, 4.

iniciação que envolve mais do que conhecer ideias”⁹. A iniciação é o passo fundamental para o seguimento de Jesus. Após sua morte e ressurreição houve o anúncio realizado pelos primeiros discípulos e a estruturação das primeiras comunidades. Com isso, surge também um novo modelo de catequese denominado “catecumenato”.

O caminho da iniciação ficou evidente, a partir do século II, com a estruturação do catecumenato para promover a introdução dos novos convertidos na vida da Igreja. O objetivo era o aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo e a tudo que ele revela. Era o caminho ordinário para conduzir os adultos (e não as crianças) aos mistérios divinos, à profissão de fé e à participação na comunidade. Teve seu período áureo entre os séculos III a IV¹⁰.

A pedagogia usada pelos catequistas e comunidade contou com métodos diversificados para proporcionar uma experiência de aprendizado e interação, até meados do século V. A metodologia se concentrou na organização do mistério da fé e na promoção das expressões litúrgicas que melhor refletiam o anúncio e a vivência da fé cristã.

Até meados do século V era comum o Batismo de adultos após um longo período de preparação genericamente chamado de catecumenato. A pedagogia usada pelos catequistas e comunidade proporcionava uma rica experiência de interação da catequese com as celebrações da Palavra, as bênçãos, exorcismos, as entregas do Creio e do Pai-Nosso, os escrutínios e a conversão progressiva que se esperava do candidato. Durante esse tempo, a metodologia se organiza no mistério da fé e estabelece expressões litúrgicas mais coerentes com o anúncio e a vivência da fé¹¹.

Durante a estruturação do catecumenato, o Imperador Romano Constantino I declarou o Cristianismo como a religião oficial do Império em 313 d.C., que foi seguido por leis que proibiam o paganismo e a perseguição aos cristãos. Assim, após o século V o catecumenato deixa de ser necessário onde todos deveriam se tornar cristãos e por isso foi paulatinamente desaparecendo.

Aos poucos, na cristandade medieval, os sacramentos da iniciação cristã eram celebrados sem muita relação entre eles. O Batismo de crianças se tornou prática comum, desligando-se de sua relação com a Crisma e a Eucaristia. A fé encontrava expressão nas devoções aos santos, nas peregrinações, nas penitências. Grande importância passaram a ter as orações decoradas. A Bíblia era proclamada nos sermões, encenada ao longo das procissões e festas e representada na pintura, na escultura, no teatro, nos cantos e nas narrativas populares, mas não estava nas mãos do povo. Era uma catequese da piedade popular¹².

⁹ CNBB, Estudos 97, 11.

¹⁰ CNBB, Estudos 97, 16.

¹¹ NUCAP, Do visível ao invisível, p. 26.

¹² Doc. 107, 44.

Sobre catequese, algumas ajudas foram publicadas pela Igreja. Não podemos deixar de mencionar o

Catecismo dos párocos do Concílio de Trento (1566), Cartilha doutrinal, Manual eclesiástico para todo fiel católico, Catecismo índico da língua Kariris em Lisboa 1709, adotado no Rio de Janeiro o Catecismo Romano e a Cartilha do Mestre Inácio na metade do século XVIII¹³.

Demonstrando uma preocupação com a catequese, a Igreja publica uma Encíclica que passou a instruir a educação da fé. Ressaltamos que o Brasil se beneficiou dessas contribuições, pois ajudaram a catequese a se desenvolver no país. Sendo assim, o movimento catequético no Brasil é inspirado pela Acerbo Nimis do papa Pio X.

O papa Pio X publicou, em 1905, a Encíclica Acerbo Nimis, na qual, “deplorando a chaga da ignorância religiosa”, aponta a instrução religiosa como o modo de curá-la. A Encíclica foi a primeira que o magistério pontifício dedicou à catequese no longo período que vai de 1905 ao ano da exortação apostólica *Catechesi Tradendae* de João Paulo II, em 1979. Com isso, a catequese de instrução ganhou mais força, e o modelo da catequese em forma de escola encontrou lugar na catequese brasileira¹⁴.

Podemos dizer que devido ao contexto eclesial e histórico não foi possível um olhar mais integrativo e vivencial nos formulários feitos pela Acerbo Nimis, para que se adentrasse mais na vida comunitária e missionária da Igreja, fazendo com que os leigos tomassem mais consciência de assumirem a vida pastoral de suas comunidades, base para os sacramentos e continuidade da vida eclesial.

Ousamos em dizer que era necessário mais querigma. “O conceito de *querigma*, tanto no Novo Testamento como na tradição cristã que se segue, significa justamente esse Núcleo central da pregação apostólica, aquilo que se torna a raiz geradora de toda fé cristã”¹⁵.

Apesar do Concílio Vaticano II “muito pouco tenha dito explicitamente sobre o tema catequese, seu impacto real no campo catequético foi determinante e profundo¹⁶”. Apoiados nos textos do concílio ecumênico, temos belas contribuições na história.

Em 1979 temos a Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, afirma: “que na catequese é Cristo, Verbo Encarnado e Filho de Deus, que é ensinado e tudo o resto sempre em relação com Ele; e que somente Cristo ensina; qualquer outro que

¹³ CALANDRO, A. E., Processos de iniciação à vida cristã e resiliência, 2019, p. 27.

¹⁴ CALANDRO, A. E., Processos de iniciação à vida cristã e resiliência, p. 28.

¹⁵ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 24.

¹⁶ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 35.

ensine, fá-lo na medida em que é seu porta-voz¹⁷”. Nada mais resta entender que “ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo e convidando-as para segui-lo, ou não cumprimos nossa missão evangelizadora”¹⁸.

Totalmente abandonado em Deus, ao fazerem a experiência de iniciar uma vida cristã, as pessoas são confrontadas com a Boa Nova anunciada, que traz ao conhecimento de todos que a salvação é oferecida através do sacrifício de Cristo na cruz, resgatando o homem do poder do pecado. Impulsionados por essa novidade, no século XVIII, aconteceu a Revolução Francesa, que trouxe consigo várias mudanças políticas e sociais, impactando significativamente a Igreja Católica.

Isso levou à catequese ser vista como uma prática não obrigatória, o que permitiu aos franceses mais liberdade para expressar suas crenças. Na sociedade, temos exemplos de pessoas que fizeram experiência em Cristo, e o Espírito Santo, que habita em nós, fez frutificar e florescer um novo senso de esperança na Igreja.

Grandes santos pertencem a essa corrente: Vicente de Paulo, Luísa Marillac, João Batista de la Salle, Francisco de Sales, Pierre de Bérulle, João Eudes e Jean-Jacques Olier, com suas respectivas fundações, métodos e pedagogia catequéticas. Na França também nasceu o “catecismo histórico” de Claude Fleury, que adota o método narrativo, tornando o catecismo mais atraente e sem deixar a exposição doutrinária. Daí derivaram depois as Histórias Sagradas: a Bíblia é mais conhecida então através de seleções de fatos, omitindo-se o que poderia escandalizar adultos e crianças (censura...!). São João Bosco, fundador da família salesiana e grande educador do século XIX, também escreveu sua História Sagrada, de grande sucesso editorial.¹⁹

Precisamos ter a consciência do seguimento a Jesus, o Bom Pastor, que nos dá liberdade para decidir e nos impulsiona a promover esperança à comunidade em que vivemos e no próximo que enfrenta em opressões existentes na sociedade, instruindo caminhos de libertação. Os discípulos missionários trazem a luz do Evangelho para aqueles que ainda não se encontraram com Deus.

Como núcleo e centro da sua Boa Nova, Cristo anuncia a salvação, esse grande dom de Deus que é libertação de tudo aquilo que oprime o homem, e que é libertação sobretudo do pecado e do maligno, na alegria de conhecer a Deus e de ser por ele conhecido, de o ver e de se entregar a ele²⁰.

A catequese, portanto, é uma parte importante da ação evangelizadora e uma ferramenta para a evangelização. Ela possibilita que aqueles que procuram conhecer

¹⁷ CT, 6.

¹⁸ DAp, 287.

¹⁹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 48-49.

²⁰ EN, 9.

a fé cristã possam entender melhor os ensinamentos da Igreja e que aqueles que já possuem uma compreensão da fé possam crescer espiritualmente.

Globalmente, pode-se partir da noção de que a catequese é uma educação da fé das crianças, dos jovens e dos adultos, a qual compreende especialmente um ensino da doutrina cristã, dado em geral de maneira orgânica e sistemática, com o fim de os iniciar na plenitude da vida cristã. Por esta razão, a catequese, sem se confundir formalmente com eles, anda ligada com certo número de elementos da missão pastoral da Igreja, que têm um aspecto catequético, que preparam a catequese ou que a desenvolvem, como sejam: o primeiro anúncio do Evangelho ou pregação missionária pelo «kerigma» para suscitar a fé; a apologética ou a busca das razões de crer; a experiência da vida cristã; a celebração dos Sacramentos; a integração na comunidade eclesial; e o testemunho apostólico e missionário²¹.

Como observamos, com o passar do tempo, a catequese foi adaptando novos paradigmas, saindo de uma catequese dogmática para uma realidade mais próxima da vivência do catequizando. “Já desde o Vaticano I, o tema da catequese estava ligado, sobretudo, à questão de um “catecismo universal”, para toda a Igreja. Ao iniciar a preparação do Vaticano II, essa ideia ainda predominava”²².

Vaticano II foi o nome dado ao Segundo Concílio Ecumênico do Vaticano, que se realizou entre 1962 e 1965. Convocado pelo papa João XXIII, reuniu mais de 2.000 mil bispos de todo o mundo para discutir questões de fé e práticas da Igreja Católica. Foi a partir desse concílio que a catequese recebeu uma atenção mais evidente.

A catequese tem a missão de fomentar a consciência e o aprofundamento da mensagem cristã. Dessa forma, ajuda a conhecer as verdades de fé cristã, introduz ao conhecimento da Sagrada Escritura e da Tradição viva da Igreja, favorece o conhecimento do Credo (*Símbolo da Fé*) e a criação de uma visão doutrinal coerente, da qual se pode fazer ponto de referência na vida²³.

Nosso objetivo não é trazer o desenvolvimento da catequese do século XVIII ao século XXI nesse estudo, porém, precisamos dizer que ela foi tomando forma na Idade Média, Moderna e Contemporânea, e que muitos contribuíram para tal transformação, indicando algumas direções.

O movimento catequético se deslocou em três direções consecutivas e interdependentes dentro da catequese: 1) o movimento *querigmático*, apontando para um retorno não só bíblico-litúrgico do ensino religioso, mas, sobretudo, para seu núcleo central em torno do Mistério Pascal; 2) o movimento *antropológico-experiencial*, deslocando o interesse para a pessoa do catequizando e sua experiência

²¹ CT, 18.

²² LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 74.

²³ DpC, 80.

vital dos mistérios da fé; e 3) o movimento *profético-libertador*, interessando-se pelas consequências sociopolíticas da vida cristã²⁴.

A Igreja no Brasil se baseia exatamente nessa direção catequética, que inclui o querigmático, antropológico-experiencial e o profético-libertador. Na América Latina, temos como novo paradigma a Iniciação à Vida Cristã, o que se torna o guarda-chuva para as demais pastorais, onde a catequese está a serviço da mesma. Parece algo distante de muitos o Evangelho, principalmente no seio familiar, porém, diga-se de passagem, que o Evangelho tem sido proclamado no continente americano desde os primeiros anos da vinda dos europeus para o Novo Mundo. “Antes mesmo de ter recebido dos missionários cristãos, a partir de 1492, a luz do Evangelho, o Espírito do Senhor já estava presente nas populações que habitavam o continente, posteriormente denominado América”²⁵.

Sendo assim, “Propriamente podemos falar de Movimento Catequético no Brasil a partir do padre Álvaro Negromonte”²⁶, nascido em 26 de outubro de 1901, natural de Pernambuco de uma cidade chamada Timbaúba, seu falecimento veio ocorrer no ano de 1964. Esse movimento ajudou os cristãos a compreender melhor a doutrina da Igreja e a viver de acordo com ela.

O Brasil elaborou o documento Catequese Renovada (CR) – Diretrizes e Conteúdos, em 1983, que foi um marco referencial para renovação da catequese no país. Teve aprovação na 21ª assembleia, foi baseado nos pressupostos teológico-pastorais do Concílio Vaticano II e sobe influência de Medellín, Puebla, Evangelii Nuntiandi e Catechesi Tradendae.

“A palavra de Deus foi assumindo cada vez mais um lugar central na educação da fé. A catequese passa a ser considerada um Ministério da Palavra de Deus, e a Bíblia como o texto por excelência da atividade catequética”²⁷.

Considera-se então que “O catecismo já não é o livro mais importante da catequese, mas sim a Sagrada Escritura embora muitos catequistas dependam quase totalmente do texto ou manual catequético”²⁸. Portanto qual sua finalidade? “O catecismo foi publicado primeiramente para os pastores e fiéis, e dentre esses especialmente para aqueles que têm uma responsabilidade no ministério da

²⁴ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 54.

²⁵ DNC, 65.

²⁶ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 62.

²⁷ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 179.

²⁸ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 250-251.

catequese na Igreja”²⁹. Seu texto é denso e contém um profundo teor teológico, sendo valioso para a instrução da fé católica, sintetizando a doutrina cristã em suas dimensões.

O Catecismo da Igreja Católica (daqui para a frente apenas Catecismo) é um típico produto do longo pontificado de São João Paulo II e, ao mesmo tempo, um dos maiores frutos do Concílio, embora não tenha sido querido por ele. O gênero literário catecismo é próprio do cristianismo: um texto que procura sintetizar a doutrina cristã em suas principais dimensões. Em geral era e é usado para designar pequenos textos orientados para a educação da fé de crianças, jovens e adultos. Porém, passou a significar também um texto mais desenvolvido e abrangente, que aborda, em profundidade, a essência da fé cristã³⁰.

Observamos os grandes esforços na renovação da catequese, destacando a Sagrada Escritura para educação da fé cristã. Porém não para por aí. Após o Concílio Vaticano II, houveram transformações na catequese e conquistas foram celebradas através do Sínodo sobre a Catequese e a Exortação Apóstolica *Catechesi Tradendae*. Tais conquistas foram estimuladas pelo Diretório Catequético Geral, pelo Sínodo sobre Evangelização e pela carta apostólica de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi*.

As conquistas catequéticas pós-conciliares, estimuladas pelo Diretório Catequético Geral (DCG, 1971), pelo Sínodo sobre Evangelização (1974) e pela carta Apostólica de Paulo VI *Evangelii Nuntiandi* (EN, 1975), concretizaram-se no Sínodo sobre a Catequese (1977) e na Exortação Apostólica que se lhe seguiu *Catechesi Tradendae* (CT, 1979), no Brasil foi de especial importância o texto da CNBB, *Catequese Renovada orientações e conteúdo* (1983). Surgido inicialmente como resposta à necessidade de renovar o conteúdo da catequese, sua elaboração enveredou-se pela busca dos princípios e diretrizes básicas da ação catequética³¹

No Brasil, o Documento *Catequese Renovada* orientou com o conteúdo na renovação da catequese, pois o mesmo traz em si a importância histórica e teológica contida nesses documentos, na busca de adentrar os diversos contextos e culturas. CR é um documento da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil). “A CNBB foi o primeiro episcopado a sair do Concílio com um plano de pastoral articulado, revolucionário, refletindo as grandes intuições de seus principais documentos”³².

Assim, para entendermos sobre o movimento catequético, hoje iniciação à vida cristã, iluminado pelo Concílio Vaticano II, gostaríamos de demonstrar alguns passos que surgiram de reflexões do mesmo. No entanto, nosso objetivo não é tratar

²⁹ DpC, 185.

³⁰ LIMA, L. A., *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*, p. 145.

³¹ DNC, 11.

³² LIMA, L. A., *A catequese do Vaticano II aos nossos dias*, p. 114.

de todo o processo já percorrido, mas sim demonstrar a renovação na Igreja, na catequese pós-concílio.

2.2

A inspiração catecumenal: do Concílio Vaticano II aos nossos dias

Na história da Igreja, surgiram diversos modelos de catequese. No movimento catequético, ganha destaque a solicitação do Concílio Vaticano II para a restauração do catecumenato. Atendendo a esse pedido é publicado em 1972 o Ritual da Iniciação Cristã de Adultos (RICA). Atualmente a Igreja vê o catecumenato como o modelo inspirador de toda a Catequese, que está a serviço da Iniciação à Vida Cristã.

Para falar sobre Iniciação a Vida Cristã, é preciso olhar para o passado, para compreendermos o movimento catequético, pois “desde o século II, a iniciação cristã se fazia através do catecumenato”³³. Isso permite que as pessoas possam conhecer mais sobre a fé cristã, compreender melhor o que é ensinado pela Igreja e descobrir um modo mais profundo de viver o evangelho.

Os processos iniciáticos que culminam nos sacramentos da Iniciação à Vida Cristã, introduzem o crente no mistério de Cristo e da Igreja. Neste sentido, a expressão “Iniciação à Vida Cristã”, se refere tanto ao caminho catequético catecumenal de preparação aos sacramentos, quanto aos próprios sacramentos que marcam a iniciação e a vida que deles nasce³⁴.

O processo catequético é estruturado com base na Sagrada Escritura, Catecismo, nos documentos da Igreja e na Tradição, mas também permite que o introdutor/catequista explore as várias dimensões da fé católica. Isso oferece maneiras de conectar os ensinamentos da Igreja com a vida dos catequizandos, dando oportunidades para que possam refletir sobre sua própria vida e sobre o que eles têm a oferecer ao mundo, como testemunhas da fé.

Conhecendo a história da Igreja os processos catequéticos, podemos entender melhor as possibilidades e limites de atuação do catequista. Ao mesmo tempo, ter noção das realidades históricas nos possibilita pensar de forma mais profunda as respostas que serão dadas ao convite de Deus. Compreenderemos as intenções do Evangelho e o que Deus espera de nós, começando desde quando somos

³³ CNBB, Estudo 97, 43.

³⁴ Doc. 107, 124.

incorporados à família de Deus pelo Sacramento do Batismo que recebemos. “Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus: tornamo-nos membros de Cristo, somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão”³⁵. Diante do contexto bíblico, “os testemunhos evangélicos, Jesus foi batizado por João, e o batismo foi desde o início um rito de iniciação cristã, um gesto de incorporação ao povo da nova aliança e um símbolo do perdão de Deus”³⁶, já com o público infantil não se havia preocupação.

O Novo Testamento, escrito a partir de uma situação missionária, não fala explicitamente do batismo infantil, mas do batismo de conversão, por meio do qual judeus e pagãos como adultos convertidos entram na comunidade cristã. Os textos do Novo Testamento não fornecem dados diretos sobre o batismo de crianças, pois para as primeiras comunidades essa questão não era importante³⁷.

O Concílio Vaticano II abriu um campo vasto de reflexões para adentrarmos na vida da Igreja e, em contrapartida, fez com que a reflexão por ele feitas, chegassem ao Povo de Deus, “já havia decidido pela restauração do catecumenato, com seu tempo de mistagogia, para as pessoas que aderem pela fé a Jesus Cristo e querem fazer parte da comunidade cristã”³⁸. Como já dito no decorrer desta pesquisa, Cristo é o verdadeiro mistagogo, e por nós sua mensagem deve ser assumida, portanto devemos anunciar a Boa-Nova a todos os povos, catequizar, ter uma pregação querigmática e mistagógica, para fazermos discípulos missionários.

Não temos outra felicidade nem outra prioridade senão ade sermos instrumentos do Espírito de Deus na Igreja, para que Jesus Cristo seja encontrado, seguido, amado, adorado, anunciado e comunicado a todos, não obstante todas as dificuldades e resistências. Este é o melhor serviço – o seu serviço! – que a Igreja deve oferecer às pessoas e nações³⁹.

Alguns dos princípios do antigo catecumenato foram recuperados, como o acompanhamento pessoal dos candidatos, a inserção dos catecúmenos na vida da comunidade e o foco na formação da fé e na união com Cristo, com forte ênfase no serviço e na vida missionária. O objetivo é que os catecúmenos se tornem missionários leais, servindo à comunidade e anunciando a boa-nova de Cristo.

A atual renovação do catecumenato foi consideravelmente influenciada pela experiência do antigo catecumenato. Obviamente não se trata hoje de repeti-lo ao pé da letra, arqueologicamente. “Sem querer reproduzir então - diz o Sr. Dujarier -,

³⁵ CIGC, 1213.

³⁶ FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 52.

³⁷ FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 68.

³⁸ BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 114.

³⁹ DAp, 14.

devemos nos inspirar em seu espírito, em seus esforços e até em seus fracassos, para conseguir uma melhor iniciação na vida cristã hoje⁴⁰.

Podemos perceber em diversos documentos atuais a importância do catecumenato e da renovação catequética, até chegar a tê-los como modelo inspirador de toda ação evangelizadora. “Importantes publicações da Sé Apostólica marcaram os anos 70, já no pós-Concílio ... o Diretório Catequético Geral (DCG de 1971) e o Rito de Iniciação Cristã de Adultos (RICA de 1972)”⁴¹.

A publicação do DCG teve como objetivo proporcionar orientações para a catequese de adultos, crianças e adolescentes. Foi desenvolvido com base nos princípios da renovação catequética estabelecidos no Concílio Vaticano II. O RICA foi desenvolvido para ajudar a abordar o sacramento da iniciação cristã de adultos, oferecendo orientações sobre os processos de preparação, celebração e acompanhamento deste sacramento. Ambos os documentos foram desenvolvidos para ajudar os líderes da Igreja a promover uma renovação catequética.

Para levar a sério o caminho mistagógico apontado pelo Ritual de Iniciação Cristã de Adultos, devemos, primeiramente, compreender a relação entre a pastoral e o RICA. Portanto, é necessário que construamos essas pontes, de forma a reforçar a unidade entre a evangelização e a catequese, para que as pessoas possam crescer em fé e compreensão mutuamente, pois “há um indisfarçável abismo entre catequese e liturgia. teremos que levar em conta esta realidade e construir as necessárias pontes entre estas duas áreas da pastoral”⁴². Pois “A catequese não deve ser só ocasional, reduzida a momentos prévios aos sacramentos ou à iniciação cristã, mas sim “itinerário catequético permanente”⁴³ e as paróquias são locais de acolhida, de encontro, de diálogo e de partilha. Elas cumprem um papel fundamental na evangelização, na formação humana e cristã, e na promoção da justiça social.

Por meio da Iniciação à Vida Cristã, novo paradigma da evangelização, o crente é introduzido no mistério de Cristo e da Igreja, aprendendo a compreender e viver as exigências da vida cristã. A Iniciação à Vida Cristã tem início com a liturgia da Palavra, na qual o crente é chamado a ouvir a Palavra de Deus e a se disponibilizar para ser guiado por ela. É um processo de conversão que tem como

⁴⁰ FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 65 (Tradução nossa).

⁴¹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, 2016, p. 135 (citação indireta).

⁴² BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 130.

⁴³ DAp, 298.

objetivo reacender na pessoa a fé, a vida de comunhão com Deus e com a Igreja, bem como ajudar a crescer na consciência de seu chamado à santidade.

“O ministério da palavra, portanto, nasce da escuta e educa a arte da escuta, porque somente quem escuta pode também anunciar”⁴⁴. A escuta é fundamental para a proclamação da Palavra de Deus, pois ajuda a compreender a mensagem de Deus. “Pode acontecer, porém, que na própria oração evitemos de nos deixar confrontar com a liberdade do Espírito, que age como quer. Não nos esqueçamos de que o discernimento orante exige partir da predisposição para escutar”⁴⁵, do momento histórico específico e para a comunidade que ouve a Palavra.

Segundo Bento XVI, quando palavra e silêncio se integram reciprocamente, a comunicação ganha valor e significado. No silêncio se escuta e se conhece melhor a si mesmo, compreende-se com maior clareza aquilo que se ouve do outro. Silenciando-se, permite-se que o outro fale e exprima a si mesmo. Dessa forma, torna-se possível uma relação plena. Pelo silêncio podemos identificar a autêntica comunicação entre os que se amam. Dele brota a comunicação mais exigente, que é capacidade de escutar⁴⁶.

Nesse movimento de escuta, estaremos abertos a obediência da fé e sabidos da importância dos sacramentos que lhe são oferecidos. A pessoa cristã, despertada, encantada, convertida e conduzida, dará testemunho do sabor vivido e experienciado nesses elementos, portanto estará iniciada na fé. “A Deus que revela é devida a “obediência da fé” (cf. Rm 16,26; Rm 1,5; 2Cor 10, 5-6); por ela, entrega-se o homem todo, livremente, a Deus, oferecendo “a Deus revelador o obséquio pleno da inteligência e da vontade”⁴⁷, a catequese além “...de formar discípulos e seguidores de Jesus Cristo, adquiriram também o caráter de instrumento de socialização e inculturação⁴⁸”. Pois, o cristão estará mais apto e embasado no que prega e vive no seu ministério missionário.

O processo da iniciação a vida cristã se completa com um quarto tempo, chamado tradicionalmente de *Mistagogia*. Essa Palavra significa “conduzir ao mistério”, assim como pedagogia significa “conduzir a criança para o crescimento”. Daí se conclui que o catequista, mais do que um pedagogo, é um *mistagogo*, isto é, conduz o neófito mais e mais na descoberta de Jesus processo metodológico, significa educar na fé através dos sinais da liturgia, sobretudo o significado dos sacramentos que são os grandes mistérios da fé, que contêm e realizam em nós a salvação⁴⁹.

⁴⁴ DpC, 283.

⁴⁵ GeE, 172.

⁴⁶ QUIRINO, A. T., Teologia da Escuta, p. 41.

⁴⁷ DV, 5.

⁴⁸ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 19-20.

⁴⁹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 261.

O objetivo que se espera alcançar na Iniciação a Vida cristã é que seja entendida como antropológica e eclesiológica, onde, respectivamente, uma pessoa encantada e despertada em Jesus Cristo o vive particularmente, em família (antropológico). Mas não consegue ficar somente nisso, a pessoa transcende e caminha automaticamente para a vivência comunitária (eclesiológico), onde, convertida e impulsionada pelo ardor de um espírito inquieto para a missão, conduz à transformação da sociedade, direcionando e levando esperanças aos irmãos e irmãs. Isso faz a Iniciação a Vida Cristã ser um projeto pastoral na Igreja assumida por todas as instâncias.

A Iniciação à Vida Cristã, tem sido uma prioridade na vida da Igreja. Após o Concílio Vaticano II, pode-se perceber uma caminhada expressiva no campo bíblico-catequético. É cada vez mais urgente implantar, nas paróquias e dioceses, o itinerário da IVC, como um novo projeto, com o objetivo de inserir nos mistérios da fé e formar discípulos missionários de Jesus Cristo.⁵⁰

A catequese é uma atividade fundamental para que a Igreja e a sociedade latino-americanas possam alcançar uma verdadeira renovação da vida cristã, pois ela permite que as pessoas compreendam e vivenciem a fé cristã de forma mais profunda e consciente. Ajuda a desenvolver um espírito de comunhão entre os fiéis e a sociedade, criando um sentido de pertencimento a comunidade. Promove a reflexão crítica sobre a sociedade e as relações entre as pessoas, contribuindo para um diálogo mais profundo e significativo.

A obra evangelizadora que se efetua na catequese exige a comunhão de todos: ela requer ausência de divisões e que as pessoas se encontrem numa fé adulta e num amor evangélico. Uma das metas da catequese é precisamente a construção da comunidade⁵¹.

É importante que a catequese seja feita de forma colaborativa, que inclua a participação de todos os envolvidos. Neste sentido, tanto catequistas como pais devem se comprometer com o caminho de crescimento espiritual dos seus filhos. Para isso, é preciso que haja diálogo, interação e o compartilhamento de experiências entre todos os envolvidos na catequese. É válido abordar, de forma criativa temas de acordo com a realidade dos catequizandos.

Assim, será possível encontrar a melhor forma de transmitir os ensinamentos da fé cristã e se aproximar do público-alvo. Entendemos a catequese como serviço a iniciação à vida cristã, sendo assim, a mesma oferece a base teológica, doutrinária

⁵⁰ LEDO, J. S., A Via da Beleza na formação humano-cristã com catequista. p. 81.

⁵¹ DP, 992.

e espiritual necessária para a compreensão e vivência da fé cristã. Contribui para o desenvolvimento de um relacionamento profundo com Deus e com outras pessoas, ajudando a desenvolver a comunhão e a solidariedade entre os membros da comunidade.

A catequese “que consiste na educação ordenada e progressiva da fé” (Mensagem do Sínodo de Catequese, nº 1), deve ser atividade prioritária da América Latina, se quisermos conseguir uma renovação profunda da vida cristã e, com esta, uma nova civilização que seja participação e comunhão de pessoas na Igreja e na sociedade⁵².

Então, o catequista precisa ser um mestre da fé, este é responsável por ensinar sobre o Cristianismo. Ele não é somente um pedagogo, mas também um mistagogo, que ajuda a descobrir Jesus através de um processo metodológico, ensinando-o sobre os sinais e significados da liturgia e dos sacramentos. Na catequese, o catequista ajuda a compreender como a fé cristã pode ajudar na salvação. A utilização dos símbolos para adentrar o mistério da fé pode tornar as pessoas mais abertas a transformação em Deus, como chave disso nos tocam os simbolismos que despertam emoções, reflexão e imaginação, e de forma mais concreta conectam os catequizandos de maneira mais profunda a Palavra de Deus em suas vidas.

2.3

O simbólico como elemento da inspiração catecumenal

Todavia é importante oferecer itinerários de iniciação que estimulem as pessoas ao desenvolvimento de um autêntico sentimento de pertença à comunidade cristã em que participam. “A vida em comunidade é essencial à vocação cristã. O discipulado e a missão sempre supõem a pertença a uma comunidade. Deus não quis salvar-nos isoladamente, mas formando um Povo”⁵³. Sabendo que, “A comunidade cristã é a origem, o lugar e a meta da catequese. É sempre da comunidade cristã que nasce o anúncio do Evangelho, que convida os homens e as mulheres à conversão e a seguirem Cristo”⁵⁴. Logo, “O processo de Iniciação à Vida Cristã incide sobre a conversão da comunidade de comunidades missionárias”⁵⁵. Numa crescente secularização e distanciamento das tradições, se torna desafiador

⁵² DP, 977.

⁵³ DAp, 164.

⁵⁴ DpC, 133.

⁵⁵ Doc. 107, 225.

formar cristãos comprometidos com sua fé. “Numa cultura moderna quase que pós-cristã (cf. CT, n. 57; DGC, n. 110d) a Igreja se vê diante da necessidade de uma real iniciação, para formar cristãos que realmente assumam o projeto do Reino”⁵⁶. Portanto, “Na iniciação à Vida Cristã, apresenta-se o mistério da Igreja, comunidade que, pela ação do Espírito, vive e revela a presença do Ressuscitado no mundo (dimensão eclesiológica)”⁵⁷. Assim, a comunidade é o lugar para o anúncio do Evangelho e o local em que as pessoas são convidadas a encontrar-se com Deus, serem conduzidas aos serviços de caridade aos necessitados, promover a educação cristã e ajudar a criar comunidades de fé.

“O mistério carrega um aspecto de segredo: ele é experimentado e vivido apenas pelos iniciados. Mas há também a necessidade de anúncio, de proclamação da Boa-Nova”⁵⁸. E quem irá ser o incentivador dessa missão? “O Espírito Santo, o verdadeiro protagonista de toda a missão eclesial, age tanto na Igreja quanto naqueles aos quais ela deve alcançar e pelos quais, de alguma forma, ela deve deixar-se alcançar”⁵⁹. Nos mostrando que “o importante é formar discípulos que praticam a fraternidade e o amor ao próximo e queiram ir sempre mais adiante no caminho de Jesus”⁶⁰.

Assim, “O poder do Espírito e da Palavra contagia as pessoas e as leva a escutar Jesus Cristo, a crer n’Ele como seu Salvador, a reconhecê-lo como quem dá pleno significado a suas vidas e a seguir seus passos”⁶¹. Os dons do Espírito são inúmeros, “Os novos movimentos e comunidades são um dom do Espírito Santo para a Igreja. Neles, os fiéis encontram a possibilidade de se formar cristãmente, crescer e comprometer-se apostolicamente até ser verdadeiros discípulos missionários”⁶². E as atividades pastorais nos ajudam a entender o movimento do Espírito Santo.

As paróquias manifestam o rosto do povo de Deus que está aberto a todos, sem juízo de pessoas. Elas são “o ambiente ordinário no qual se nasce e se cresce na fé”⁶³. “As paróquias estão atualmente empenhadas em renovar a dinâmica relacional e a tornar suas estruturas abertas e menos burocratizadas”⁶⁴.

⁵⁶ CNBB, Estudo 97, 49.

⁵⁷ Doc. 107, 89.

⁵⁸ Doc. 107, 85.

⁵⁹ DpC, 23

⁶⁰ Doc. 107, 156.

⁶¹ DAp, 279.

⁶² DAp, 311.

⁶³ DpC, 299.

⁶⁴ DpC, 301.

O Documento de Aparecida de 2007 ajuda a entender que há alguns critérios a serem seguidos para que a pessoa possa ser discípula missionária na ação evangelizadora. Por isso, é indispensável uma formação integral, que inclua um anúncio querigmático e mistagógico, o qual deve ser permanente conforme o avanço de cada um neste processo. Os programas de iniciação devem oferecer oportunidades para que os, jovens e adultos possam compreender melhor a mensagem do Evangelho e o significado de ser um cristão, não esquecendo de incentivar a participação de crianças e adolescentes nas atividades de iniciação, pois esses são os mais susceptíveis de serem influenciados por ambientes culturais modernos.

“A criança é capaz de manter uma relação com Deus e o faz de forma muito espontânea e pura. Consegue perceber a beleza, a justiça e a bondade de Deus, ao reconhecer a Criação, a amizade e os gestos de valorização da vida”⁶⁵. Portanto é de suma importância que na “Iniciação à Vida Cristã com crianças, devem predominar a convivência em clima de fé, o amor como caminho para a experiência do transcendente e a relação do que lhe é comunicado sobre Deus com a vida prática”⁶⁶.

É importante que a Igreja ofereça espaços para o diálogo entre as pessoas. Proporcionar momentos lúdicos, destacar os símbolos, para que a imaginação floresça e desperte nos participantes o encantamento pela Palavra de Deus, pela vivência na comunidade de fé, tornando-os discípulos missionários.

Símbolo” provém do termo grego *symbolon*, derivado do verbo *sym-ballein*, que, em seu sentido primeiro, significa “lançar com, pôr junto com, juntar”. Daí decorrem alguns sentidos que nos interessam de modo particular: “comparar, trocar, encontrara-se, explicar”⁶⁷.

Os símbolos permitem a construção de linguagens simbólicas, evocam emoções, facilitam a aprendizagem e ajudam a compreender mensagens, mesmo as mais complexas, tornando-as mais simples para determinados públicos. São uma poderosa ferramenta para a criação mental de imagens, ajudando a envolver toda uma comunidade. A partir dessa base, notamos que os símbolos permitem captar significados profundos que transcendem a realidade humana.

⁶⁵ Doc. 107, 211.

⁶⁶ Doc. 107, 212.

⁶⁷ GIRARD, M., Os símbolos na bíblia, p. 24.

O símbolo é um “conjunto de elementos sensíveis em que os homens, seguindo o dinamismo das imagens, captam significados que transcendem as realidades concretas”⁶⁸. Podemos através dos símbolos, acessar o Divino, pois eles possuem uma força de nos conectar com o mundo espiritual, atingindo as realidades do cotidiano se transformam e passam a ter um significado que perdurará para sempre dentro de nossos corações. São as maneiras pelas quais o simbólico transcende a vida concreta que vivemos.

“A partir do visível, ritos e símbolos, comunica-se uma realidade invisível escondido em cada gesto, ação, palavra ou elemento”⁶⁹. O espiritual e o humano podem ser desenvolvidos através da revelação que os símbolos produzem nos seres humanos, pois estimulam a imaginação e as fantasias. Eles transcendem as barreiras da linguagem, permitindo-nos expressar emoções e percepções, através dos simbolismos que nos envolvem.

Nossas ideias complexas se desenrolam através do simbolismo, pois nos cativando pela visão movendo-nos interiormente. O contato com o mundo simbólico nos desperta para os prazeres, recriando a realidade dentro de nós, nos tornando mais compreensíveis e acessíveis. Os símbolos comunicam aquilo que, diante de uma linguagem comum, talvez não seja compreensível. Portanto, o lúdico e o simbólico se tornam importantíssimos no desenvolvimento infantil, pois o simbolismo é peça fundamental na compreensão do mundo e no desenvolvimento humano.

Jogo simbólico, também chamado de faz-de-conta, caracteriza-se por recriar a realidade usando sistemas simbólicos, ele estimula a imaginação e fantasia da criança, favorecendo a interpretação e ressignificação do mundo real. É considerado por diversos autores como fundamental para o desenvolvimento, favorecendo a interação com o outro e possibilitando a expressão das emoções e percepções vivenciadas na relação que a criança estabelece com o mundo real⁷⁰.

Enfatizemos o que os símbolos são capazes de fazer. Por exemplo, podem trazer em nós reflexões sobre a natureza deles e a relação com a liturgia. Os significados que carregam permitem que capturemos intuitivamente o que desejam comunicar. Na liturgia, a simbologia, essa linguagem ritual, nos levam à história

⁶⁸ SARTORE, D., Sinal/Símbolo. Dicionário de Liturgia. p, 1142.

⁶⁹ PARO, T. A. F., A dinâmica simbólico-ritual da iniciação a vida cristã. p, 42.

⁷⁰ RUBIO, J. A. S; SILVA, R. A. S., A Utilização do Jogo Simbólico no Processo de Aprendizagem na Educação Infantil, p. 3.

daquele que estamos nos esforçando para comunicar sua salvação por todos nós: Jesus Cristo.

“Todos os símbolos são sinais, mas nem todos os sinais são símbolos. Os sinais não simbólicos recebem sua significação como que de fora, pela convenção entre os membros de um determinado grupo cultural”⁷¹. Nosso esforço é mostrar que o símbolo na liturgia expressa a história de Cristo, e que atinge a cada um de nós em particular nos envolvendo-nos com o Salvador, permitindo que Ele entre em nossas vidas. Por isso, o simbolismo presente na liturgia, combinado com a cultura do povo que celebra, torna-se de grande relevância para a nossa vida e família, marcando nossa memória afetiva.

A liturgia enquanto celebração alimenta e expressa em linguagem ritual a linguagem interior, do coração, sem a qual os ritos perdem sua veracidade. Assim, a ação ritual liga as duas realidades: o acontecimento histórico da salvação da qual é ‘semelhança’ e nossa vida em Cristo’, no seguimento dele, morrendo e ressuscitando com ele ao longo de nossa vida⁷².

O simbolismo, nos ajuda na compreensão da liturgia e de nossa vida religiosa, expressa uma realidade espiritual. “Assim, em todo o processo de iniciação à vida cristã, é fundamental que o catecúmeno ou catequizando se aproxime dos ritos e símbolos que dão identidade a um povo e os levem a fazer Memória da fé celebrada”⁷³. A liturgia é esse conjunto simbólico que são significativos em sua comunicação, e aqueles que o apreciam trazem em si profundos aprendizados na vivência comunitária e espiritual.

Os espaços catequéticos não são acadêmicos, e sim para que os catequizandos possam fazer uma experiência da fé e uma experiência espiritual. No entanto, é de importância repensar os espaços de catequese encaminhando a vivência espiritual estabelecida em um vínculo com a liturgia, priorizando a oração, a partilha e o amor ao próximo em momentos celebrativos.

É preciso sair do esquema escolar, pois a catequese não é para instrução comportamental, mas sim à educação da fé. Portanto, o lugar do encontro de catequese deve ser acolhedor, já evidenciando as práticas pós-Concílio Vaticano II como inspiração fundamental, do qual tem um papel importante nesse processo de releitura da catequese a serviço da iniciação à vida cristã.

⁷¹ BUYST, Ione. Celebrar com Símbolos. p. 31.

⁷² BUYST, Ione. O Segredo dos ritos. p. 52.

⁷³ PARO, T. A. F., A dinâmica simbólico-ritual da iniciação a vida cristã. p. 50.

Além disso, o espaço de catequese na iniciação deve privilegiar a oração e os momentos celebrativos e de partilha, locais que não lembrem uma escola. Poderá nos ajudar numa nova concepção de espaço catequético, as práticas mistagógicas dos Santos Padres que utilizavam e partiam dos próprios espaços de celebração. O espaço litúrgico pode e deve ser visto como lugar de educação para a fé. A sua organização e disposição pós Concílio Vaticano II pode ser um modelo inspirador para os locais de catequese⁷⁴.

Uma forma de contribuição no processo de IVC, seria a utilização de imagens, brincadeiras, cantos, danças, fantoches, jogos, teatros e vídeos, onde seja destacada a mensagem da fé, ressaltando o amor e o cuidado com o próximo. Além disso, é importante que a Igreja se torne acessível a todo tipo de público, oferecendo conteúdos diversificados que sejam criativos, envolventes e motivadores.

o que se memoriza deve antes passar pelo coração, pela experiência, pelo sentimento de quem aprende, e isso se faz, antes de tudo, pela vivência e celebração: o repetir ritualmente gestos, sinais, palavras... vai repercutir na vida ajudando guardar no coração e não apenas na cabeça⁷⁵.

Esse arcabouço vai além do que podemos premeditar, “A capacidade de expressar a fé numa linguagem total que supera os racionalismos [...]; a fé situada no tempo [...] e em lugares [...]; a sensibilidade para a peregrinação como símbolo da existência humana e cristã”⁷⁶. Isso faz com que a pessoa possa ter senso de pertença a uma comunidade eclesial. “Palavra, Comunidade, Celebração foram importantes para que os primeiros discípulos reconhecessem Jesus como centro de sua vida. São fundamentais para os cristãos de hoje também”⁷⁷. Reformular os caminhos pastorais torna-se cada dia mais necessário para a conquista e formação de discípulos missionários.

Mas, em vez de apenas censurar os tempos modernos, com seu individualismo e seu relativismo, estamos começando a ver a “mudança de época” como oportunidade para promover mais qualidade e entusiasmo na missão. O Projeto Nacional de Evangelização, em sua introdução, fala em “aproveitar intensamente esta hora de graça”. Vê as dificuldades como provocações a um santo e criativo crescimento e diz: “O mesmo Espírito despertará em nós a criatividade para encontrar formas diversas para nos aproximarmos inclusive dos ambientes mais difíceis, desenvolvendo, no ministério, a capacidade de nos convertermos em pescadores de homens”⁷⁸.

As dificuldades que encontramos não podem ser obstáculo para a meta em que buscamos alçar, que é a evangelização, especialmente através do simbolismo

⁷⁴ PARO, T. A. F., A dinâmica simbólico-ritual da iniciação a vida cristã. p. 48-49.

⁷⁵ DNC, 166.

⁷⁶ DP, 454.

⁷⁷ CNBB, Estudo 97, 69.

⁷⁸ CNBB, Estudo 97, 22.

como elemento da inspiração catecumenal. “A inspiração catecumenal que propomos é uma dinâmica, uma pedagogia, uma mística, que nos convida a entrar sempre mais no mistério do amor de Deus”⁷⁹. No entanto, devemos ressaltar que a Igreja precisa estar em todos os meios possíveis para iluminar com o conteúdo do Evangelho, argumentando a mudança de época em que vivemos se faz necessário que nos adaptemos as novas tecnologias existentes no mundo.

A princípio, podem parecer de extrema dificuldade, mas com dedicação e empenho em servir, o contato assíduo espanta o tremor e tornam as coisas mais fáceis. Passa a ser um santo serviço através da criatividade, do aspecto lúdico, simbólico e também digital, criando uma interatividade. O Espírito Santo nos capacita e nos torna homens e mulheres que buscam atrair pessoas para o Reino de Deus, transmitindo a mensagem salvífica, inclusive através das mídias sociais, envolvendo-as para o engajamento comunitário.

“A Igreja precisa de uma linguagem adequada para comunicar a fé cristã. Atenção especial seja dada à interatividade, interconexão e a valorização das experiências vividas, veiculadas pelas redes sociais”⁸⁰, pois “os passos de iniciação cristã correm perigo de acabar sendo uma espécie de “procedimento de acesso” (*login*), talvez até com base num “contrato” que permite também uma rápida desconexão (*logoff*)”⁸¹. Pekka Himanen “propõe alternativamente uma visão do trabalho humano mais lúdico e criativo”⁸². As experiências vividas fortalecem o processo de criatividade na comunicação do Evangelho.

A iniciação à Vida Cristã e a formação contínua com inspiração catecumenal se apresentam hoje como desafios e oportunidades extremamente importantes, uma obra a ser realizada, por toda a Igreja, com dedicação, paixão formativa e evangelizadora, com coragem e criatividade. Não se trata, porém, de uma pastoral a mais, e sim de um eixo central e unificador de toda ação evangelizadora e pastoral⁸³.

O novo paradigma da evangelização é a Iniciação à Vida Cristã (IVC), um método que busca ajudar as pessoas a compreenderem o que significa ser cristão. Uma das principais ideias por trás do IVC é que a fé não é apenas uma questão de conhecimento, mas também de prática, portanto, busca ajudar as pessoas a não apenas entendê-la, mas a viver essa fé em sua vida diária. A

⁷⁹ Doc. 107, 56.

⁸⁰ Doc. 107, 187.

⁸¹ SPADARO, A., Cibertologia, p. 68.

⁸² SPADARO, A., Cibertologia, p. 95.

⁸³ Doc. 107, 76.

comunidade cristã é chamada a ser evangelizadora, a anunciar a Boa Nova do Evangelho e a convidar todos a se aproximarem de Cristo e se tornarem seus discípulos. No entanto, essa missão não é realizada de forma isolada, mas sim em comunidade, como parte de um corpo vivo e ativo que se apoia e se fortalece mutuamente. Uma forma de a comunidade cristã ser evangelizadora é através da implementação de um processo iniciático, como o IVC.

A comunidade é evangelizadora ao iniciar na fé, além de se tornar mais evangelizadora ao implementar um processo iniciático: somente uma comunidade evangelizadora pode realizar o catecumenato como todos os seus requisitos; por isso, deverá ser comunidade acolhedora, querigmática, catequizadora e missionária. Por outro lado, a organização do processo catecumenal vai incentivando ainda mais os agentes a rumar para a evangelização integral, por sua estrutura ministerial e envolvente⁸⁴.

Algo que pode ajudar no processo de inspiração catecumenal, especialmente com as crianças, é a ludicidade, pois nos primeiros anos de vida, elas são naturalmente lúdicas. Envolvendo a comunidade nessa missão, se traz de forma integral o acolhimento interior da comunidade, proporciona o anúncio querigmático e mistagógico, e envolve a participação de pessoas que não estão diretamente ligadas à comunidade. Além disso, trabalhar com o lúdico emerge em nós a alegria, tornando o aprendizado mais leve, facilitando a compreensão do conteúdo. “Um número significativo de pensadores pós-modernos fala que o terceiro milênio será o da ludicidade. Isso significa que no campo pedagógico será o da ludicidade”⁸⁵.

O que seria lúdico? “O lúdico tem sua origem na palavra latina “latus” que quer dizer “jogos” e “brincar”, e neste brincar estão incluídos os jogos, brinquedos e brincadeiras”⁸⁶. O lúdico é uma dimensão construtiva da pessoa, uma ferramenta de produção de simbolismo. Nas crianças é uma forma de aprendizagem e socialização; já para os adultos, contribui para a criatividade e questões psicológicas. Estabelece também como um sistema de comunicação, com características típicas na iniciação à vida cristã, estabelecendo relações da pessoa consigo mesma, com os outros e com a realidade que a envolve.

Estão incluídos nesses jogos à capacidade de criar, improvisar e experimentar, com o objetivo de proporcionar prazer e diversão. São atividades recreativas, mas também pode estar presente em outras áreas, como na educação e psicologia. Além

⁸⁴ NENTWING, R., Iniciação à comunidade cristã, p. 145.

⁸⁵ NEGRINE, A. O lúdico no contexto da vida humana, p. 23.

⁸⁶ LUZ, R. B. F., O lúdico segundo grandes teóricos da educação, p. 238.

disso, podendo nos ajudar na evangelização, favorecendo a capacidade do pensar, estimulando a imaginação, a vontade de criar, pois o “pensar é um ato de interpretar e de questionar a realidade, especialmente quando esta se mostra sólida e habitual”⁸⁷.

Podemos dizer que existe uma conexão entre o ato de pensar e a busca pela verdade. O ato de pensar nos levará a libertação de uma ilusão e abre um caminho para a verdade, aquilo que nos toca, ao que faz sentido para nós. Entendemos que somos limitados, se nos permitimos encontrar com a realidade, nossa ignorância passa a ter uma utilidade no campo de ser mais compreensível para com o próximo. Agora, conhecendo-nos melhor e entendendo nossas falhas, encontramos o equilíbrio no cultivo do pensamento e de interpretação.

Sendo assim, isso é sinal de humildade, misericórdia e sabedoria, abrindo um novo horizonte de novas perspectivas de um mundo mais fraterno e justo. “Quando alguém tem resposta para todas as perguntas, demonstra que não está no bom caminho e é possível que seja um falso profeta, que usa a religião para seu benefício, ao serviço das próprias lucubrações psicológicas e mentais”⁸⁸, o ser humano nunca terá resposta para todas as perguntas, sempre estaremos em permanente transformação e aprendizagem.

O que pode nos trazer então, movimentar nossos pensamentos para que tenhamos habilidades sociais, cognitivas e emocionais? o jogo. “O jogo é uma atividade típica do homem. Ele distingue-se profundamente, essencialmente dos animais não apenas graças ao pensamento, à liberdade, à linguagem, ao trabalho, mas também graças ao jogo”⁸⁹.

O ato de brincar torna-se ferramenta de desenvolvimento pessoal e de socialização, promovendo iniciativa e proporcionando um ambiente seguro para experimentar, aprender e explorar. Por meio do brincar, temos também a oportunidade de se lidar com as emoções, que são proporcionados pela relevância do lúdico na vida humana. “O brincar e o jogo são atos indispensáveis à saúde física, emocional e intelectual e sempre estiveram presentes em qualquer povo desde a criança desenvolve a linguagem, o pensamento, a socialização, a iniciativa

⁸⁷ SANT’ANNA, D. B. Corpo, ética e cultura, p. 79.

⁸⁸ GeE, 41.

⁸⁹ MONDIM, B., O homem, quem é ele? p, 215.

e a autoestima⁹⁰. Manifesta no homem a diversão, criam-se regras e estruturas para atividades lúdicas, o que proporciona no ser humano a criatividade.

Essa tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica como a atual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito⁹¹.

Estamos em um tempo em que as pessoas estão perdendo o sentido dos símbolos, sinais e gestos. Acreditamos que o lúdico pode despertar novamente na vida humana a sensibilidade por eles, pois o lúdico é importante no desenvolvimento dos seres humanos, tanto na comunicação quanto na socialização. Ele é um aliado na saúde mental e torna-se uma ferramenta importante em um mundo tecnológico em que vivemos, resgatando a sensibilidade, principalmente na liturgia celebrada. Os sinais e símbolos fazem parte do rito e evocam a linguagem lúdica, levando o fiel a sair de si e adentrar na celebração presente. “No campo das religiões, um rito de iniciação é uma ação simbólica, realizada pelos iniciadores de acordo com regras precisas, para efetivamente tornar presente ao iniciado a realidade transcendente simbolizada⁹². O entendimento desse contexto se torna fundante na vida da pessoa iniciada.

Novas culturas continuam a formar-se nestas enormes geografias humanas onde o cristão já não costuma ser promotor ou gerador de sentido, mas recebe delas outras linguagens, símbolos, mensagens e paradigmas que oferecem novas orientações de vida, muitas vezes, em contraste com o Evangelho de Jesus. Uma cultura inédita palpita e está em elaboração na cidade. Constatamos que as transformações destas grandes áreas e a cultura que exprimem são, hoje, um lugar privilegiado da nova evangelização. Isto requer imaginar espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas para as populações urbanas⁹³.

Embora em uma cidade urbana as culturas são inúmeras, é preciso compreendê-las para continuarmos a anunciar a Boa Nova e dar continuidade à construção do Reino de Deus. Porém, para isso, precisamos enfrentar o desafio das novas linguagens que surgem em nosso cotidiano. “A religião, com seus ritos, como um jogo, tem um aspecto lúdico, que comunica. O rito em sua dinâmica é, portanto, a linguagem própria da liturgia indispensável para expressar e experimentar a fé⁹⁴.

⁹⁰ LUZ, R. B. F., O lúdico segundo grandes teóricos da educação, p. 242.

⁹¹ Sca, 64.

⁹² FLORISTÁN, C., Para comprender el catecumenado, p. 14.

⁹³ EG, 73.

⁹⁴ PARO, T. A. F., A dinâmica simbólico-ritual da iniciação a vida cristã, p. 38.

Na liturgia, um local privilegiado que a comunidade expressa sua fé, não pode perder o seu caráter celebrativo, e nem é nossa intenção o fazê-lo. No entanto, é necessário encontrar um caminho que atraiam mais os fiéis à participação, mostrando esse espaço de oração e vivência da fé, sustentando laços de pertença recíproca e de interdependência de forma simbólica-celebrativa, com as inovações que atraem as populações urbanas.

E esse será o papel da catequese, que precisam estar em sintonia com as inovações tecnológicas que surgem, para já começar a mesclá-las, despertando nos catequizandos o gosto em participar da liturgia, de modo que compreendam que não é uma experiência cansativa. É necessário conduzir o batizado na experiência dos símbolos e gestos celebrados como realidades divinas, para que seja frutuoso. E aqui também entram os agentes da liturgia, para que entendam que esse movimento precisa acontecer para sanar o abismo existente entre catequese e liturgia, sendo uma formação integral que favoreça a IVC.

A liturgia constitui o momento privilegiado no qual a comunidade cristã, comunitariamente, sua própria fé. E o faz de forma simbólico-celebrativa. Por essa razão, a liturgia cria e sustenta laços de pertença recíproca e de interdependência. É responsável, em última instância, pelas sucessivas ressignificações da existência propriamente comunal e solidária dos membros da comunidade cristã⁹⁵.

A catequese com inspiração catecumenal exige formação integrativa, sobretudo entre catequese e liturgia, para que o fiel seja introduzido numa progressiva integração da pessoa humana. Sendo a catequese de iniciação mistagógica, proporciona a experiência viva da comunidade. Portanto é de suma importância que catequese e liturgia andem juntas, principalmente para também responderem a urgente necessidade de novas culturas que emergem no nosso meio, sobretudo as da era digital, que oferecem novas formas de vida e que, em alguns conteúdos, distanciam as pessoas de Jesus Cristo do vínculo humano, sendo contraditórios ao sentido cristão. Temos diante de nós a necessidade de também proporcionarmos materiais que estejam disponíveis nas plataformas digitais, favorecendo a formação das pessoas para um encontro pessoal com o Ressuscitado. O visual atrai, então usar a criatividade para evidenciar e inspirar o lúdico e o simbólico é bem-vindo na formação de todos, sejam catequistas, catequizando, dispersos que vagam na internet e sacerdotes.

⁹⁵ TAVARES, S. S. Liturgia: lugar da teologia: A relevância de um antigo princípio, p. 10.

A catequese como iniciação mistagógica (EG, n. 166) insere o fiel na experiência viva da comunidade cristã, verdadeiro lugar da vida de fé. Essa experiência formativa é progressiva e dinâmica, rica em sinais e linguagens, favorável para uma integração de todas as dimensões da pessoa. Tudo isto se refere diretamente à conhecida intuição, bem enraizada na reflexão catequética e na pastoral eclesial, da inspiração catecumenal da catequese, que se torna cada vez mais urgente⁹⁶.

Envolver as crianças na liturgia celebrada ensina-as a pertencer à comunidade, demonstra a vivência no Reino de Deus, transmite o sentimento de pertença à comunidade em que vivem, aprendem sobre a missão de serem evangelizadores missionários, além de atraírem seus pais para Igreja. Quando a criança está para participar de alguma ação litúrgica na missa e sabe que seus pais estão ali para vê-la, ela se sente muito importante. Não há melhor plateia nem melhores aplausos a serem recebidos que a valorização de seus familiares. Assim, estar presente nas atividades da Igreja será sempre valoroso para a criança, e os pais acompanhando-os, estarão contribuindo para a formação de discípulos de Jesus Cristo, dando testemunho na transmissão da fé para seus filhos e filhas.

A catequese conduz o batizado à participação plena, ativa e frutuosa na liturgia. Ajudar o catequizando a fazer a experiência dos símbolos e gestos celebrados faz parte de uma educação que o leva a experimentar os sinais tão simples e tão humanos da liturgia não apenas como elementos deste mundo, mas, aos olhos da fé, também como realidades divinas⁹⁷.

A realidade divina pode ser experienciada através dos gestos e símbolos, portanto há de se haver uma educação na fé articulada com diferentes linguagens culturais e históricas, para que se transmita a linguagem da fé aos catequizandos, por meio de celebrações que marquem o indivíduo. O mesmo tem que ser impactado para o levar a uma transcendência além dos elementos desse mundo, que o envolva imaginariamente criando um mundo que ele embarque e navegue para águas mais profundas de sua vida, dando sentido ao que se reza, se celebra e vive principalmente dentro da família, e claro inserindo-o na liturgia. A catequese tem a ação pedagógica para viabilizar esse envolvimento.

A linguagem, com seus significados relacionais, é constitutiva da experiência humana. A catequese tem por medida a diversidade de pessoas, das suas culturas, histórias ou contextos, assim como de seus modos e capacidades de entender a realidade. Trata-se de uma ação pedagógica articulada nas diferentes linguagens dos sujeitos e que, ao mesmo tempo, é portadora de uma linguagem específica⁹⁸.

⁹⁶ DpC, 2.

⁹⁷ NUCAP, Do visível ao invisível, p. 26.

⁹⁸ DpC, 204.

A linguagem possibilita o desenvolvimento das habilidades cognitivas, abre o leque de pensamentos e a compreensão de assuntos complexos. Além disso, desempenha um papel importante para o aprendizado, pois nos permite comunicar, expressar, questionar, construir conhecimento e desenvolver nossa capacidade de pensar. A catequese possui uma linguagem específica, porém ela precisa dialogar com diversos contextos, procurando na sabedoria e discernimento transmitir as verdades da fé e associar a vida dos que estão à procura de aderirem à pessoa de Jesus Cristo em suas vidas.

Sua Santidade Bento XVI confirmou que a missão ad gentes se abre a novas dimensões: “O campo da Missão ad gentes se tem ampliado notavelmente e não é possível defini-lo baseando-se apenas em considerações geográficas ou jurídicas. Na verdade, os verdadeiros destinatários da atividade missionária do povo de Deus não são só os povos não cristãos e das terras distantes, mas também os campos sócio-culturais, e sobretudo os corações⁹⁹.”

A missão *ad gentes* é muito mais ampla e complexa do que se imagina, indo além de uma demarcação de território. Ela se estende às esferas culturais, e a Palavra de Deus deve alcançar corações por todo o mundo por meio dos cristãos, esculturando-se para que o querigma e a mistagogia sejam propagados. Isso requer adaptação e desenvolvendo estratégias, e para que possamos ajudar ainda mais a Igreja no processo de ação evangelizadora.

Devido às características de ser um itinerário litúrgico e catequético, o catecumenato é hoje para nós um paradigma para iniciação à vida cristã. Nele há elementos fundamentais que estão sendo resgatados como o querigma e sua centralidade em Jesus Cristo, e o querigma é realizado através de um caminho mistagógico. Assim, destaca-se a mistagogia como elemento fundamental do catecumenato¹⁰⁰.

A IVC se dá porque somos colocados dentro do mistério que nos envolve, vemos, lemos e interpretamos a vida com o mistério de Cristo, com a vida de Cristo. Isso é IVC: assumir a vida de Cristo em minha vida. Não se trata de um simples curso, mas sim um processo longo, que não acontece da noite para o dia. Portanto, é importante que os encontros catequéticos, o espaço litúrgico e as mídias sociais utilizem o lúdico, criando assim um ambiente mais acolhedor e estimulante, que incentive a participação dos membros da família. O lúdico traz leveza, permitindo-nos abordar temas importantes de forma mais divertida, englobando toda a família, atraindo e mantendo a atenção dos que estão participando, lembrando em sua memória valores já adquiridos.

⁹⁹ DAp, 375.

¹⁰⁰ PEREIRA, S. C., “Anunciamos Cristo crucificado” (1 Cor 1,23). p, 52.

Assumir essa iniciação cristã exige não só uma renovação de modalidade catequética da paróquia. Propomos que o processo catequético de formação adotado pela Igreja para a Iniciação cristã seja assumido em todo o Continente com a maneira ordinária e indispensável de introdução na vida cristã e como a catequese básica e fundamental¹⁰¹.

Agora, se tudo isso também for oferecido nos ambientes celebrativos, envolverá mais o ser humano que ali celebra, sobretudo se for uma criança, onde o lúdico é seu grande aliado. O lúdico permite transmitir a alegria de conviver em família, ajuda a despertar o interesse e a motivação dos participantes. Além disso, o lúdico também pode ser usado para ensinar valores e princípios cristãos, a vida comunitária, o respeito, a solidariedade e a responsabilidade.

Conclusão

Portanto, o capítulo ressalta a importância da Iniciação à Vida Cristã como um tema prioritário na vida da Igreja e destaca a relevância da comunidade como origem, lugar e meta da catequese. A adoção do catecumenato como paradigma para a iniciação à vida cristã, com a mistagogia como elemento fundamental, é proposta como uma forma de promover a adesão pessoal a Cristo e o amadurecimento da vida cristã.

Além disso, a utilização de símbolos e do lúdico nos ambientes celebrativos é sugerida como uma forma de despertar o interesse e a motivação dos participantes e promover o desenvolvimento de um autêntico sentimento de pertença à comunidade cristã. Essas reflexões são importantes para orientar a prática catequética e a formação de cristãos comprometidos com sua fé e com a construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

¹⁰¹ DAp, 294.

3

A dimensão lúdica no ser humano e a Iniciação à Vida Cristã

A busca por um caminho significativo na Iniciação à Vida Cristã, que conduza os fiéis a uma conexão com o transcendente através de Jesus Cristo, é um desafio que se depara com a sensibilidade e expressividade inerentes ao ser humano. Nesse contexto, é fundamental lembrar que a Igreja, como um todo, está intimamente ligada ao gênero humano e sua história, servindo à salvação de todos, não apenas de seus membros. Neste sentido, a criatividade emerge como uma luz, capaz de guiar esse peregrinar, valorizando a beleza e a arte nos encontros de catequese, na liturgia e em outras atividades pastorais, expressando o mistério da fé. A utilização da criatividade, assim como Jesus fez através das parábolas, possibilita uma abordagem pedagógica mais envolvente e significativa.

O lúdico, por meio de atividades que estimulam a imaginação, possibilita uma absorção mais profunda do conteúdo, especialmente para as crianças. A formação humana é enfatizada como um processo interligado à interação social e à sensibilidade do ser humano. A ideia de que tudo está interligado é resgatada, e a importância do diálogo, da cooperação e do cultivo de ambientes saudáveis é enfatizada para que o homem e a mulher floresçam como indivíduos e contribuam em conjunto para o mundo. O uso adequado de materiais lúdicos favorece a aprendizagem e a assimilação, estimulando a criatividade e a imaginação das crianças.

O ambiente preparado, o amor e o cuidado nas interações com as crianças são fundamentais para estimular o crescimento integral e a busca pela autoconstrução. Ao utilizar o lúdico como uma forma de estimular a participação de crianças, jovens e adultos, a IVC alcança um envolvimento mais profundo com a família, proporcionando uma vivência integral da fé. A ludicidade desperta, de forma prazerosa e criativa, o caminho ativo de educação da fé no ser humano.

3.1

O ser humano sensível e expressivo

Na busca de encontrar um caminho na IVC, que leve os fiéis, a uma conexão com o transcendente, na pessoa de Jesus Cristo, e ao mesmo tempo encaminhe à

vida eclesial e missionária, nos deparamos com o ser humano sensível e expressivo, com necessidade de tocar na profundidade de sua alma. É importante que ele seja capaz de sentir e expressar seus sentimentos, como empatia, tristeza, alegria e compaixão. Existe a necessidade de busca por experiências que gerem significado para o ser humano. Assim como podemos ler: “O Reino dos Céus é ainda semelhante ao negociante que anda em busca de pérolas finas. Ao achar uma pérola de grande valor, vai, vende tudo o que possui e a compra” (Mt 13, 45-46).

Lembremos que, “o Concílio diz que a Igreja se sente real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história e que está a serviço da salvação de todo ser humano, e não somente dos membros da Igreja”.¹⁰² Todavia, uma luz nos conduz para que esse peregrinar seja possível através da dimensão lúdica, valorizando a beleza e arte nos encontros de catequese, na liturgia e nas demais atividades pastorais expressando o mistério da fé.

Neste sentido, “A Sagrada Escritura é fonte da evangelização. Por isso, é preciso formar-se continuamente na escuta da Palavra. A Igreja não evangeliza, se não se deixa continuamente evangelizar”¹⁰³.

Atentos à Palavra de Deus, podemos ir ao encontro dos demais irmãos e irmãs que estão dispersos pelo mundo, exercendo nosso agir missionário, que é próprio do batismo, anunciando a pessoa de Jesus Cristo a todos.

Ao redor da mesa da Palavra, ouvimos e comentamos os textos das Escrituras Sagradas, que recordam e revelam a atuação de Deus ao longo da história, tendo como ponto alto a páscoa de Jesus e que se prolonga em nossa própria história pessoal, comunitária e social.¹⁰⁴

Há quem ainda não conhece o Messias, o Salvador, o Ungido, que morreu para nos salvar, por isso, “É urgente a tarefa de entregar a nossos povos a vida plena e feliz que Jesus nos traz, para que cada pessoa humana viva de acordo com a dignidade que Deus lhe deu”¹⁰⁵. Pela música, pela pintura, pela dança, pelo teatro, enfim pela forma artística, podemos quebrar o que por hora é indivisível e conduzir, na simplicidade e na sobriedade, as pessoas à espiritualidade, fazendo com que o ser humano se veja no que é expressado. Sendo assim, não será apenas um

¹⁰² BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 80-81.

¹⁰³ EG, 174.

¹⁰⁴ BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 27.

¹⁰⁵ DAp, 389.

espetáculo e sim um despertar interior que visualiza Deus, encarnado no meio de nós, manifestando-se em nossa humanidade.

O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desprezo. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens”. A fé cristã sempre encontrou no belo e na arte formas excelentes de expressar a necessidade humana de ir além do que se vê, manifestar a nossa sede de infinito e expressar o mistério da fé. É urgente recuperar o valor da beleza e da arte na liturgia e em todo processo formativo dos fiéis, sempre com atenção à nobre simplicidade e sobriedade¹⁰⁶.

Estamos usando esta mudança para criar soluções inovadoras para problemas antigos. O artista, ao criar, é capaz de transcender o mundo em que vive e, através da sua arte, oferecer um novo olhar sobre o que existe. A arte pode ser usada como um meio de expressar a alma, as emoções, os sentimentos, os pensamentos, a inovação, a responsabilidade compartilhada, o diálogo, o respeito, a unidade e a fé o que de forma pertinente irá contribuir muito no processo de Iniciação à Vida Cristã.

O artista, diante da experiência que realiza, recebe o dom de narrar, através de várias linguagens e técnicas, a harmonia presente em todas as coisas. Sua percepção é um exercício de criatividade, que aponta para a beleza. A beleza traz, em si, uma abertura para a dimensão transcendental da vida¹⁰⁷.

Cultivar a beleza é cultivar o amor, expressando sentimentos, carinho e ternura. A beleza está em todos os aspectos da vida, assim ensinar as crianças, adolescentes, jovens e adultos a valorizarem a arte é estimular nelas a apreciação pelo belo, de contrapartida é fazer brotar nelas a forma mais adequada de expressar suas emoções, pois são por elas mesmas criadas e ao mesmo tempo se relacionam com o mundo. O Papa Francisco também utiliza da arte para estar mais próximo, sobretudo no tempo da Covid-19.

O artista – e poderia estar em todo o homem o ‘ser artista’ – sabe colocar pra fora a criatividade também nos momentos de crise, ou melhor, sobretudo nos momentos de crise. Eu procurei, de qualquer forma, contar através das redes sociais esse período tão dramático. Para mim, foi uma fonte de grande motivação. Uma coisa importante poderia ser utilizar o tempo que se tem à disposição para criar alguma coisa bonita. Qual criatividade podemos externar? Hoje, agora, o que podemos fazer deste mundo, assim como está, com a pandemia? Neste período, vi tantos artistas que conseguiram contar este mundo, essa situação, de maneira criativa. Se essa criatividade própria dos artistas fosse contaminada também no mundo da política, no mundo de quem deve dar soluções, não seria mau: servem soluções muito criativas¹⁰⁸.

¹⁰⁶ Doc. 107, 183.

¹⁰⁷ LEDO, J. S., A Via da Beleza na formação humano-cristã com catequista. p, 232.

¹⁰⁸ COLLET, A.; DONNINI, D., Papa incentiva artistas a contar o mundo com criatividade em tempos de pandemia.

O artístico e o lúdico agregado à catequese, nos ajuda a encontrar soluções em momentos de crise; diante dos desafios, encontramos soluções criativas. Olhando para a história da catequese, perceberemos que tínhamos uma catequese doutrinária. Hodiernamente, não deixamos de ter Doutrina e Tradição, e isso é necessário. No entanto, há a necessidade de acrescentar outros elementos para um caminho mais antropológico, voltado para o desenvolvimento humano, desse ser sensível e expressivo. O lúdico se torna, então, um caminho essencial.

O modelo de catequese surgido em *Medellín* se encontra de uma maneira completa e exemplar, como já dito, no documento Catequese Renovada (1983), ao passo que em Aparecida (2007) encontra-se um modelo de catequese que corresponde mais aos tempos atuais, marcado profundamente pela mística evangelizadora, pelo impulso missionário, tal como é retratado em nosso DNC¹⁰⁹.

Não estamos aqui falando de catequese escolar, não é questão de centrar na doutrina ou no ensino. Não é como se ter um projeto pedagógico, com um número estipulado de encontros e com um conteúdo definido, seguido pela Crisma e Eucaristia, onde como regra, se não cumprir, não forma. “A catequese “promove a adesão pessoal a Cristo e o amadurecimento da vida cristã. O ensino escolar, por outro lado, transmite aos alunos o conhecimento sobre a identidade do cristianismo e da vida cristã”¹¹⁰. Nosso esforço é mostrar que:

A primeira evangelização, «missionária» ou *querigmática*: Identifica-se de modo especial por seu conteúdo cristológico fundamental; dirige-se àqueles povos, grupos humanos ou situações em que Cristo e o seu Evangelho não são verdadeiramente conhecidos e requerem um processo de iniciação; parte de uma atitude de busca e abertura do sujeito, muitas vezes necessária para despertar ou provocar e alimentar¹¹¹.

Eis a grande importância de proporcionar o encantamento e atração pelo lúdico na vida de fé. “A hospitalidade é uma maneira concreta de não se privar desse desafio e desse dom que é o encontro com a humanidade mais além do próprio grupo”¹¹². Jesus Cristo nos motiva ao lúdico; Ele mesmo utilizou da hospitalidade e da criatividade para iluminar a mente dos que o seguiam para implantar o Reino de seu Pai, através das parábolas. “Traços fundamentais da ternura são oferecidos pelas parábolas evangélicas que, como ícones narrativos, nos oferecem descrições sintéticas da mensagem de Jesus”¹¹³.

¹⁰⁹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 213.

¹¹⁰ DpC, 313.

¹¹¹ BOROBIÓ, D., Catecumenado para la evangelización, p. 51.

¹¹² FT, 90.

¹¹³ ROCCHETTA, C., Teologia da Ternura, p. 259.

Sabemos de muitos milagres e sinais que Jesus realizou, e dentre eles podemos observar quando Jesus se sensibiliza com a multidão que o cerca e se preocupa em alimentar o povo. Para isso, é necessário o alimento, daí surge o discípulo André que traz uma ideia para a solução. “Há aqui um menino, que tem cinco pães de cevada e dois peixinhos” (Jo 6, 9) e Jesus os pega e multiplica.

“Dissemos que Jesus, ao multiplicar o pão, cumpriu um sinal que a gente esperava. Por isso, o sinal suscita o entusiasmo popular, que reconhece em Jesus o profeta que devia vir: quem torna-lo rei”¹¹⁴. O Messias não apresenta o Reino de Deus só com palavras, mas também com gestos, utilizando símbolos. Neste caso, aparece um menino com os pães e peixes, na parábola das bodas de Caná transforma água em vinho “Havia ali seis talhas de pedra para a purificação dos judeus, cada uma contendo de duas a três medidas. Jesus lhes disse: “Enchei as talhas de água” (Jo 2, 6-7a), sendo assim:

O simbolismo é uma exigência – que pode ser mais ou menos consciente – da linguagem religiosa. Não exigência didática, mas teológica. Nasce do fato de não podermos falar de Deus e de seu Reino de modo direto, pois ficam além de nossa experiência; só podemos falar disso de modo indireto, em parábolas e símbolos, mediante comparações tomadas da nossa vida. A linguagem religiosa tem portanto ao mesmo tempo uma origem humilde – nossa experiência – e ambiciosa – aludir ao mistério de Deus. Daí se originam algumas de suas características¹¹⁵.

Com as parábolas, podemos criar teatros, do qual fica fixado na memória de quem vê a passagem bíblica, se facilita o anúncio do Reino de Deus. Pela arte, estaremos semeando nos corações a Palavra Viva de Deus. É como o semeador que sai para semear; essas são jogadas no campo. A aplicabilidade da palavra mesclada com objetos nos faz ter conclusões mais precisas. Assim, devemos ser mais reflexivos, evitando mal-entendidos, e podemos aplicá-las em nossa vida.

Gostaríamos enfim de focalizar as relações entre sinal e palavra. Dissemos que os discursos de Jo geralmente partem de um gesto e pretendem explicá-lo. Qual é o significado profundo desta conexão? Jo está convencido de que o sinal sem a palavra é incompleto, ambíguo: acabaríamos entendendo o sinal conforme nossa cabeça. Ao ver o sinal não se deve ter demasiada pressa para tirar conclusões: entre a constatação do sinal e a conclusão da fé deve ocorrer um encontro com a palavra¹¹⁶.

A parábola encenada grava na mente que absorve o conteúdo. Nós, seres humanos discípulos do Mestre, precisamos ser ousados na transmissão da fé e

¹¹⁴ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 341.

¹¹⁵ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 299.

¹¹⁶ FABRIS, R.; MAGGIONI, B., Os Evangelhos (II), p. 324.

utilizar do nosso corpo em forma de arte para anunciar o Reino, e o lúdico o torna mais acessível.

“Escutai: Eis que o semeador saiu a semear. E ao semear, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram” (Mc 4, 3-4), contudo; “Outras caíram em terra boa e produziram fruto, subindo e se desenvolvendo” (Mc 4, 8a). A mente humana e a comunicação têm uma interação.

Para fundamentação desta obra, os elementos principais na transposição da linguagem, além do próprio ator, são a própria palavra, elementos físicos e auditivos e a música, mas como, a princípio, cada elemento por si só já passa sua mensagem por trazer o seu próprio índice comunicativo¹¹⁷.

A transposição da linguagem na utilização dos elementos físicos como audição, música e palavra enriquecem a mensagem permitindo ser compreendida em níveis profundos. Freud apresenta que o consciente só tem uma fração das nossas experiências, já o inconsciente para ser acessado é mais complexo para adentrar aos nossos sentimentos e pensamentos, por isso comunicação combinada com os processos mentais, traz uma poderosa sinergia enriquecendo a mensagem que transmitimos e recebemos.

Para Freud, o consciente é somente uma pequena parte da mente, e inclui todo o conhecimento de que somos detentores em dado momento. No inconsciente, segundo o pensamento freudiano, há conexões entre todos os eventos mentais. Assim, “quando um pensamento ou sentimento parece não estar relacionado aos pensamentos e sentimentos que o precedem, as conexões estão no inconsciente”. E, conforme o psicanalista, uma vez que estes elos inconscientes são descobertos, a aparente descontinuidade se resolve¹¹⁸.

A nossa mente trabalha em níveis profundos e isso se relaciona com as atividades lúdicas das crianças, elas absorvem informações de maneira não linear e a imersão lúdica ajuda a resolver conflitos. As atividades isoladas, como as brincadeiras, que contribuem para o desenvolvimento holístico da criança, já que o corpo e mente estão intimamente ligados.

Por meio da atividade lúdica, a criança vivencia experiências e aprende com elas, pois é pela imitação que a criança vê o mundo. Brincando ela desenvolve o cognitivo, o que possibilita aprender a conviver com conflitos que surgem durante essas atividades, estimulando assim, o raciocínio. Outro fato importante é o amadurecimento das habilidades motoras que é proporcionado pelas brincadeiras¹¹⁹.

¹¹⁷ ASSIS, M. D., Da página ao palco, p. 52.

¹¹⁸ ASSIS, M. D., Da página ao palco, p. 59.

¹¹⁹ RUBIO, J. A. S.; SILVA, R. A. S., A Utilização do Jogo Simbólico no Processo de Aprendizagem na Educação Infantil, p. 2.

A criança precisa construir significados, e a imitação ajuda nesse processo, Não se trata de um entretenimento superficial, pois a imitação permite à criança interagir com os símbolos, assim por ela passa a assimilar o mundo ao seu redor.

“A inclusão do jogo infantil nas propostas pedagógicas remete-nos para necessidade de seu estudo nos tempos atuais. A importância dessa modalidade de brincadeira justifica-se pela aquisição do símbolo”¹²⁰. Uma via que ajuda a inserção da pessoa na Iniciação à Vida Cristã é o lúdico, pois o mesmo tem uma força no caráter do ser humano que desbloqueia a imaginação fazendo com que a criança, a mais evidenciada nesse processo, absorva o conteúdo e crie seu mundo vivente.

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e, sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social.¹²¹

Sendo o ser humano sensível e expressivo, o ambiente em que vive torna-se influenciável, e ele se interliga na interação social. As faculdades físicas e mentais mostram que o ser humano é diferente dentro da sua própria espécie, e o diferencial está na sensibilidade. Assim, nossa formação é influenciada e depende de outros para que possamos exercer nossa liberdade nas decisões e escolhas, sobretudo na idade infantil, onde ainda não possuímos a plenitude de nossa razão.

A natureza fez os homens tão iguais, quanto às faculdades do corpo e do espírito que, embora por vezes se encontre um homem manifestamente mais forte de corpo, ou de espírito mais vivo do que outro, mesmo assim, quando se considera tudo isto em conjunto, a diferença entre um e outro homem não é suficientemente considerável para que qualquer um possa com base nela reclamar qualquer benefício a que outro não possa também aspirar, tal como ele.¹²²

Nosso desenvolvimento requer ajuda de outros, o que nos faz entender que sempre precisamos uns dos outros para sermos orientados nos ajudando a discernir qual caminho melhor trilhar. Isso é válido independentemente de termos atingindo a idade adulta, pois estaremos em processo de transformação, onde pessoas do nosso convívio ou não, contribuirão para a nossa formação e terão responsabilidade sobre nós.

¹²⁰ RUBIO, J. A. S.; SILVA, R. A. S., A Utilização do Jogo Simbólico no Processo de Aprendizagem na Educação Infantil, p. 4.

¹²¹ VYGOTSKI, L.S., A formação social da mente, p. 33.

¹²² HOBBS, T., Leviatã ou matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil, p. 45.

Pode o ser humano formar a si mesmo em ordem àquilo que tem que ser segundo sua missão? Sim e não. Como ser racional, livre e responsável, tem a capacidade, e por conseguinte a obrigação de trabalhar na formação de si mesmo. Mas não possui o uso da razão e de sua liberdade desde o começo de seu ser e, até que o tenha, outros devem trabalhar em sua formação; mais tarde, a autoeducação e a obra educativa alheia devem interpenetrar-se. O fato de que outros sejam responsáveis pela formação também do ser humano adulto que tem alcançado a razão e a liberdade se entende pela responsabilidade solidária com que foi criada a humanidade, e pelo caráter de membro que o indivíduo assume dentro desta unidade mais completa e das comunidades concretas em que se integra.¹²³

Não somos um grupo isolado, O Papa Francisco, na Laudado Si de 2015, já nos ajuda a entender que “tudo está interligado”. Somos de uma cultura, porém precisamos estar abertos a demais culturas, para que o diálogo e a cooperação dos que estão ao nosso redor, seja de suma importância, permitindo que homens e mulheres floresçam como pessoa, cultivando ambientes saudáveis. A humanidade é muito maior que nossas comunidades; todavia não devemos perder nossa identidade, pelo contrário, na diversidade contribuiremos em conjunto nos identificando e ressaltaremos talentos e dons dos quais são diversos no mundo.

Em cada período de idade o desenvolvimento não modifica, em seu transcorrer, aspectos isolados da personalidade da criança reestruturando toda a personalidade em seu conjunto; no desenvolvimento, precisamente, existe uma dependência inversa: a personalidade da criança se modifica em sua estrutura interna como um todo e as leis que regulam esse todo determinam a dinâmica de cada uma de suas partes¹²⁴.

A nossa missão é mutua; precisamos compartilhar saberes, ajudando a sensibilidade do ser humano e expressando esse amor pelo crescimento coletivo e não só pessoal. Em forma de comunhão, num caminho sinodal, do caminharmos juntos, na promoção da vida fraterna, ecoando o amor pela criatura mais perfeita que Deus já fez, que é o ser humano. É necessário o entendimento de uma vida integral com todos.

3.2

O lúdico no desenvolvimento da comunicação

O impacto do lúdico na comunicação é reconhecido por pesquisadores que enfatizam o caráter fundamental deste no desenvolvimento humano. O lúdico marca passagens no estágio da nossa vida e pode ser uma ferramenta de muita utilidade na

¹²³ STEIN. E., Problemas de la formación de la mujer, p. 523-524.

¹²⁴ VYGOTSKI, L.S., El problema de la edad, p. 262.

IVC, tanto na maturação quanto na aprendizagem das crianças enquanto catequizandas. Assim, procuraremos aqui apresentar essa relevância do lúdico na infância, como instrumento fundamental no anúncio de Jesus Cristo e de seu aprofundamento.

“Na opinião de Santos (2000), tanto Piaget, Wallon, Vygotsky e outros atribuíram ao brincar da criança um papel decisivo na evolução dos processos de desenvolvimento humano, como maturação e aprendizagem, embora com enfoques diferentes”¹²⁵. O que torna evidente a necessidade da observação atenta entre lúdico e comunicação, nisso se ultrapassa de forma mais aprimorada, os métodos anteriores utilizados, com virtudes que deixam a abordagem eficaz.

O que importa é um atento espírito de observação, sua visão ao servir, interferir, retirar-se, calar-se, segundo os casos e as necessidades. Deverá adquirir uma habilidade moral que nenhum método, anteriormente, exigira; habilidade feita de calma, de paciência, caridade e humildade. São as virtudes e não as palavras, a sua máxima preparação¹²⁶.

Então, ter um ambiente preparado para o desenvolvimento da prática levará a criança à autoconstrução, uma teoria defendida por Montessori, e também revelará a revelação da personalidade da criança, contribuindo para o emocional, o físico, o cognitivo e o desenvolvimento da comunicação infantil por meio de um trabalho lúdico. Assim, obstáculos devem ser retirados para o melhor desenvolvimento do ser humano. É preciso repensar se o local e o ambiente são favoráveis para tal, principalmente para o desenvolvimento integral da criança e da criatividade, proporcionando segurança e condições para que ela se sinta livre.

Montessori considerava a ênfase no ambiente como um lugar que nutria a criança, planejado para suprir suas necessidades de auto-construção e revelar para nós sua personalidade padrões de conhecimento. Isso significa que o ambiente não deve conter apenas aquilo de que a criança precisa, no sentido positivo, mas que todos os obstáculos ao crescimento dela também devem ser removidos¹²⁷.

Envolver-se com o ambiente, torna-se como um jogo, do qual desafios devem ser superados, e para isso o pensar será o maior interessado nessa brincadeira, “quando brinca, a criança assimila o mundo a sua maneira, sem compromisso com a realidade, pois sua interação com o objeto não depende da natureza do objeto, mas da função que a criança lhe atribui”¹²⁸, o acarretara naquele que interage com o

¹²⁵ LUZ, R. B. F., O lúdico segundo grandes teóricos da educação, p. 241.

¹²⁶ MONTESSORI, M., A descoberta da criança, p. 144.

¹²⁷ LILLARD, P.P., Método Montessori, uma introdução para pais e professores, p. 45.

¹²⁸ PIAGET, J., Formação do símbolo na criança, p. 67.

meio o maior beneficiário, pois as atividades físicas envolvem o corpo todo, porém também irá assimilar ao real, favorecendo o desenvolvimento da inteligência com o que é próprio da atividade na sua idade. Ou seja, envolvendo-a com a compreensão do mundo, para que não seja algo externo ou estranho para ela. Essa junção estará contribuindo para habilidades essenciais.

Enrolar um tapete, escovar sapatos, lavar uma pequena bacia ou o chão, pôr a mesa, abrir e fechar gavetas, portas e janelas, pôr um quarto em ordem, arrumar as cadeiras, puxar uma cortina, transportar um móvel, etc., são exercícios que põem o corpo todo em movimento, movimentos que se exercitam e aperfeiçoam sempre mais. A criança aprende assim a mover os braços e as mãos, e fortalece seus músculos bem mais da vida prática não devem ser considerados apenas uma simples ginástica muscular: eles constituem um “trabalho”¹²⁹.

Os materiais que serão utilizados para o jogo devem ser adequados para que favoreçam a aprendizagem e a assimilação por ela própria do que quer ser refletido e no caso precisa ser internalizado por ela própria. O lúdico na catequese, que está a serviço da Iniciação à Vida Cristã, deve estar voltado para a mensagem messiânica, encaminhando para o serviço em comunidade *ad intra e ad extra*, com pensamentos críticos e com soluções para os desafios pastorais a serem enfrentados. Promover um ambiente estimulante contribuirá para um desenvolvimento saudável.

O jogo é, portanto, sob suas duas formas essenciais de exercícios sensório-motor e de simbolismo, uma assimilação do real à atividade própria, fornecendo a esta seu alimento necessário e transformando o real em função das necessidades múltiplas do eu. Por isso, os métodos ativos de educação das crianças exigem todos que se forneçam as crianças um material conveniente a fim que jogando, elas cheguem a assimilar às realidades intelectuais que, sem isso, permanecem exteriores a inteligência infantil¹³⁰.

A criança por si só é curiosa e sempre está fazendo perguntas procurando entender onde vive. “A criança não é um estranho que o adulto possa considerar apenas exteriormente, com critérios objetivos. A infância constitui o elemento mais importante da vida do adulto: o elemento construtor”.¹³¹ Um ambiente desafiador, faz com que a criança seja instigada à criatividade e a imaginação, buscando desenvolver soluções para vencer os obstáculos. Ao mesmo tempo, nutre a mente com as informações fornecidas pelo ambiente e pelas experiências vividas no local.

Quem se proponha ajudar o desenvolvimento psíquico humano deve partir do fato que a “mente absorvente” da criança se orienta no ambiente; e, especialmente nos começos da vida, tomará especiais precauções, a fim de que o ambiente ofereça

¹²⁹ MONTESSORI, M., A descoberta da criança, p. 81.

¹³⁰ PIAGET, J., Psicologia e pedagogia, p. 160.

¹³¹ MONTESSORI, M., A criança, p. 10.

interesse e atrativos a essa mente que deles se há de nutrir para a própria construção.¹³²

A valorização da vida da criança teve início no século XX com a introdução da higiene nas escolas. Com isso, as instituições de ensino passaram a ser mais acolhedoras, mas pacientes, mais gentis, na abordagem das famílias, o que ajudou mais no desenvolvimento das crianças. Isso tudo ajuda no entrosamento dos adultos com as crianças, pois há uma conexão emocional e tem um reconhecimento do impacto social.

A vida da criança assumiu um novo aspecto quando, no início do século XX, a higiene começou a penetrar nas classes populares. As escolas transformaram-se de tal maneira que as com pouco mais de uma década de existência pareciam datar de um século. Através da meiguice e da tolerância, os princípios educativos introduziram-se tanto nas famílias como nas escolas.¹³³

Todo esse amor pensado para que as crianças pudessem ter um maior crescimento tanto emocional, físico e intelectual, favoreceu para uma promoção do bem estar delas e de toda a sociedade, até porque a criança com conceitos internalizados, será na vida adulta mais objetiva, devido na primeira infância ser a fase da construção, ou seja, é onde tudo se inicia. Quem não se desarma com a docilidade de uma criança? O adulto defronte delas, redescobre a criança que vive dentro dele, se reacende em si a chama da vida, é um desabrochar, porque defesas e amor aparecem.

A par da criança a desconfiança desvanece-se: tornamo-nos doces e gentis porque, reunidos à sua volta, sentimo-nos reaquecer pela chama da vida que reside lá onde a vida tem as suas origens. Nos adultos existem o sentimento de defesa e o impulso do amor. Dos dois sentimentos o fundamental é o amor; o outro sobrepôs-se-lhe.¹³⁴

O amor é o que precisa ser ressaltado para que as relações entre adultos e crianças fluam. É importante estabelecer entre ele a confiança, a segurança, essa ligação afetiva que tem um impacto profundo e integrador numa criança que com pouco tempo se torna adulta. “O problema social da infância nos faz penetrar nas leis da formação do homem e nos ajuda a criar uma nova consciência, levando-nos, conseqüentemente, a uma nova orientação de nossa vida social”.¹³⁵ A influência saudável, levará impactos sociais valorosos na compreensão de leis e na formação

¹³² MONTESSORI, M., *Mente absorvente*, p. 86.

¹³³ MONTESSORI, M., *A criança*, p. 9.

¹³⁴ MONTESSORI, M., *Mente absorvente*, p. 239.

¹³⁵ MONTESSORI, M., *A criança*, p. 11.

do ser humano, teremos mais pessoas cuidadosas e responsáveis umas pelas outras na sociedade.

Mesmo que nos tivessem feito aprender de cor as expressões dos poetas e dos profetas, as suas palavras são poucas e tê-las-íamos esquecido no dia-a-dia da vida. Se as pessoas requerem amor com veemência, não o fazem por terem ouvido falar ou porque leram: amor e aspiração ao amor não são coisas aprendidas, fazem parte do patrimônio espiritual da vida. É a Vida que fala, não os poetas e os profetas.¹³⁶

O amor nos dá o sentido da vida. Podem existir inúmeras páginas escritas por poetas e profetas, com conceitos inúmeros e variados, mas estas não alcançarão a essência da nossa vida cotidiana. Reconhecemos o valor dos poetas e profetas, seu belo trabalho e empenho, mas reconhecer a vivência pessoal, a experiência direta é o que fará em nós sentido e base para peregrinarmos, construirmos, idealizarmos, projetarmos e proporcionar que os outros possam fazer sua experiência. Sendo assim, é importante voltar-se para o indivíduo.

Se existe uma diferença essencial entre as pesquisas psicanalíticas e essa psicologia da criança desconhecida, ela consiste primordialmente em que o segredo do subconsciente do adulto é algo que permanece reprimido pelo próprio indivíduo. É necessário voltar-se para o indivíduo, a fim de ajudá-lo a desenredar o emaranhado sepulto sob adaptações complexas e rígidas, sob símbolos e disfarces organizados durante uma longa vida.¹³⁷

Durante o crescimento do ser humano, ocorrem diversas situações que deixam marcas em sua vida, umas que trazem machucaduras e outras que elevam a autoestima e fazem avançar, tudo depende de como são recebidas pela pessoa. Pode ser que uma cena que transmita alegria seja interpretada por alguém como triste, e vice-versa. Segredos esses que ficam ocultos no inconsciente e que precisam ser desvendados para que o indivíduo, por hora reprimido, desenrole seu viver desfazendo esses mecanismos de defesa que o paralisam. Assim, o uso do lúdico na evangelização marcará a fase da psicologia infantil, colocando a criança defronte ao desenvolvimento de seu pensar e de sua fé.

A psique humana, trabalhada numa vivência de busca pelo amor, incentivará a que se leve o amor onde habitemos, pois nas profundezas da mente estará marcado e valorizado o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Esse desenvolver é necessário ser entendido numa união pelos adultos e crianças, onde por parte do adulto de forma humilde precisa de fato abaixar-se para adentrar no mundo da criança desfazendo nelas, quem sabe, a impressão de superioridade como medo, e

¹³⁶ MONTESSORI, M., *Mente absorvente*, p. 240.

¹³⁷ MONTESSORI, M., *A criança*, p. 130.

de contra partida o adulto também aprenderá grandiosamente a desenvolver características em si.

O adulto e a criança devem unir-se; o adulto deve fazer-se humilde e aprender da criança a ser grande. É estranho que, entre os milagres realizados pela humanidade, não exista senão um que ela não tenha considerado: o milagre que Deus fez logo de início, a criança.¹³⁸

Em outras palavras, os adultos têm o que aprender com as crianças, sobretudo em sua visão de mundo, suas qualidades nobres, espontaneidade e curiosidades. As crianças tem a capacidade de ver o mundo de forma única, de voltar psicologicamente nesse mundo divino da pureza, que pelo cotidiano pode ter sido perdido, por repressão ao longo do tempo do qual bloqueiam até a criatividade.

O ser humano é um potencial ilimitado. Cada um de nós tem valores que encanta, nos levando até expressões “nem acredito que eu fiz isso”. Somos um mistério em nós mesmos. Quando nos conectamos com a inocência, com a sabedoria da infância, podemos sentir como é maravilhoso e precioso cultivar uma visão ampla do mundo e percebemos que somos um milagre apenas sondável por Deus. Portanto não nos deixemos ser dominados pela indolência.

O que é a indolência? É a depressão que dominou o espírito. Seria como a debilitação da força física de quem sofre de uma doença grave, que, no campo psíquico, é a depressão das forças vitais e criativas. A religião cristã considera a indolência como um dos pecados mortais, ou seja, um perigo mortal para a alma.¹³⁹

A busca pelo crescimento psíquico, espiritual e comunitário é a receita para não sermos enfraquecidos em nossas forças criativas e vitais. É estar inteirado do mundo ao nosso redor e não viver em uma bolha, é experienciar e relacionar-se agregando ao indivíduo os valores externos, apurando os sentidos, para que adquiramos conhecimento. “Os empiristas-associacionistas, tais como Locke, Berkeley, Hume, conforme Kamii e Devries (1988), argumentavam que o conhecimento se originava fora do indivíduo e que era interiorizado por meio dos sentidos.”¹⁴⁰

Superemos a indolência, buscando crescimento pessoal, intelectual, psíquico e físico prazerosa, através do engajamento ativo na sociedade e na comunidade religiosa. “Considerando que as estruturas não podem ser dissociadas da experiência vivenciada no desenrolar da história do indivíduo, Piaget (1975)

¹³⁸ MONTESSORI, M., *Mente absorvente*, p. 243.

¹³⁹ MONTESSORI, M., *A criança*, p. 191.

¹⁴⁰ LOPES, M. M., *Alfabetização e construtivismo em questão*, p. 38.

ressalta que o sujeito epistêmico constitui-se num processo histórico, partindo de sua organização biológica.”¹⁴¹

No processo histórico, somos influenciados numa organização biológica e, diante das experiências vivenciadas, nossas estruturas cognitivas também são formadas, pelo fato das interações com o ambiente. É assim que ocorre a construção do conhecimento. Portanto, gradualmente, a desenvoltura da inteligência de uma criança separadamente irá identificar cor, forma e dimensões, mesmo estando tudo isso aglomerado no mundo.

O cérebro humano fará a separação na aquisição de suas percepções e compreensões, o que na pessoa proporciona ordem, calma, serenidade e confiança. Por outro lado, a desordem causará agitação, ansiedade, inquietude e confusão.

O mundo apresenta-se à criança como um caos onde a inteligência, gradualmente, assinala objetos distintos, aos quais atribui três caracteres: a cor, a forma e a dimensão. Esses três caracteres nunca se apresentam separadamente, mas sempre reunidos, e por isso se pode dizer que não existem na natureza, mas unicamente no pensamento do homem.¹⁴²

A ordem é benéfica, pois ajuda-nos a organizarmo-nos cognitivamente. Na criança, estimula gradualmente nas percepções e conceitos, diante do ambiente em que vive, construindo conhecimento e enfatizando senso de tranquilidade interior. “É na medida em que se evolui a inteligência da criança num mundo ordenado, que o caráter adquire estabilidade. A desordem produz a inquietude, a agitação; a ordem faz florescer a calma, a confiança, a serenidade”.¹⁴³ Assim, nas fases iniciais da vida, é enriquecedor e saudável para a inteligência e importante um ambiente organizado para promover o aprendizado.

A pré-história oferece a ocasião não só de fazer respeitar o trabalho, mas também de desenvolver o sentido moral. O homem deve sempre ultrapassar-se, e ultrapassando-se, ajudar os outros. Porque é solidário dos outros. Todos devemos ajudar-nos mutuamente, fazer concessões recíprocas e obedecer juntos a uma lei, porque a disciplina de todos garante a liberdade de cada um.¹⁴⁴

A ideia de solidariedade faz concessões recíprocas e garante a liberdade individual. Ao olharmos para o retrovisor da vida, desde a pré-história, valorizamos o sentido moral, onde também se reflete que o ser humano deve constantemente superar-se, porém sempre observando as leis constitutivas de uma sociedade, na

¹⁴¹ LOPES, M. M., Alfabetização e construtivismo em questão, p. 40.

¹⁴² LENVAL, H. L., A educação do homem consciente, p. 57.

¹⁴³ LENVAL, H. L., A educação do homem consciente, p. 60.

¹⁴⁴ LENVAL, H. L., A educação do homem consciente, p. 68.

cooperação da disciplina coletiva. “A criança qual outro Adão, deve tomar posse de tudo o que a cerca, e o adulto, delegado por Deus, fornece-lhe os meios de exercer o seu domínio, dando-lhe a palavra.”¹⁴⁵ Assim, desde criança, é necessária a observação do mundo ao redor e o exercício do domínio, com auxílio do adulto, que facilita o desenvolvimento da linguagem comunicativa.

As palavras são para as crianças conhecimentos novos. Ela quer examiná-las à vontade, como faz com as pessoas; apalpá-las, como faz com os animais; saboreá-las, como faz com os objetos que leva sempre a boca. Isto exige tempo. E os adultos são habitualmente tão apressados! Se a palavra deve servir de corpo ao pensamento, é preciso respeitar o tempo da gestação e nunca forçar a criança a responder depressa.¹⁴⁶

O apoio é fundamental para viver e se desenvolver. Assim, o adulto representa um suporte essencial para a criança explorar suas habilidades. Por isso, devem sempre trabalhar juntos, solidários e cooperativos. O ser humano é um ser de relações e desempenha um papel crucial na vida dos outros, promovendo o florescimento interior e colaborando em uma sociedade mais justa, baseada na vida cristã e na liberdade. Oferecer atividades manuais à criança proporcionará o desenvolvimento da resolução de problemas, estimulando sua capacidade motora e favorecendo seu equilíbrio emocional e concentração.

“A atividade manual, sincronizada com um esforço mental, é o remédio soberano contra o desequilíbrio e a agitação.”¹⁴⁷ Estamos falando do crescimento integral, enfatizado por Maria Montessori, do qual defende desde o início da vida. “A pedagogia montessoriana baseia-se rigorosamente no processo de desenvolvimento psicológico da criança, levando em conta as manifestações de seu comportamento, desde o fato inicial de seu nascimento.”¹⁴⁸ Maria Montessori reconhece as várias fases do desenvolvimento infantil, caracterizando-o por transformações.

Para Maria Montessori, o processo de desenvolvimento da criança revela ora metamorfoses, ora mais lento e tranquilo crescimento, tanto do ponto de vista físico, mental, como espiritual e social. Observou ela que, do nascimento aos seis anos, a criança passa pela etapa da mente absorvente: de zero a três anos é a mente absorvente inconsciente e de três a seis anos a mente absorvente consciente.¹⁴⁹

¹⁴⁵ LENVAL, H. L., A educação do homem consciente, p. 71.

¹⁴⁶ LENVAL, H. L., A educação do homem consciente, p. 72.

¹⁴⁷ LENVAL, H. L., A educação do homem consciente, p. 79.

¹⁴⁸ MACHADO, I. L., Educação Montessori, p. 21.

¹⁴⁹ MACHADO, I. L., Educação Montessori, p. 23.

Assim, o lúdico no manual desenvolve habilidades motoras, cognitivas, de maneira integrada, explorando todo o ambiente que o ser humano possui, tanto quanto criança, jovem ou adulto, forma em si significados de forma autônoma. A pedagogia montessoriana valoriza e ressalta as emoções, o corporal e a mente, alargando os horizontes interage com a ação física e o pensamento, que é gradual. Isso Montessori denomina de “mente absorvente”, classificando as etapas por faixa etária.

Conclui-se facilmente que o Sistema Montessori é adequado à criança de qualquer raça e condição social, uma vez prima pela fidelidade ao processo de seu crescimento, procurando acompanhar a natureza humana nela impressa e que se desenvolve para atingir a construção do homem.¹⁵⁰

Montessori defende que a fase infantil precisa ser muito estimulada em desafios no intuito de construir, descobrir ao máximo suas fases críticas, mas de forma independente, para que desenvolva habilidades sociais, desejo ativo de aprender, para a criança tornar-se mais consciente de suas experiências.

Maria Montessori defendeu sempre com veemência a importância do ambiente familiar na ajuda adequada ao crescimento da criança; constitui, para ela, o primeiro ambiente educador. Teve grande preocupação em manter contactos muito freqüentes com as mães para implantar no seio familiar as novas orientações de sua pedagogia.¹⁵¹

Assim, a integração entre o ambiente familiar e a brincadeira se tornam importante na formação da criança. “A vida infantil é constituída pelo mundo do brinquedo. Um mundo criado pela criança, onde ela mesma se autocria. A criança traz para dentro dessa área do brinquedo objetos, fenômenos, personagens do mundo que a envolve”.¹⁵² Contudo, essa afirmação demonstra o quão é saudável um ambiente favorável ao crescimento e aprendizado, influenciando por diferentes aspectos o desenvolvimento da criança e não entregando algo pronto, sem favorecer a reflexão.

O universo lúdico exercita a criança a incorporar elementos; assim, brincando, ela aprende e se desenvolve. Além disso, o lúdico não se limita apenas no manuseio de materiais, mas também inclui aspectos visuais, virtuais, digitais. Essa invenção lúdica permite não só às crianças, mas qualquer pessoa transcender

¹⁵⁰ MACHADO, I. L., Educação Montessori, p. 25.

¹⁵¹ MACHADO, I. L., Educação Montessori, p. 30.

¹⁵² SANTINI, S., Educação física: da alegria do lúdico à pressão do rendimento, p. 45.

suas limitações, pois isso tudo está ligado ao sonho, de superar incertezas, é um desafio contemporâneo e que está impactando o ambiente familiar.

Há necessidade de mergulhar profundamente nesse mundo de imaginação e realidade, a fim de garantir um equilíbrio no diálogo entre a imaginação lúdica e espaço tecnológico. Dessa forma, evitemos que a tecnologia restrinja o desenvolvimento do pensamento, oferecendo modelos prontos e acabados, assimilando que do que vem deste é o certo. “O brinquedo é fruição, e a fruição é corporal. Por isso, é plenamente correto dizer-se que corpo se torna lúdico, é lúdico”.¹⁵³

O brincar e a tecnologia nos colocam num desafio diante do lúdico. Enquanto a brincadeira traz consigo a magia da imaginação, a tecnologia parece nos dar resposta já pré-estabelecidas, tornando delicada a busca da liberdade criativa e a influência digital.

Se a organização simbólica da invenção lúdica superou a ordem fechada da vida biológica, a tecnologia está conspirando contra a imaginação mágica do impulso lúdico. Quem brinca gosta da liberdade de sonhar e de inventar; para isso precisa da liberdade de sua imaginação para manter e superar as incertezas.¹⁵⁴

O mundo interior da criança precisa de brinquedos, essa é a ferramenta, a tecnologia digital vem depois. Preservemos a imaginação lúdica na fase infantil, porque a criança precisa mostrar suas manifestações holísticas, sensações físicas, fazer o engajamento corporal no ato de brincar. O digital favorece mais o estar parado, com pouco movimento, enquanto ressaltamos, com base em Montessori a importância do movimento do corpo, da mente, das expressões, “o corpo lúdico pensa, sonha, inventa, cria mundos, onde é capaz de assumir todas as responsabilidades de viver com amor e liberdade”.¹⁵⁵ O corpo lúdico é uma forma positiva para o desenvolvimento integral, promovendo não apenas a criatividade, mas também responsabilidade, amor e liberdade.

A corporeidade da atividade lúdica é como a sonoridade de um instrumento musical. O som é inseparável do próprio instrumento, e o som não se desvincula da melodia. O corpo melódico é formado pelas vozes de um coral ou pelos sons de uma orquestra. Vozes e sons não são separáveis das pessoas e dos instrumentos musicais. Vozes, sons, pessoas e instrumentos musicais formam um todo com a melodia. O brinquedo forma uma sensibilidade corporal unívoca e indivisível, e a melodia da corporeidade do brinquedo chama-se alegria.¹⁵⁶

¹⁵³ SANTINI, S., Educação física: da alegria do lúdico à pressão do rendimento, p. 57.

¹⁵⁴ SANTINI, S., Educação física: da alegria do lúdico à pressão do rendimento, p. 56.

¹⁵⁵ SANTINI, S., Educação física: da alegria do lúdico à pressão do rendimento, p. 117.

¹⁵⁶ SANTINI, S., Educação física: da alegria do lúdico à pressão do rendimento, p. 58.

Em se tratando de humanização precisamos atentar para o campo musical, esportivo e, por que não, ao teatro. O corpo melódico, formado por vozes, instrumentos, movimentos, relação entre o corpo, o jogo e a música. Atividades lúdicas, sonoras convidativas a estimulação da imaginação, proporcionando a leveza do corpo e da mente. São símbolos que exploram a capacidade de expressão, interação, alegria; demonstram identidade no ser humano e humanidade; é a capacidade de harmonia, beleza e arte; são fontes de prazer, de conexão.

A antropologia, por sua vez, nos daria a vinculação existente entre as manifestações lúdicas do ser humano, enquanto criações simbólicas do ser humano, que garantem o seu distanciamento do comportamento animal e inauguram o processo de sua humanização como expressão de harmonia, beleza e arte. O antropólogo, ainda, observaria o profundo envolvimento do corpo nas atividades esportivas.¹⁵⁷

Beleza, arte e o lúdico contribuem para que nos tornemos seres humanos sensíveis, remetendo-nos à expressão corporal e vislumbrando um mundo além do que se vê ao redor. Isso leva o ser humano a transpor barreiras, explorando ainda mais sua humanidade.

3.3 O lúdico e sua relevância para a IVC

Procuramos anteriormente clarificar a importância do lúdico na vida de uma pessoa, buscando mostrar que na Iniciação à Vida Cristã se torna um potente meio de educação na fé. O lúdico é uma abordagem pedagógica, onde se valoriza a dimensão corporal, transcende ao mundo material, evidencia os valores espirituais, concede uma acessibilidade na estimulação da participação de crianças, jovens e também dos adultos, atingindo a participação da família.

Sendo o lúdico um caminho valioso à IVC, temos a oportunidade, por meio dos jogos apresentados ao público, abordar questionamentos e reflexões, proporcionando uma vivência integral da fé. Incentivamos os participantes a explorar mais a vida em comunidade, “O homem, ser uno, composto de corpo e alma, sintetiza em si mesmo, pela sua natureza corporal, os elementos do mundo material, os quais, por meio dele, atingem a sua máxima elevação e louvam livremente o Criador”¹⁵⁸. No engajamento pastoral, de forma prazerosa e criativa a

¹⁵⁷ SANTINI, S., Educação física: da alegria do lúdico à pressão do rendimento, p. 88.

¹⁵⁸ GS, 14.

ludicidade poderá despertar no ser humano um caminho de educação da fé ativamente.

Estamos em uma mudança de época, e atualmente uma abordagem ao anúncio de Jesus Cristo através da comunidade no processo de Iniciação à Vida Cristã, nos ajudará a formar fiéis, sob inspiração catecumenal, reconhecendo temas que envolvam o lúdico na realidade do mundo contemporâneo, aprofundando na fé pelo conteúdo da Sagrada Escritura, promovendo os valores cristãos, permitindo que a Palavra de Deus ilumine os desafios do tempo atual. A leitura orante sempre foi e é nesse tempo uma ferramenta importante para fortalecer nossa fé e onde podemos encontrar respostas para os desafios pastorais de hoje.

Há necessidade de envolver a comunidade inteira no processo da Iniciação à Vida Cristã e na formação continuada dos fiéis. A atual mudança de época exige que o anúncio de Jesus Cristo seja explicitado continuamente e que os processos de iniciação, inspirados na tradição catecumenal, sejam assumidos de modo criativo e adequado; neles precisamos incluir novos temas (como ecumenismo, ecologia, comunicação moderna, questões sociais) e ter flexibilidade para atender às situações concretas dos catecúmenos. A leitura orante da Bíblia nos ajuda nisso¹⁵⁹.

Através do amadurecimento e o encontro com a Palavra de Deus, desenvolve-se o caminho de santidade nos inúmeros serviços laicais. Podemos trabalhar o lúdico aprofundando a educação da fé em formação bíblica, espiritual, pastoralmente e em diferentes aspectos da vida cristã. Já na catequese, o catequista poderá ressaltar a beleza que se encontra em Cristo através da arte que edifica o catequizando de forma concreta.

Nessa trajetória permanente de formação para a educação da fé, cabe ao catequista anunciar a Beleza como síntese; a beleza é Cristo, nEle se encontra a bondade e a verdade. Aquilo que está na arte ou em qualquer criação não deve ser acolhido como manifestação absoluta da Beleza, pois, a Beleza transcende aquilo que é visível, material, concreto. Por isso, educa o catequista em profundidade humano-cristã, não o estagna, não o deixa parado com a sensação de plenitude, mas o convoca, atrai para um caminho permanente de diálogo e comunhão¹⁶⁰.

A comunhão de fé é ressaltada na formação permanente transmitida e promovida no encontro com a Palavra de Deus. “Precisamos de promover o encontro com a Palavra e o amadurecimento na santidade por meio de vários serviços laicais, que supõem um processo de maturação – bíblica, doutrinal, espiritual e prática – e distintos percursos de formação permanente”¹⁶¹. No diálogo

¹⁵⁹ Doc. 107, 75.

¹⁶⁰ LEDO, J. S., A Via da Beleza na formação humano-cristã com catequista. p, 323.

¹⁶¹ QA, 93.

do catequista com os fiéis, compartilhando experiências, buscando a vivência do amor em comunidade

Um espaço educativo já apontado por Montessori é a família, e em relação aos valores cristãos não é diferente que esse local seja de relações efetivas de diálogo e reciprocidades entre pais e filhos, estando ambos abertos a escuta uns dos outros, o que formará integralmente os indivíduos da família, construindo relacionamentos saudáveis, educativos e significativos. “Visto que a família é o valor mais querido por nossos povos, cremos que se deve assumir a preocupação por ela como um dos eixos transversais de toda ação evangelizadora da Igreja”¹⁶². Reconhecer a importância da família e assumir a responsabilidade por seu bem-estar é crucial como um pilar da evangelização da Igreja.

A criação do primeiro casal humano é a eclosão final do processo cósmico que dá origem à natureza, é a coroação de uma obra que não termina com a simples criação do homem, mas que requer, além disso, a conformação da mulher e, como resultado final, a união do casal, chamado a se amar, a se ajudar, a se complementar e a fazer crescer a vida do homem sobre a terra. Este é o dado primordial da Bíblia no que se refere à realidade do matrimônio¹⁶³.

A existência humana está ligada ao matrimônio, de onde emana do coração a generosidade e os laços afetivos essenciais à existência humana. Mesmo que não exista a tradicional estrutura familiar, os sentimentos familiares são sempre fortes. “Assim, o primeiro pressuposto para fazer da família um espaço educativo é a capacidade de dar vida a relações efetivas de diálogo, de reciprocidade plena, onde se experimenta o bem do outro e não se usa contra o outro o que foi por ele partilhado”¹⁶⁴. Portanto, a relevância lúdica dentro do processo de IVC, tem papel crucial na formação dos filhos, sobretudo utilizando o lúdico para transmitir a fé, conduzindo-os a comunidade cristã.

A educação dos filhos deve estar marcada por um percurso de transmissão da fé, que se vê dificultado pelo estilo de vida atual, pelos horários de trabalho, pela complexidade do mundo atual, onde muitos têm um ritmo frenético para poder sobreviver. Apesar disso, a família deve continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo. Isto começa no batismo, onde – como dizia Santo Agostinho – as mães que levam os seus filhos «cooperam no parto santo»¹⁶⁵.

¹⁶² DAp, 435.

¹⁶³ FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 110.

¹⁶⁴ MORAES, A. O., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 76.

¹⁶⁵ AL, 287.

A família é ambiente propício para educação espiritual dos filhos e também lugar de processo preparação para desafios do mundo atual. Contudo, sabemos que a complexidade do mundo dificulta o ensino dos filhos a rezar e a fortalecer o vínculo com a comunidade, devido ao estilo de vida contemporâneo, com escalas de horários de trabalho, plantões, trânsito caótico, transporte públicos, entre outros fatores que a família enfrenta todos os dias no mundo moderno. No entanto, isso não deve se tornar uma regra e os planos espirituais de uma comunidade, da família e pessoais, ou seja, valores cristãos e prática da fé, devem ser princípios a serem nutridos na família.

As funções do matrimônio e da família estão hoje mais relacionadas com as necessidades que surgem das raízes da existência humana e que têm a ver com os vínculos e afetos familiares, com o amor gratuito e generoso que emana do coração, com a consciência viva de pertencer a uma mesma comunidade, que inspiram as relações de família. O fato de os homens e as mulheres de hoje não dependerem tanto como no passado da vida de família, de muitos se verem até forçados a viver fora da família, em ambientes mais socializados ou massificados, aviva neles os sentimentos familiares. O “familiar”, como indica o próprio sentido do termo, corresponde ao querido e íntimo, ao conhecido e assumido, ao próximo e grato¹⁶⁶.

A psicologia mostra expressa que a criança, em seus primeiros anos de vida é mais lúdica. Portanto, aqui há uma oportunidade para a transmissão da fé utilizando as diferenças forma lúdicas para uma experiência espiritual. Torna-se importante também que as crianças desde cedo sejam inseridas na liturgia, para que seja mais compreensiva a elas o que se celebra de acordo com sua idade em desenvolvimento, pois elas têm inclinação especial para a religião.

Proporcionar, através do lúdico, a vivência da fé na liturgia promove um engajamento maior, participação e compreensão das crianças do que da forma mais comum que já é celebrada pelos adultos. Não se trata de mudar o conteúdo nem a mística, mas sim torná-los acessíveis para um público específico, no caso, as crianças. Elas precisam se identificar com a liturgia e não se sentirem alheias nas celebrações.

Na realidade as crianças, na sua vida cotidiana, nem sempre compreendem tudo o que experimentam na convivência com os adultos, sem que isto lhes ocasione algum tédio. Por esse motivo, não se pode pretender que na liturgia todos e cada um de seus elementos lhes sejam compreensíveis. Poder-se-ia, entretanto, causar às crianças um dano espiritual se, repetidamente e durante anos, elas não compreendessem quase nada das celebrações; pois recentemente a psicologia moderna comprovou quão

¹⁶⁶ FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 324.

profundamente podem as crianças viver a experiência religiosa, desde sua primeira infância, graças à especial inclinação religiosa de que gozam¹⁶⁷.

Se desde cedo as crianças podem viver experiências religiosas e serem evangelizadas através do lúdico, na mudança de época em que estamos, se torna assunto relevante. Utilizar o lúdico, sobretudo nas celebrações, pode aproximar as pessoas da religião, incentivando-as a buscar a espiritualidade e se abrir para o mundo ao seu redor. Nessa transformação de época, as atividades lúdicas como jogos, brincadeiras e dinâmicas na Iniciação à Vida Cristã, deixa os catequizandos mais descontraídos e convidativos a participarem da catequese e se for praticada na celebração litúrgica, pode aos que ainda não estão familiarizadas com a mesma, fazerem uma experiência emocional, impactante e memorável da mensagem do Evangelho.

A infância é um período extremamente sensível. Neste período todas as impressões, sons, ruídos e outros componentes do meio são absorvidos. A facilidade e a espontaneidade são características das aquisições da infância. E mais, neste período os organismos estão em desenvolvimento e são dotados de sensibilidade especial, ao mesmo tempo que são objeto de uma série de transformações físicas decorrentes do crescimento¹⁶⁸.

Cada vez mais, vamos precisar de uma abordagem lúdica e podemos estar não só de modo presencial no encontro de catequese, mas também desenvolver isso como um conteúdo na rede social, no digital, de tantos conteúdos que podem ir para a internet, também podemos colocar conteúdos que formem e transmita a fé, de forma leve e atraente.

Uma grande preocupação pastoral nesse meio de comunicação é com as crianças, pois elas já nascem inseridas no ambiente digital. Muitos pais, para se verem “livres” de seus filhos, oferecem telas para que eles fiquem interditos e não os atrapalhem. Assim, é necessário fomentar, sobretudo nos pais, que eles precisam transmitir a fé a seus filhos (as). Ao pensar na evangelização para crianças é fundamental a participação da família. Mais do que mostrar o conteúdo digital aos filhos, os pais precisam ter presença ativa em seu processo de evangelização¹⁶⁹.

A espiritualidade querigmática e mistagógica lúdica através das mídias sociais aborda a utilização da mesma para a divulgação e prática da fé cristã. Por meio delas, torna-se possível a criação de conteúdos interativos e divertidos que permite aprofundar a compreensão sobre a fé e sua relação com Deus, tornando possível um alcance maior de pessoas. “As redes sociais não são um conjunto de

¹⁶⁷ Doc. 2a, 2, p. 113.

¹⁶⁸ MONTESSORI., O que você precisa saber sobre seu filho, p. 44.

¹⁶⁹ BRAIDO, O. O., Uso de linguagens lúdico-digitais na evangelização infantil, p. 178.

indivíduos, mas de relações entre indivíduos. E estão sendo desenvolvidos sistemas que permitem diferentes plataformas de rede de contatos sociais interagirem entre elas”¹⁷⁰.

O convite é que as famílias façam a Iniciação a vida Cristã. Para isso, devem desde o noivado cultivar o amor pelo seguimento a Jesus Cristo, para que o matrimônio seja berço de transmissão da fé aos filhos que Deus lhes confiar. Esse é o chamado aos pais cristãos: que assumam seu dever de primeiros catequistas de seus filhos, influenciados na relação com a fé e o meio ao seu redor. “A família é chamada a ser lugar de iniciação, onde se aprende a rezar e a viver os valores da fé. Aos pais cristãos cabe a primeira responsabilidade pela formação de seus filhos no seguimento de Jesus Cristo”¹⁷¹.

O ser humano sempre está em busca de atenção, e quando se trata de uma criança, se redobra a atenção que deve ser entregue a ela, principalmente nos primeiros anos de vida, onde a mesma está aberta aos ensinamentos morais e aos valores da fé.

A criança não é um ser acabado, mas um organismo em desenvolvimento, e conseqüentemente o seu comportamento se forma não só sobre a influência excepcional da interferência sistemática no meio, mas ainda em função de certos ciclos ou períodos do desenvolvimento do próprio organismo infantil, que determinam, por sua vez, a relação do homem com o meio¹⁷².

A capacidade de amar diferencia os seres humanos de qualquer outro ser existente nesse mundo. Portanto, o amor é o que busca a beleza, o belo traz em si a ternura e cuidado para com o próximo, isso desperta em nós emoções, sentidos, espiritualidade, nos tornando sensíveis. Como diz São Paulo “as palavras podem até convencer, porém o que arrasta é o testemunho”. Jesus Cristo com gestos demonstrou isso em seu peregrinar terrestre, suas palavras ecoam até hoje no coração de muitos e pelos mesmos se é transmitido as gerações de hoje e futuras.

Um conteúdo fundamental em ordem ao discurso da educação para a ternura é dado pela beleza. O amor que tende ao belo é já ternura. A ternura, de fato, não é senão a estética espiritual do amor, sua dimensão mais alta, e se realiza sempre como reflexo e ato de beleza. Tem razão Agostinho quando escreve que “Não podemos amar senão aquilo que é belo”. E acrescenta: “Unicamente o belo pode ser amado”¹⁷³.

¹⁷⁰ SPADARO, A., Cibertologia, p. 60.

¹⁷¹ Doc. 107, 199.

¹⁷² VIGOTSKI, L. S. Psicologia pedagógica, p. 289.

¹⁷³ ROCCHETTA, C., Teologia da Ternura, p. 441-442.

O que nos faz lembrar que pertencemos a uma família maior que a que vivemos é o amor, pois ele transcende, nos faz conservar os valores familiares, nos ajuda a crescer em espírito e que nos acolhe como irmãos. O amor é a base da vida familiar, é o que une e dá sentido à família e através da convivência do amor na família, mostramos a imagem de Deus de dentro da nossa realidade e descobrimos o que é o verdadeiro amor de Deus, que une todos os seres humanos como membros de uma mesma família.

No seio de uma família, a pessoa descobre os motivos e o caminho para pertencer à família de Deus. Dela recebemos a vida que é a primeira experiência do amor e da fé. O grande tesouro da educação dos filhos na fé consiste na experiência de uma vida familiar que recebe a fé, a conserva, a celebra, a transmite e dá testemunho dela. Os pais devem tomar nova consciência de sua alegre e irrenunciável responsabilidade na formação integral dos filhos¹⁷⁴.

Os dons divinos em Cristo, graça benevolente que precede a Iniciação a Vida Cristã, através da vivência dos sacramentos Batismo, Crisma e Eucaristia estão intrinsecamente ligados, e a família tem um enorme peso na contribuição na missão maternal da Igreja. “Através da família, o homem descobre sua conexão com o passado e com o futuro, sente-se naturalmente integrado na existência humana”¹⁷⁵. A família como o ambiente primordial para a Iniciação a Vida Cristã, reconhece o papel dos pais como ministros da fé.

A Igreja sempre reconheceu o caráter ministerial dos pais no interior da família, contudo, uma das grandes contribuições do Magistério, a partir do Vaticano II, foi explicitar e reconhecer amplamente esta tarefa ministerial (cf. LG 7.32.33; AG 15.21; AA 3.6.10). Os pais contribuem de forma especial com a missão maternal da Igreja (cf. LG 11.41).¹⁷⁶

Enfatizar a graça transformadora que é vivenciada por meio dos sacramentos, permite que os filhos cresçam em sua relação com Deus e vivam plenamente sua vocação cristã. A IVC, por sua vez, é um processo de graça que se desenvolve por meio dos sacramentos, os quais são vivenciados dentro do contexto familiar.

A iniciação cristã é graça benevolente e transformadora, que nos precede e nos cumula com os dons divinos em Cristo. Ela se desenvolve dentro do dinamismo trinitário: os três sacramentos, numa unidade indissolúvel, expressam a unidade da obra trinitária na iniciação cristã: o Batismo nos torna filhos do Pai, a Eucaristia nos alimenta com o Corpo de Cristo e a Confirmação nos unge com unção do Espírito¹⁷⁷.

¹⁷⁴ DAp, 118.

¹⁷⁵ FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 235.

¹⁷⁶ MORAES, A. O., Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé, p. 74-75.

¹⁷⁷ CNBB, Estudo 97, 63.

Em nossa jornada eclesial, os sacramentos nos impulsionam a viver em Deus e nos comprometer com nossa comunidade, tornando-nos discípulos missionários, levando à humanidade a oportunidade de mergulharem na Graça por meio da Iniciação à Vida Cristã que transcende a ritos sacramentais.

Conclusão

Portanto, o capítulo traz uma luz que nos conduz para que esse peregrinar do IVC seja possível é a dimensão lúdica, valorizando a beleza e arte nos encontros de catequese, na liturgia e nas demais atividades pastorais expressando o mistério da fé. O artístico, o lúdico agrega a catequese, nos ajuda a encontrar soluções em momentos de crise, diante dos desafios, encontramos soluções criativas. A abordagem catequética atual, marcada pelo modelo apresentado em Aparecida, é um chamado para uma catequese que vai além da mera transmissão doutrinal.

A incorporação do lúdico e do artístico não apenas enriquece a catequese, mas também ressoa com a natureza complexa e sensível do ser humano, tornando-se um caminho para a compreensão da fé, em sintonia com as demandas contemporâneas. O uso do simbolismo, das histórias e da experiência visual, como exemplificado nas parábolas dos pães e peixes e nas bodas de Caná, ressalta a necessidade de uma abordagem holística à catequese. O simbolismo é visto como uma exigência teológica na linguagem religiosa, uma vez que tentar falar diretamente de Deus e do Reino é uma tarefa além da experiência humana.

4. As dimensões querigmática e mistagógica desenvolvidas nos processos da IVC a partir do lúdico

A dimensão lúdica é fundamental na Iniciação a Vida Cristã, pois enriquece e aprofunda no caminho da experiência de fé, explorando as dimensões querigmática e mistagógica. A IVC promove o movimento antropológico e eclesiológico, sendo assim, no processo de formação de qualquer pastoral se faz necessário reconhecer a importância da mesma.

A inserção do lúdico por parte dos catequistas na liturgia, será benéfica ao processo no anunciar o Evangelho, proporcionando um encontro com o Divino e, conseqüentemente, aprofundando a vivência da fé de forma mistagógica. O lúdico desperta o interesse do ser humano, pois nós somos curiosos e nos envolvemos, o que é para a Igreja super interessante, pois permite envolver a família no processo.

Desenvolver a criatividade ao ambiente torna-o prazeroso, por isso é bom termos atividades lúdicas, jogos e dinâmicas que remetam ao Sagrado. Através do lúdico, as formações catequéticas e litúrgicas, podem estabelecer uma conexão potencializada na IVC. Assim, com o auxílio da pedagogia, da psicologia e o uso da teologia, fortalece-se a catequese e impulsiona-se a utilização do lúdico, o que também contribuirá para a inserção das crianças na liturgia e na comunidade eclesial, pois desperta o amor pela fé, pela Igreja, pelo conhecimento da Doutrina e da Tradição. O lúdico pode ser a abordagem para esse caminho.

4.1 As dimensões querigmática e mistagógica do lúdico

O ser humano, mesmo quando criança, é envolvido pelo lúdico e este trabalhado como canal de evangelização pode cativar ainda mais. Assim, a Palavra de Deus sendo transmitida com o auxílio do lúdico, deixará marcas que levarão a um despertar espiritual e através do lúdico a pessoa será atraída ao mistério. Portanto, essas são as dimensões que o lúdico pode proporcionar para atrair e conduzir a vivência da Palavra de Deus, a vida em comunidade e fora dela. No entanto, para que isso aconteça, é necessário ter auxílio e a presença do catequista no processo formativo, pois sua participação é fundamental. Qualquer metodologia adotada não poderá excluir a presença do catequista. Além disso, ele precisa viver

a fé de forma autêntica e ser sincero consigo mesmo, pois isso impacta diretamente na vida dos catequizandos, os motiva a engajarem no processo e conduzem a vivência litúrgica. “A Iniciação à Vida Cristã depende da integração entre o processo formativo e a liturgia”¹⁷⁸.

Portanto, o catequista precisa ter espiritualidade sólida e um testemunho de vida. É preciso entender que a linguagem a ser utilizada para a comunicação tem que ser adequada às diferentes faixas etárias, pois o catequista precisa envolver e mediar seu público ao mistério de Deus, fazendo assim a ponte entre catequizandos e comunidade.

Nenhuma metodologia dispensa a pessoa do catequista no processo da catequese. A alma de todo método está no carisma do catequista, na sua sólida espiritualidade, em seu transparente testemunho de vida, no seu amor aos catequizandos, na sua competência quanto ao conteúdo, ao método e à linguagem. O catequista é um mediador que facilita a comunicação entre os catequizandos e o mistério de Deus, das pessoas entre si e com a comunidade¹⁷⁹.

A catequese é parte fundamental no processo querigmático e mistagógico. Em uma Igreja particular é de bom grado ter uma equipe de formação, ela se torna uma referência na orientação, formação, encaminhamento e aconselhamento, ajudando as paróquias espalhadas dentro da porção do povo de Deus da Arquidiocese).

De forma organizada, é importante estabelecer uma estrutura a nível diocesano, que promoverá a direção dos trabalhos missionários e dos que estão envolvidos nessa colaboração. Na equipe formativa, é interessante ter especialistas em catequese, com teoria e prática, ou seja, a competência da comissão de catequese precisa ser embasada no que a Igreja pede. Por sua vez, as paróquias precisam assimilar o conteúdo para contribuir com a eficácia e aprofundamento desse belo trabalho evangelizador.

A catequese é uma atividade tão fundamental para a vida de uma Igreja particular que em cada diocese se pede uma equipe de coordenação para a catequese. Será guiada por um responsável possivelmente especialista em catequética, sustentado por pessoas competentes, de modo que as diversas questões sejam tratadas com a devida responsabilidade¹⁸⁰.

A compreensão da fé se dá pelo o que é partilhado no anúncio da Palavra de Deus, pelo o que a Teologia explica e pelo o que a Liturgia oferece. O mistério é

¹⁷⁸ Doc. 107, 182.

¹⁷⁹ DNC, 172.

¹⁸⁰ DpC, 417.

rico, ao mesmo tempo se torna complexo, muito abrangente e profundo, pois tudo se torna muito íntimo na experiência que a pessoa faz. A pessoa transcende, ao ponto de não conseguir explicar o que sentiu, mesmo utilizando todas as palavras do alfabeto que se tem disponível, se torna *apofático*.

Não é irracional, só que a racionalidade não explica completamente, pois o mistério que se vive. Daí a importância da vivência da liturgia, numa dimensão profunda da fé. Nela somos convidados a participar ativamente, a comunicar-se mais profundamente, assim é insubstituível o papel da liturgia no processo querigmático e mistagógico.

Em todo o caminho mistagógico, a liturgia ocupa um lugar eminente e insubstituível. “Aquilo que a palavra anuncia e a teologia explica, a liturgia o oferece à explicação da fé, numa comunhão-comunicação, na qual a assembleia está sendo convidada a participar”. De fato, o “mistério” é uma realidade tão rica, complexa, abrangente e profunda que é impossível expressá-la ou explicá-la racionalmente. O mistério não é irracional, mas ultrapassa nossa razão¹⁸¹.

A experiência do mistério é experienciada por cada ser humano, independentemente da faixa etária. Portanto, ter um método para a transmissão da Palavra é benéfico, pois a Sagrada Escritura é a base de ensino e tendo uma forma pedagógica para cada idade se facilita para os que procuram ser catequizados, conseqüentemente para também ao ensino da Tradição, do Magistério, inserindo estes na Liturgia e na vida da Igreja.

Cuidem que não só às crianças e adolescentes, mas também aos jovens e até aos adultos, seja dada boa formação catequética; esta, pelo ensino da doutrina, deve tornar a fé viva, explícita e prática. Cuidem que este ensino seja dado segundo a ordem e o método que mais convenham não só à matéria explicada mas também ao desenvolvimento, capacidade, idade e condições de vida de quem ouve, e que o ensino se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja. Procurem, também que os catequistas sejam preparados para a sua tarefa, adquirindo perfeito conhecimento da doutrina da Igreja e aprendendo teórica e praticamente as leis da psicologia e das ciências pedagógicas. Esforcem-se também por estabelecer ou organizar melhor a formação dos catecúmenos adultos¹⁸².

Explorar o uso do lúdico poderá enriquecer e tornar os encontros catequéticos mais atrativos, envolventes e alegres. Utilizar o lúdico no espaço litúrgico proporcionará a participação e enriquecerá a vivência da fé, proporcionando uma experiência sensorial. Ter a sensibilidade de se despertar essa vivência nas Missas e Celebrações da Palavra, faz com que a formação catequética seja mais atrativa e envolvente especialmente para as crianças. Devemos também prestar atenção ao

¹⁸¹ BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 120.

¹⁸² ChD, 14.

trabalho do lúdico no meio digital, na comunicação da fé por meio das mídias sociais, o que hoje é uma necessidade na qual devemos nos inserir

4.2

O lúdico nos encontros catequéticos, no espaço litúrgico e nas mídias sociais

Na formação dos catequistas, temos “um grave desafio que perpassa todas as fases da formação de catequistas é como dar um caráter também catecumenal na própria formação de catequistas”¹⁸³. Para superar esse desafio, é de bom grado proporcionar aos catequistas a oportunidade de vivenciar o que foi ensinado em seu processo de formação. “Deus age na vida de cada pessoa e na história; o catequista, inspirando-se no estilo de Jesus, permite ser alcançado por essa presença”¹⁸⁴.

Portanto:

Diante disso é fundamental um cuidado especial na preparação e acompanhamento destes animadores, catequistas e agentes, dos quais depende em grande parte a caminhada dos que seguem o itinerário da Iniciação. “Para isso se recomenda que a própria formação desses responsáveis seja no estilo catecumenal, possibilitando aos próprios catequistas viverem a Iniciação à Vida Cristã”¹⁸⁵.

Absorvendo a formação do conteúdo catequético, os catequistas precisam ao mesmo tempo que são formados para transmitir a fé aos catequizandos, devem ser estimulados a estarem envolvidos, mergulhados também na Liturgia. Isso lhes permitirá experimentar e vivenciar na prática da fé aquilo que foi transmitido. Além disso, compartilhar experiências entre catequistas e liturgistas, promoverá um diálogo entre as duas áreas, possibilitando que os catequistas tenham acesso aos conteúdos e práticas litúrgicas. “A finalidade definitiva da catequese é a de fazer que alguém se ponha, não apenas em contato, mas em comunhão, em intimidade com Jesus Cristo”¹⁸⁶, sendo assim, “cabe aos sacerdotes, como educadores na fé, cuidar por si ou por outros que cada fiel seja levado no Espírito Santo a cultivar a própria vocação segundo o Evangelho”¹⁸⁷. Todavia:

O Bispo [é] o primeiro locutor a anunciar o Evangelho por meio das palavras e do testemunho da vida” (PG, n. 26; DGC, n. 222) e, como primeiro responsável pela catequese na diocese, tem a função principal, juntamente com a pregação, de

¹⁸³ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 248.

¹⁸⁴ DpC, 197.

¹⁸⁵ CNBB, Estudo 97, 114.

¹⁸⁶ DpC, 75.

¹⁸⁷ PO, 6.

promover a catequese e predispor as diferentes formas de catequese necessárias aos fiéis segundo os princípios e normas emanados da Sé Apostólica¹⁸⁸.

Quem é o responsável em cuidar da catequese na Diocese? O Bispo. Este predispõe das diferentes formas de catequese em sua Igreja Particular, juntamente com a Pregação. “É dever próprio e grave, sobretudo dos pastores de almas, cuidar da catequese do povo cristão, para que a fé dos fiéis, pelo ensino da doutrina e pela experiência da vida cristã, se torne viva, explícita e atuante”¹⁸⁹. Os Presbíteros também são pastores de almas e colaboram com o Pastoreio do senhor Bispo nas paróquias a eles confiadas, já os diáconos estão sempre ligados diretamente ao Bispo e estes recebem provisão para atuarem nas paróquias e ajudar o Padre nos trabalhos sociais e celebrações dos Sacramentos por ele pedido. Sendo assim, podem de forma construtiva e colaborativa exercer seu ministério no acompanhamento da catequese juntamente com seus catequistas, para melhor êxito evangelizador, sempre na orientação do pastor de almas escolhido para aquela Paróquia.

É importante que o catequista incentive o catequizando a se conectar com a Palavra de Deus, ajudando-o a descobrir como os acontecimentos da vida podem ser vistos como manifestações da vontade de Deus. O catequista deve ajudar o catequizando a entender que alguns eventos da vida são sinais dos acontecimentos da vida de Cristo. Trabalhar com o lúdico e inseri-lo na ação litúrgica, cria na criança uma memória afetiva, onde por meio deste se faz o querigma, do qual aguça a vontade de vislumbrar mais vezes a ludicidade por hora proporcionada. O que é feito nos encontros de catequese também pode ser disponibilizado no digital, pelas mídias sociais da paróquia, atingindo um outro público que nem mesmo conhecemos ou que nem cristãos são.

É nossa tarefa observar junto com o catequizando os sinais dos acontecimentos e ajuda-lo a unir com as promessas e ensinamentos vindos da Palavra. A vivência litúrgica une estes dois sinais de forma ritual, isto é, emprega-os em elementos e gestos para despertar a experiência efetiva da graça de Deus¹⁹⁰.

O catequista deve também ajudar o catequizando a descobrir como essas promessas se tornam experiências reais ao participar da liturgia, unir os sinais com sua vida e proporcionar que outros vivam-na. Assim, a tarefa do catequista é ajudar

¹⁸⁸ DpC, 114.

¹⁸⁹ CDC, 773.

¹⁹⁰ NUCAP, Do visível ao invisível, p. 34.

o catequizando a reconhecer os sinais dos acontecimentos e a uni-los à Palavra de Deus, para que o catequizando possa experimentar a presença de Deus em sua vida.

“Mais do que a tradicional dimensão racional ou doutrinal da fé, a catequese torna-se experiencial, celebrativa, orante”¹⁹¹. Na tentativa de sermos mais claros: “São “sinais”: apontam para alguma coisa, chamam a nossa atenção para algo que está acontecendo. São “sensíveis”: tem a ver com sensibilidade, sensibilidade, sensorialidade, corporeidade. São sinais sensíveis que “significam”¹⁹². Assim, “Com razão, portanto, a liturgia é considerada como exercício da função sacerdotal de Cristo. Ela simboliza através de sinais sensíveis e realiza em modo próprio a cada um a santificação dos homens”¹⁹³.

Os sinais e gestos são eficazes na construção do Reino de Deus, assim os discípulos missionários precisam estar atentos, portanto se faz necessário atualizar-se a todo tempo para promover a adesão à Pessoa de Jesus Cristo. Um sinal são as mídias sociais, estar inserido nelas possibilita que o Messias seja mais conhecido e vivenciado, atraindo os que estão dispersos ao convívio presencial em uma comunidade.

Diante das novas possibilidades de comunicação e dos novos tipos de relacionamento que a mídia possibilita, a comunidade também interage de forma diferenciada com seus fiéis. O ser humano atual é informado e conectado, acessa dados e vive entre os espaços virtuais. A ausência da paróquia nesses meios é inconcebível¹⁹⁴.

As formas criativas nos ajudam a trazer a luz de Deus e iluminar corações que estão dispersos, facilitando a abrir caminhos para o anúncio e condução do Evangelho. “O processo criativo é uma tentativa de encontrar um sentido maior. Ele pode nascer de uma situação desafiadora ou de uma inspiração, mas é, certamente, um fenômeno de sensibilidade”¹⁹⁵. E isso tudo aplicado a liturgia, ajuda em um maior envolvimento na celebração, assim a experiência litúrgica passa a ser mais vivida, há o reconhecimento do louvor a Deus e da reconciliação consigo e com o próximo.

¹⁹¹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 203.

¹⁹² BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 52.

¹⁹³ SC, 7.

¹⁹⁴ Doc. 100, 312.

¹⁹⁵ CUNHA, N. H. S, A brinquedoteca brasileira, p. 17.

Então, na formação, devem ser abordadas também as questões práticas da liturgia, desde a preparação e a execução dos ritos até o uso da música, dos símbolos e a atenção às necessidades dos participantes, entre outros. O atual documento sobre a instituição do ministério laical de catequista, insiste na importância da devida formação dos catequistas, inclusive pedagógica.

Este ministério possui um forte valor vocacional, que requer o devido discernimento por parte do Bispo e se evidencia com o Rito de instituição. De fato, é um serviço estável prestado à Igreja local de acordo com as exigências pastorais identificadas pelo Ordinário do lugar, mas desempenhado de maneira laical, como exige a própria natureza do ministério. Convém que, ao ministério instituído de Catequista, sejam chamados homens e mulheres de fé profunda e maturidade humana, que tenham uma participação ativa na vida da comunidade cristã, sejam capazes de acolhimento, generosidade e vida de comunhão fraterna, recebam a devida formação bíblica, teológica, pastoral e pedagógica, para ser solícitos comunicadores da verdade da fé, e tenham já uma madura experiência prévia de catequese (CD, n.14; CIC, cân. 231, §1; CEO, cân. 409, §1). Requer-se que sejam colaboradores fiéis dos presbíteros e diáconos, dispensáveis para exercer o ministério onde for necessário e animados por verdadeiro entusiasmo apostólico.¹⁹⁶

O que permeia esse processo de criatividade é o afeto e sem afeto não há iniciação cristã, nem evangelização. “Os sacramentos são dons de Deus e a liturgia, mesmo antes de ser racionalmente compreendida, precisa ser vivida.”¹⁹⁷. Essa experiência nos ajuda a iniciar outras pessoas no caminho a vida cristã.

Tudo isto aponta para a necessidade da formação litúrgica integral: que contemple o ser humano como um todo (corpo, alma, mente, espírito), que leve em conta a dimensão comunitária da liturgia, que consiga conjugar teoria e prática, teologia e pastoral, que parta da liturgia enquanto ação ritual, para daí aprofundar sua teologia, espiritualidade e traçar as pistas pastorais¹⁹⁸.

A mensagem do Evangelho permanece sempre a mesma, porque seus valores são eternos. No entanto, as formas de expressar essa mensagem precisam se atualizar para que seja entendida pelas pessoas de hoje. O desafio é anunciar o Evangelho de uma forma que seja compreensível para as pessoas, de modo que elas possam ver a relevância destes valores para a sua vida. “O Evangelho não mudou, mas mudaram os interlocutores. Mudaram os valores, os modelos, as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e das mulheres de hoje”¹⁹⁹. Por isso, a Igreja está sempre buscando novas formas de tornar o Evangelho acessível

¹⁹⁶ AM, 8.

¹⁹⁷ DpC, 271.

¹⁹⁸ BUYST, I., O segredo dos ritos, p. 75.

¹⁹⁹ Doc. 107, 51

e relevante para as pessoas de hoje, no entanto deve-se levar em conta as mudanças culturais, econômicas e sociais que acontecem ao longo do tempo.

“Para isso, seriam úteis alguns subsídios catequéticos elaborados a partir do Catecismo da Igreja Católica e do Compêndio da Doutrina Social da Igreja, estabelecendo cursos e escolas de formação permanente dos catequistas”²⁰⁰. O diálogo é sempre bom e por isso a Igreja está aberta a colaborações, a dialogar com outras formas de pensamento, para que possa alcançar um entendimento sobre humanidade e chegar a um caminho mais próximo dela, entender como é possível aborda-la.

Uma base sólida para a catequese é encontrada nos documentos da Igreja, onde o magistério da Igreja se pronuncia, alinhando assim a catequese, com a missão evangelizadora que ela possui. O DGC mostra de forma orgânica a preocupação que nossos pastores têm com as bases de nossas comunidades.

O DGC recolhe, de maneira orgânica e sistemática, o magistério pontifício sobre a catequese nos últimos anos, colocando em prática sobretudo os Sínodos sobre evangelização e catequese, a publicação das exortações apostólicas *Evangelii Nuntiandi*, *Catechesi Tradendae* e *Redemptoris Missio*, das doze encíclicas de João Paulo II e, sobretudo, do Catecismo (cf. DGC, n. 4-7, 35), como também de algumas perspectivas latino-americanas expressas em *Puebla* e *Santo Domingo*²⁰¹.

Não é só instruir, é adotar um método e no caso o catecumenal, a partir do ritual de Iniciação Cristã de Adultos e o Diretório Nacional de catequese. Além disso, no ano de 2020, o Papa Francisco entregou para todo o mundo o novo Diretório para a Catequese, onde contém caminhos novos para a evangelização, apontando para essa nova caminhada da Igreja pós-Covid 19.

Todos somos chamados para uma mudança de paradigmas na pastoral, Bispos, Padres, Diáconos, Congregações, Seminaristas, Catequistas leigos²⁰². Trata-se de um assunto muito sério e não de um *status* ou uma aparência vazia. É preciso revisar a catequese direcionada as crianças, adolescentes, jovens e adultos. O RICA (Ritual de Iniciação Cristã de Adultos), oferece um caminho de desenvolvimento espiritual, na apresentação do Querigma, na vivência da fé, e o compromisso com a missão, dentro e fora da comunidade em que se vive e somasse

²⁰⁰ DAp, 299.

²⁰¹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 164.

²⁰² Os leigos são os que estão mais diretamente, nas bases das comunidades envolvidos com a catequese. Quando o Papa Bento XVI criou o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, retirou a catequese da Congregação para o Clero. Na reforma do Papa Francisco, isso se manteve.

a esse os Documentos do Concílio Vaticano II, o Documento de Aparecida, o Documento 107 da CNBB.

Diante de tudo isso, se faz a pergunta: o lúdico pode ajudar? Sim, pela sua sensibilidade poderá ajudar no desenvolvimento catecumenal, permitindo um ambiente acolhedor, de criatividade, descontraído, porém, com objetivo diretamente relacionado em colocar um alimento sólido no coração das pessoas. Esse alimento é a Palavra de Deus, seguida do Magistério e Tradição da Igreja, assim esses se sentirão motivados e incentivados.

Quando há engajamento dos catequizandos na comunidade, acontece uma promoção de experiência pessoal e um aprendizado mais envolvente. Desde da iniciação, já se deve colocar a semente do Verbo encarnado, para que germine em um discipulado, em uma comunhão e missão na vida cristã.

Pretende-se passar da catequese como mera instrução e adotar a metodologia ou processo catecumenal, conforme a orientação do Ritual da Iniciação Cristã de Adultos e do Diretório Nacional da Catequese. Nesse sentido, padres, catequistas e a própria comunidade precisam de uma conversão pastoral para rever a catequese de adultos, jovens, adolescentes e crianças. É indispensável seguir os tempos e as etapas do catecumenato e propor, mesmo para os membros da comunidade, uma formação catecumenal que percorra os processos da iniciação, desde o querigma e conversão, até o discipulado, a comunhão e a missão²⁰³.

A identificação com os personagens bíblicos, através do teatro, é interessantíssimo, sobretudo para as crianças, pois esses personagens ficam gravados na mente da pessoa. Destacamos as falas, a forma de expressar e os gestos conforme está contido na Sagrada Escritura. Portanto, o teatro é um caminho benéfico para que de forma ativa, estimule a criatividade, as expressões, a aprendizagem, a própria dinâmica do teatro. Estará oferecido as crianças, mas também a outras faixas etárias a possibilidade de participar como personagens bíblicos, encenar passagens das Escrituras, dos Evangelhos ou até mesmo criar peças teatrais que abordem temas catequéticos.

Essa união do catecumenal e aprendizagem lúdica cria um ambiente propício de descobertas, crescimento na fé, significados, experimentos, transformações profundas. Isso pode contribuir para uma catequese mais eficaz e promover a assimilação dos conteúdos catequéticos facilitando o encontro pessoal com Cristo na comunidade de fé. É a dimensão lúdica da catequese a serviço da Iniciação a Vida Cristã.

²⁰³ Doc. 100, 269.

Podemos colocar como exemplo a encenação do Evangelho pelo grupo de Jovens da comunidade, no qual dará uma dinamicidade nas falas proferidas do Santo Evangelho, isso para que a pessoa possa se envolver no que está sendo proclamado, nunca desmerecendo as palavras contidas na Sagrada Escritura, a palavra de Deus sendo transmitida de uma forma diferente, porém sem alterar o conteúdo.

E quais os momentos podemos utilizar disso. Uma oportunidade é no advento, pois o presépio pode ser montado pelas crianças e pais aos domingos, inserindo a família no contexto celebrado. Outra é colocar as crianças para cantar nas missas, as leituras deveriam ser proclamadas por pessoas já iniciadas, estar como pastoral da acolhida no dia da Missa com as Crianças, pedir para fazerem a procissão das oferendas, recolhimento das ofertas. Na semana Santa como piedade popular, colocar as crianças para fazerem a procissão do encontro. Enfim é usar a imaginação em favor da evangelização.

Só haverá revitalização das comunidades com uma catequese centrada na Palavra de Deus, expressão maior da animação bíblica da pastoral. A catequese “tem de ser impregnada e embebida de pensamento, espírito e atitudes bíblicas e evangélicas, mediante um contato assíduo com os próprios textos sagrados²⁰⁴.

Quando se estimula a imaginação por meio da Palavra de Deus, se cria uma conexão com o mistério da fé, agregado pela atração ao lúdico, devido a espontaneidade, ocorre o encantamento pela vida de fé na criatividade. Aplicado isso a catequese, os catequizando podem mergulhar numa experiência mais transformadora e significativa, sem contar que são incentivados a expressar suas experiências de fé, fazer perguntas e explorar sua relação com Deus.

Se trata de um convite amoroso da parte de Deus, na pessoa de seu Filho Jesus Cristo, nosso irmão, pelo Espírito Santo. Jesus Cristo é o fundamento para compreender a fé cristã e a nossa missão no mundo, a narrativa de suas parábolas fez maravilhas, com elas pôde tocar corações, despertou o desejo de o conhecer, comunicou verdades espirituais, e de uma forma muito simples e cativante. São imagens, representações visuais e histórias que despertam interesses, que nos convida a refletir nossa própria vida e a nos abriremos a mensagem da Salvação, a Boa Nova.

²⁰⁴ Doc. 100, 270.

A vivência do Cristianismo entrelaçado com a Evangelização, torna-se uma experiência alegre, de encontro com o amor de Deus e para a compreensão da fé cristã. “Ser cristão não é uma carga, mas um dom: Deus Pai nos abençoou em Jesus Cristo seu Filho, Salvador do mundo”²⁰⁵. Estamos vivendo uma época de mudanças, e com isso a evangelização se torna um pouco complexa, necessitando descobrir por onde trilhar o caminho da Evangelização. Talvez seja iluminador um processo personalizado, no diálogo se aborda o contexto em que a pessoa vive, e se enfatiza o evangelizar sobre aquela situação vivente, considerando sua necessidade.

Temos a ousadia de recomendar uma abordagem mais personalizada na catequese, para com os que anseiam a busca de uma vida em comunidade, embasada no que a Palavra de Deus nos comunica, exemplo clássico é a passagem do Eunuco “Filipe correu e ouviu que o eunuco lia o profeta Isaías. Então perguntou-lhe: “Entendes o que lês?” e o eunuco responde: “Como o poderia, disse ele, se ninguém me explica?” (At 8, 30-31).

Um caminho mais personalizado, do qual acreditamos ser o caminho mais premente para que a pessoa permaneça e se sinta acolhida, e possa ser ao fim do processo, uma missionária e pertencente a comunidade vivente, sendo discípulo engajado e anunciante do Senhor²⁰⁶. Portanto, a abordagem personalizada na catequese, ajuda as pessoas a se sentirem melhor acolhidas e engajadas em suas comunidades de fé.

São muitos os cristãos que não participam na Eucaristia dominical nem recebem com regularidade os sacramentos, nem se inserem ativamente na comunidade eclesial. Sem esquecer a importância da família na iniciação cristã, esse fenômeno nos desafia profundamente a imaginar e organizar novas formas de nos aproximar deles para ajudá-los a valorizar o sentido da vida sacramental, da participação comunitária e do compromisso cidadão. Temos alta porcentagem de católicos sem a consciência de

²⁰⁵ DAp, 28.

²⁰⁶ Sabemos que a BÍBLIA de Jerusalém é a recomendável, mas no rodapé da BÍBLIA pastoral, 1990, p. 1337, temos uma explicação, plausível, que nos alerta para o processo de Iniciação a Vida Cristã, assim está escrito: A conversão de um eunuco etíope mostra que a fé cristã quebra todas as barreiras, tanto raciais (o etíope é negro) como nacionais (ele é estrangeiro), tanto sociais (trata-se de escravo) como religiosas (o judaísmo não permitia que uma pessoa mutilada pertencesse à comunidade, cf. Dt 23,2). Além disso, o episódio mostra como se realizava uma iniciação na Igreja primitiva: encontro, anúncio, catequese, batismo. De um lado, as pessoas que buscam algo ou alguém que lhes dê sentido para a vida: de outro, o missionário obedece ao Espírito, que lhe indica o momento e o lugar oportuno para esclarecer quem as pessoas buscam e para fazer o grande anúncio. Não basta ler e estudar a Sagrada Escritura. É necessário que alguém abra a perspectiva da fé para mostrar que a Bíblia, espelho da experiência humana, é o anúncio de Jesus Cristo (cf. Lc 4, 16-21; 24,25-27). O rito do batismo é o sinal que exprime a aceitação de que Jesus é o novo sentido para a vida do batizado.

sua missão de ser sal e fermento no mundo, com identidade cristã fraca e vulnerável²⁰⁷.

Existem membros de nossas comunidades que perderam o sentido da fé, e muitos não se sentem acolhidos na Igreja, assim passam a não ter o Evangelho como seu direcionamento de vida. Por um convite para reavivar a chama da fé, podem passar a assumirem o compromisso pessoal e eclesial, tendo o retorno a casa do Senhor.

Todos os batizados são convidados a testemunharem o amor de Cristo, a evangelizar muitos corações que estão secos e que necessitam serem aspergidos pela água viva, desabrochando para uma vida nova. É um florescer para a Igreja, uma primavera na vida do cristão, para a missão, um renovar as promessas batismais, para um anúncio autêntico do evangelho.

A nova evangelização ou «re-evangelização», dirigida àqueles grupos de batizados que não alcançaram ou perderam o sentido da fé, e inclusive não se reconhecem como membros da Igreja, nem vivem segundo o evangelho, que apela ao novo anúncio evangelizador rumo à autenticidade da conversão e da fé²⁰⁸.

Cada povo tem sua cultura e independentemente do local onde estamos exercendo nossa missão evangelizadora, se terá uma cultura. Assim a evangelização precisa estar relacionada com a cultura, para poder continuar a missão, pois aquele que chega para anunciar precisa compreender o mundo que ali existe, do qual o ajudará por onde se deve caminhar a Evangelização.

Sensível aos novos tempos, tendo que responder aos anseios da humanidade em tempos de pandemia, crise econômica, isolamento social, a Igreja é chamada, a partir de Cristo, a continuar sua missão no mundo. “A relação entre o Evangelho e a cultura sempre desafiou a vida da Igreja”. Um novo momento da história se abre para novos tempos, novas culturas e realidades que cobram da catequese posturas que também sejam novas; exige, de toda a Igreja e suas pastorais, despir-se de uma prática tradicional, antiga, que ajudou muito no passado, mas agora não consegue responder com eficiência e eficácia. Contudo, “na situação atual, marcada por uma grande distância entre a fé e a cultura, é urgente repensar o trabalho de evangelização com novas categorias e novas linguagens que ressaltem a dimensão missionária”. Nesse sentido, o catequista deve ser uma pessoa inserida no seu tempo, capaz de perceber que a sociedade vive numa constante mudança, ampliando a compreensão sobre si mesmo no ambiente eclesial.²⁰⁹

Necessitamos repensar o trabalho de evangelização, repensar a linguagem que utilizamos para o anúncio do Evangelho, para quem estamos pregando a Palavra de Deus, evoluir a dimensão missionária que está a nossa frente, vislumbrar os desafios

²⁰⁷ DAp, 286.

²⁰⁸ BOROBIÓ, D., Catecumenado para la evangelización, p. 51.

²⁰⁹ LEDO, J. S., A Via da Beleza na formação humano-cristã com catequista. p, 79.

familiares, descobrir qual imagem de Deus existe nas mentes da realidade em que habitamos. Nesse sentido, propormos dinâmicas catequéticas específicas, donde sairá um ponto de partida, tanto para o envolvimento na liturgia, na família, na comunidade e na sociedade sendo mais contextualizada e relevante.

A Iniciação a Vida Cristã é desafiada pela tecnologia digital, e não há como não estar inserido nela, é mais que necessário marcar presença através dessa inovação nos encontros catequético, onde nossos catequizandos estão permeados por esse meio da civilização da imagem, eis uma grande e relevante abordagem para a Evangelização.

O que o Concílio Vaticano II continua nos pedindo é a capacidade de encontrar novos paradigmas de compreensão do Evangelho e novos paradigmas de comunicação da mensagem cristã. Encontrar que boa notícia podemos oferecer às pessoas que vivem num contexto cultural novo, fortemente marcado pelo digital²¹⁰.

A linguagem audiovisual gera uma nova forma de comunicação, de ver o mundo, de solucionar problemas, assim não podemos estar de fora das mídias sociais, do mundo digital, pois já fazem parte da cultura de hoje. São maneiras criativas que proliferam a todo instante, contudo, temos que ter expressões e significados na transmissão da Boa-Nova. E para que as pessoas interpretem de forma coesa em suas vidas, necessitamos estar mergulhados na Palavra de Deus, embasados no que a Igreja prega em seus documentos, para transmitirmos conteúdo sólido, dando segurança a quem ouve.

Em nosso tempo, marcado pela civilização da imagem, a linguagem audiovisual adquiriu um lugar relevante no âmbito da cultura. As pessoas que acessam as novas tecnologias de informação, especialmente as redes sociais, produzem novas formas de viver em sociedade e de interpretar a realidade²¹¹.

E é nessa cultura que temos que continuar a transmissão do Evangelho, nesses veículos de comunicação, atingindo até mesmo comunidades cristãs digitais que porventura possam já existir. Para nos ajudar na leitura, façamos então uma diferenciação entre Redes Sociais e Mídias Sociais. “O fato é que Mídias Sociais são espaços para a distribuição de conteúdo, gratuito ou não, e divulgação de marcas. Já as Redes Sociais são canais de relacionamento entre pessoas. É onde você faz e cultiva amigos”²¹².

²¹⁰ MORAES, A; BRAIDO, O.O., Presença do ministro ordenado nas redes sociais, p. 281.

²¹¹ Doc. 107, 186.

²¹² PAULA, A., Redes Sociais ou Mídias Sociais: Como chamar as plataformas digitais?

Pensemos: Será que o Apóstolo Paulo em pleno 2024 não estaria fazendo vídeos no Facebook, no Youtube, no Instagram, no TikTok, áudios no Spotify, no Kwai, no Podcast, mensagens nos grupos e no privado do Whatsapp, do Telegram e também no Treads, dentre tantas outras formas de relacionamento digital que possam já existir e por hora ainda não temos conhecimento e as que estão por vir? Nos arriscamos a dizer que SIM, e com o mesmo vigor do qual escreveu suas cartas contidas no cânon da Sagrada Escritura.

Com a reflexão teológica que provem da Leitura Bíblica, Magistério da Igreja e da Tradição, almejamos caminhos de valorização a dimensão lúdica na catequese à serviço da Iniciação a Vida Cristã, com a meta de agregar mais fiéis na participação ativa, consciente e missionária na vivência da fé, em experiências pastorais, que avancem para a sociedade. O lúdico tem um potencial relevante nessa busca em assumir uma força testemunhal que impacte as esferas da existência humana, é valioso a presença deste nos espaços litúrgicos, nos encontros catequéticos e nas mídias sociais, abordando a sensibilidade das necessidades do mundo atual.

A evangelização permanente ou integral», que se dirige a comunidades cristãs sólidas, testemunhais e evangélicas, e que consiste num processo de transformação permanente, de não evangelização, tendendo a abranger todos os estratos da vida, o que leva a assumir a força testemunhal, a função evangelizadora tarefa²¹³.

É perceptível que crianças e jovens já vivam nesse contexto digital, possuem acessos e conexões com pessoas do mundo inteiro, então para conseguirmos deixar a mensagem de Jesus Cristo dentro dos corações deles, é preciso conhecer o mundo em que vivem e isso gera esforço, dedicação, tempo, disposição, busca pelo conhecimento, nos fazermos parte da cultura digital e nos acostumar com esse mundo. “As projeções eletrônicas “parecem carecer da capacidade de comunicar em nível de palavra, ação e percepção física naturais para aqueles que estão fisicamente presentes” e geram, portanto, uma “presença limitada”²¹⁴”. Isso nos leva a perceber que:

Especialmente os jovens vivem na cultura digital, que é sinônimo de acesso, conexão com pessoas e lugares de todo o mundo. É importante conhecer e valorizar a cultura midiática, superando os preconceitos e a desconfiança sobre as novas tecnologias²¹⁵.

²¹³ BOROBIO, D., Catecumenado para la evangelización, p. 51.

²¹⁴ SPADARO, A., Cibertologia, p. 133.

²¹⁵ Doc. 107, 209.

Temos oportunidades e desafios na era digital, mas em se tratando do público crianças, os pais precisam estar atentos, pois os mesmos estão desde cedo com as informações literalmente na palma da mão por Smartphones. Podem encontrar muita coisa boa, quanto ruim e que podem desviar-se do sentido da educação religiosa.

“A antropologia e a pedagogia confirmam, de fato, que a criança é capaz de se interrogar acerca de Deus e que suas questões sobre o sentido da vida nascem também onde os pais estão pouco atentos à educação religiosa”²¹⁶. Sabendo usar as mídias sociais para evangelizar, podemos proporcionar as crianças, adolescentes, jovens e adultos, oportunidades únicas e incorporar o lúdico no digital, se torna um viés maduro de crescimento espiritual, abraçando a alegria de evangelizar pelo lúdico.

E o que dizer da linguagem ou oportunidades que se abrem com as novas mídias, com os areópagos midiáticos? Como abordar uma geração de jovens, adolescentes e crianças que já nascem enredados, envolvidos pelas redes sociais, sem usá-las para a transmissão da fé? Mas também os adultos estão imersos nessa galáxia midiática. Não se trata apenas do uso da mídia na catequese, mas de levar em consideração a nova cultura midiática que deles nasce. Permanece, entretanto, o questionamento: é possível a comunicação da fé sem o contato pessoal, sem o tu a tu, face a face, sem o olho no olho?²¹⁷

As mídias sociais nos ajudam na evangelização, pois alcançamos um público maior que do que está a nossa frente, em nossas comunidades. Porém, para isso é preciso se reinventar, ressignificar e avançar, desafiando-se na transmissão da mensagem da Palavra de Deus, em que de uma maneira envolvente estaremos atingindo corações de pessoas que nem mesmo conhecemos.

A revolução tecnológica e os processos de globalização formatam o mundo atual como grande cultura midiática. Isso implica uma capacidade para reconhecer as novas linguagens, que podem favorecer maior humanização global. Essas novas linguagens configuram um elemento articulador das mudanças na sociedade²¹⁸.

De maneira inovadora a Internet vem contribuindo na Evangelização, através das mídias sociais, manifestando a espiritualidade querigmática e que pode levar a mistagogia, pelos canais dos quais citamos: Facebook, Youtube, Instagram Tiktok, Whatsapp, Telegram, Podcast, Kwai, Spotify, Treads. De forma lúdica, o querigma é apresentado, a esse público que não conhecemos ainda.

²¹⁶ DpC, 236.

²¹⁷ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 253.

²¹⁸ DAp, 484.

Através desse caminho inovador, apresentamos a Igreja de Jesus Cristo, que vive nessa terra, guiada pelo seu Papa, do qual hoje é Francisco, sempre seguindo as instruções do Concílio Vaticano II. Portanto, a mídia social permite apresentarmos o Evangelho de forma lúdica, atraindo ao convívio comunitário e assim promovemos a participação vivencial dos fiéis aos sacramentos, ou seja, o caminho mistagógico tendo o lúdico em suas diversas formas e também no digital, nos envolvendo num processo de crescimento espiritual.

A Internet, vista dentro do panorama da comunicação social, deve ser entendida na linha já proclamada no Concílio Vaticano II como uma das “maravilhosas invenções da técnica”. “Para a Igreja, o novo mundo do espaço cibernético é uma exortação à grande aventura da utilização de seu potencial para proclamar a mensagem evangélica. Este desafio está no centro do que significa, no início do milênio, seguir o mandato do Senhor para “avançar”: *Duc in altum!* (Lc 5,4)²¹⁹.

A utilização da internet, para a transmissão dos valores do Evangelho deve ser feita de forma coerente e responsável, buscando levar as pessoas a um contato com Cristo. Por isso, é importante nos prepararmos e considerarmos os diferentes contextos culturais que podem estar presentes nas redes sociais. O lugar de fala é sobre a pessoa de Jesus Cristo, do qual expressamos e o cultuamos na Igreja Católica, tenhamos na memória como a Igreja se posiciona a respeito do assunto para não correremos o risco de sermos mal interpretados. A internet possui um potencial indiscutível e pode ser uma ferramenta poderosa para prover a espiritualidade aos seres humanos.

Paulo VI afirma que o “cérebro mecânico vem em auxílio do cérebro espiritual”. Ele acrescenta que o homem faz o “esforço de infundir nos instrumentos mecânicos o reflexo de funções espirituais”. E prossegue afirmando que, graças à tecnologia, a matéria proporciona “ao próprio espírito um sublime respeito”. O papa ouve sair do *homo technologicus* o gemido de aspiração a um grau superior de espiritualidade. O homem tecnológico é o próprio homem espiritual²²⁰.

Os catequistas atualmente têm a necessidade de se inserirem na linguagem das mídias sociais e dos canais digitais, precisando se qualificar, adquirir habilidades e estratégias que ressoem no seu público digital. Não é uma via de mão dupla, não quer dizer que se tenho qualificação tecnológica, que terei progresso no itinerário catequético. Temos que funilar o público do qual temos como responsabilidade, existe uma abordagem específica, particular no digital. Por isso no mundo atual é indispensável que os catequistas se qualifiquem no conhecimento dessas técnicas,

²¹⁹ DAp, 487.

²²⁰ SPADARO, A., Cibertologia, p. 28.

potencializando o anúncio e vivência da fé. Podemos ter reflexões de enriquecimento enormes quando falamos de internet, mas não podemos esquecer que as relações, o contato físico é necessário ao ser humano.

O fato de “estarmos” na metrópole da comunicação, por meio de nossas redes e canais sociais, não acarreta processos catequéticos imediatos. Portanto, é necessário identificar e qualificar catequistas com capacidade de evangelizar nesta metrópole comunicacional. É verdade que o anúncio do Evangelho é tarefa de todos os batizados, mas poucos podem fazê-lo corretamente em formato digital.²²¹

Quando falamos de Paróquia e comunidades, estamos também dizendo sobre encontro entre pessoas, dizemos isso devido aos grupos e comunidades constituídas pela internet. É um avanço podermos nos reunir pelas mídias sociais? Sim, mas não podemos cair na tentação de ficarmos só nisso, é preciso termos contato físico, ter um espaço físico para celebrar a vivência da fé, nós estamos diante de um desafio pastoral e ao mesmo tempo diante de um campo vasto de oportunidades na Evangelização.

Para os que estão longe de sua comunidade local, reunir-se e assistir a celebração eucarística pela rede social pode diminuir o espaço de distância dos seus irmãos de comunidade. Eles se sentem apoiados na fé, ou seja, é relevante em casos pontuais, mas tornar a exceção uma regra, fara uma diluição da intimidade das relações, do contato físico, do abraço, do tocar, do sentir acolhido do qual só a presença frente a frente pode proporcionar, coisa que a comunicação digital não faz.

A comunicação favorece, assim, uma nova noção de espaço, que vai gradualmente modificando outro conceito importante para a experiência de fé: a noção de comunidade. Isto porque o lugar no qual o indivíduo vive é muito maior e mais complexo do que o espaço geográfico que é fixo. Segundo Castells, as novas tecnologias criam um novo mundo em que as relações sociais são tecidas pelas redes digitais de informação e comunicação.²²²

A televisão e os sites católicos são nossos aliados e amigos na evangelização, alcançando lugares onde a presença física dos religiosos e religiosas é difícil de chegar. Acreditamos que o querigma é muito bem exercido pelos canais, mas a vivência mistagógica se dá na comunidade, nos impulsionando para além.

O processo da Iniciação a Vida Cristã ocorre na comunidade, onde temos o contato humano e podemos ajudar a curar feridas emocionais e espirituais, conhecendo a pessoa e a família no seu âmago. Isso, é o que tantos

²²¹ MORAES, A., La catequesis en una cultura marcada por lo digital, p.89.

²²² MORAES, A; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p. 151.

santos nos ensinaram, quem dirá uma Santa Dulce que nos deixou seu legado. Neste sentido, cabe aos que frequentemente estão nos meios de comunicação serem pontes de equilíbrio no fortalecimento a vida de fé dos fiéis na sua Paróquia, na sua comunidade.

O grande desafio das TVs e *sites* católicos é de desenvolver uma pastoral de conjunto que respeite a pluralidade de opções, mas garanta a comunhão efetiva na missão de renovar as paróquias. Seria um grave problema eclesiológico e pastoral se um *site* ou uma emissora de televisão possibilite que o fiel se vinculasse apenas aos meios de comunicação com celebrações, doações e vínculo associativo prejudicando a participação na comunidade paroquial. Essa tentação, que muitos fiéis sofrem, de interagir mais com o meio do que com a sua comunidade presencial há de ser uma preocupação especial e constante de quem conduz a programação midiática²²³.

Outro aspecto que precisamos dar atenção é sobre à transmissão da doutrina, que muitas vezes carece de uma explicação adequada na catequese tornando-se um desafio. Na catequese, o livro a ser explorado é a Sagrada Escritura, mas é claro que não se deve deixar de trabalhar o Magistério e Tradição. Precisamos ter conhecimento da Doutrina Católica, mas é preciso entender que ela nos leva a uma conversão, para uma vivência da fé e da misericórdia. Às vezes, podemos pecar ao focar apenas no conhecimento intelectual da Doutrina e não dando o real valor a salvação de alma que ela proporciona e a devida vivência da Palavra de Deus.

Nesse contexto de só tratar a via intelectual da doutrina, as pessoas ficarão carregando fardos pesados, pois estão apenas dando atenção a Doutrina e ficam carecendo do hábito do vivenciar a Tradição e a Sagrada Escritura. Ficarão se culpando eternamente ao invés de se sentirem acolhidos, perdoados e abraçados por Cristo, sendo assim, o ensino deve ser passado de forma simples e agradável e por isso sugerimos o lúdico neste processo, nunca se esquecendo da junção que deve se ter entre Sagrada Escritura, Magistério e Tradição da Igreja, permitindo que a compreensão catequética da fé católica seja integradora a pessoa.

O mérito deste modelo doutrinal consiste em ter promovido até entre a gente simples um conhecimento essencial da doutrina cristã. As suas limitações mais relevantes são: a dimensão predominantemente intelectual da catequese, uma mensagem abstrata e separada da Sagrada Escritura, uma separação entre fé e moral e um nivelamento na apresentação das verdades²²⁴.

Diante dessa mudança de época, podemos dizer que forçada pela trágica pandemia chamada de Covid-19, a Igreja precisou usar mais da criatividade para

²²³ Doc. 100, 316.

²²⁴ BOLLIN, A.; GASPARINI, F., A catequese na vida da igreja, p. 239.

evangelizar e as Mídias Sociais foram determinantes, para que a Palavra de Deus chegasse a tantas pessoas, neste contexto desafiador elas foram o carro chefe.

Tanto é que, precisou-se explora-las bastante para se levar a mensagem da Salvação as pessoas e aos seus lares, ampliar equipamentos de transmissão, entre outros aparelhos eletrônicos. A pandemia nos obrigou ao isolamento, chegando ao ponto de interromper a participação nas atividades religiosas presenciais. O que algumas vezes se praticava, tornou-se prática pastoral cotidiana.

A vida pastoral convida à mudança de paradigmas. Porém, não podemos deixar de reconhecer Cristo como centro da fé Cristã. Em 2019 fomos surpreendidos com um vírus, da Covid-19. Tudo parou! Fomos obrigados a viver um isolamento em nossas casas, por medo de um inimigo invisível, que ceifou milhões de vidas em todo o mundo²²⁵.

A resiliência veio ser uma ajuda nesse contexto pandêmico. A ação evangelizadora precisou e continua precisando a ser pensada para nos fazermos próximos. Lembremos que a comunicação com as pessoas era quase que individualmente, tendo que acessar nossos smartphones tanto para transmitirmos as Santas Missas, quanto para anotações de intenções, pedidos de orações e chorar junto com aqueles que nessas mídias sociais nos pediam a Unção dos Enfermos da qual estávamos quase que impedidos de exercer.

As pastorais tiveram um trabalho missionário importantíssimo e exaustivo, sobretudo a Pastoral da Comunicação, que foi de grande excelência. Nesse tempo de fechamento das Igrejas, pequenos grupos ajudaram no processo querigmático mistagógico, arriscando suas vidas em prol da evangelização²²⁶.

A fé que professamos em Cristo ganhou ainda mais força, pois precisamos mostrar, naquele momento, mostrarmos como acreditamos na providência de Deus e de reconhecer Cristo como centro da fé cristã. Valorizarmos ainda mais o trabalho dedicado das pastorais, em particular a Pastoral da Comunicação.

Os “processos de midiatização” nesse período necessário de isolamento social tornam-se ainda mais potentes. Não podemos mais ignorar que vivemos em um mundo digital, em um mundo em tempo real (online), com novas sociabilidades e sensibilidades, em que grandes transformações estão ocorrendo nas relações em sociedade. As tecnologias de comunicação permitem a existência de novas formas de interação social mediada, que configuram um novo bios e um novo ethos, gerando um novo sujeito.²²⁷

²²⁵ BRAIDO, O.O., *Uso de linguagens lúdico-digitais na evangelização infantil*, p. 178.

²²⁶ BRAIDO, O.O., *Uso de linguagens lúdico-digitais na evangelização infantil*, p. 178.

²²⁷ MORAES, A., *La catequesis en una cultura marcada por lo digital*, p. 86.

Emergem novos processos de midiatização nas tecnologias de comunicação, que nos colocam em novas formas de socialização, e que a cada dia se amplia esse campo, influenciando nosso modo de viver, os nossos relacionamentos como seres humanos, seres de relações e de dependências uns dos outros. Atualmente nossa identidade está marcada pela tecnologia digital, há uma grande dependência com a mesma, que cresce entre os seres humanos cotidianamente. A relação do ser humano com aos meios eletrônicos de comunicação tão forte que é quase impossível conceber alguém que consiga viver sem estar conectado em alguma dessas tecnologias nos dias atuais.

Se alguém ao chegar ao trabalho se dá conta que esqueceu o seu celular em casa, é capaz de ser quase improdutivo naquele dia ou volta em casa para buscar. É como se sentisse fora do mundo, “o ser humano já não se entende sem os meios eletrônicos de comunicação, a ponto de se sentir desorientado quando esquece ou perde o seu celular, ou mesmo quando a conexão com uma rede sem fio não funciona”²²⁸. Somos influenciados em nossas relações humanas, nos nossos relacionamentos devido a acessibilidade por meio das novas tecnologias.

“De fato, as novas tecnologias permitiram a criação de dispositivos que passaram a fazer parte da vida do homem atual, passando a ser considerado uma extensão de si mesmo”.²²⁹ Não podemos negar os benefícios que o digital nos traz, temos que reconhecer que para muitos se tornou mais fácil o trabalho e até mesmo o contato com pessoas que estão afastadas de nosso convívio físico, pois por uma vídeo chamada podemos amenizar nossa saudade de alguém que amamos quando vemos do outro lado da telinha.

O digital, portanto, não apenas faz parte das culturas existentes, mas está se estabelecendo como uma nova cultura, modificando primeiramente a linguagem, moldando a mentalidade e reformulando a hierarquia dos valores. E tudo isso em escala global, uma vez que, apagando distâncias geográficas com a presença generalizada de dispositivos conectados em rede, envolve as pessoas em todas as partes do planeta²³⁰.

Essa pesquisa evidencia a Dimensão Lúdica na catequese, mostrando que ela precisa se envolver nesse processo, engajando-se na transmissão da Fé em Cristo Jesus na construção do Reino de Deus. “A mídia, para muitos, torna-se o principal

²²⁸ MORAES, A; GRIPP, A., Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital, p. 147.

²²⁹ MORAES, A., La catequesis en una cultura marcada por lo digital, p. 86.

²³⁰ DpC, 359.

instrumento de informação e de formação, guia e inspiração dos comportamentos individuais. Diante disso, há novas exigências para a catequese”²³¹. Sendo assim, para que as formas criativas apareçam no cotidiano de nossa vida eclesial e de mídias sociais. Essas estratégias devem cativar, envolver, impulsionar o público alvo, atraindo-os ao objetivo principal, que é o ingresso ao Reino de Deus. Por isso, diga não ao ócio.

4.3

A beleza lúdica alargando horizontes

Hoje estamos passando por uma revisão pastoral, e essa pesquisa contribui para a Teologia da Igreja, auxiliando-a alcançar pessoas e ajuda-las a se encantarem pela pessoa de Jesus Cristo e se firmarem no convívio comunitário. As comunicações das mídias sociais fazem parte da nossa cultura e estão presentes em nossas pastorais, inclusive na catequese, onde nossos catequizandos vivenciam-nas diariamente.

As mídias sociais podem favorecer a escuta da Palavra de Deus, pois nos colocam num campo de relacionamento, não físico, mas de alguma forma em contato com outras pessoas, aguçando nossa imaginação para criar um espaço de transmissão da Palavra de Deus e aos que desejam, escutar²³².

Por meio dela, podemos nos utilizar do tocar os corações das pessoas, fornecendo conteúdos onde aguce a vontade do contato com a Palavra de Deus, pois o potencial da mídia social é gigantesco. Compreender e entender esse fenômeno nos permite avançar pastoralmente. “O atual fenômeno das comunicações sociais impulsiona a Igreja a fazer uma espécie de revisão pastoral e cultural, a fim de ser capaz de enfrentar de maneira apropriada a passagem de época que estamos a viver”²³³.

Temos um grande risco que rodeia o frequente demasiado uso das mídias sociais, podemos dizer que “os meios de comunicação [digitais] podem expor ao risco de dependência, isolamento e perda progressiva de contato com a realidade concreta, dificultando o desenvolvimento de relações interpessoais autênticas”²³⁴.

A transmissão da fé acontece com mais eficácia nas relações interpessoais. O ser humano precisa do encontro com o outro, da interação pessoal. Assim, ao

²³¹ DNC, 168.

²³² BRAIDO, O.O., *Uso de linguagens lúdico-digitais na evangelização infantil*, p. 179.

²³³ JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *O Rápido Desenvolvimento*, 8.

²³⁴ FT, 43.

combinar jogos, elementos lúdicos e os meios digitais, se favorecemos e beneficiamos a saúde mental, física e espiritual, dando um equilíbrio entre digital e atividades lúdicas.

Pensando no contexto do pós-pandemia, acreditamos muito no poder dos jogos de tabuleiro físicos, no contato olho no olho, pois não se joga sozinho, é preciso do outro para jogar. Em um mundo onde se vê cada vez mais isolamento das pessoas, que ficam apenas atrás das telas, uma ferramenta lúdica que reúna as pessoas em torno de uma mesa, as reaproxima, como é o caso dos jogos do tabuleiro.²³⁵

Sabemos que o povo de Deus que se coloca no serviço missionário, à pastoral catequética e demais atividades da Igreja, possuem boa vontade e colocam a disposição do que entende e sabem, para transmitir a fé as crianças, adolescentes, jovens e adultos. No entanto, a cada dia, está mais evidente a necessidade de termos um perfil mais trabalhado do catequista para cumprir essa ação evangelizadora que nos desafia no campo pastoral.

A exigência da personalidade comunicativa é hoje muito viva na sociedade e na Igreja. Em lugar das personalidades fortes de vontade e fascínio carismático, sente-se a necessidade de um novo tipo de personalidade acolhedora e aberta, capaz de relações profundas, disposta a ser influenciada pela comunidade, mas também capaz de guiá-la, valorizá-la, estimular ao máximo a contribuição de todos. Não convencem as personalidades fortes, mas centralizadoras, pelo fato de imporem as próprias convicções e decisões. Existe sempre o risco do culto da personalidade. O mundo de hoje, e em especial as comunidades eclesiais, em todos os níveis, sentem acima de tudo a necessidade de “personalidades comunicativas”²³⁶.

A Igreja sempre está em missão e sempre está preocupada em iniciar as pessoas na fé, então não está só para os sacramentos, no estrito da palavra e sim além. Ela encaminha a viver o sacramento, para que pessoas possam se comprometer com a comunidade cristã e com a sociedade, sendo um sinal vivo do Reino de Deus, edificando o mundo pelo anúncio da pessoa de Jesus Cristo. Quando se entende o que é Iniciação a Vida Cristã, a pessoa se compromete com a comunidade, se identifica, se torna uma liderança, um formador, pois tem consciência da necessidade em conduzir as pessoas pela busca da fé.

Iniciar a fé e na vida cristã é uma tarefa irrenunciável da Igreja. Um Igreja que se coloca em estado permanente de missão não pode apenas sacramentalizar ou limitar-se à ex-posição de teorias, nem tão pouco amarrar a ação pastoral na burocracia eclesial. Urge a existência de comunidades comprometidas em ser sinal da edificação do Reino de Deus no mundo. Somente comunidades com esse empenho serão caminhos de iniciação à vida cristã²³⁷.

²³⁵ GOMES, D., Editora aposta no lúdico a serviço da evangelização.

²³⁶ ALBERICH, E., Catequese evangelizadora, p. 282.

²³⁷ NENTWING, R., Iniciação à comunidade cristã, p. 151.

Para uma adequada formação catequética, estudar os documentos da Igreja dará embasamento sólido, ensinamento e aprofundamento nas pastorais da Igreja. Os agentes de pastorais, formados nesse viés terão conhecimento da doutrina e irão conduzir com conhecimento, tendo um horizonte maior para encaminhar as resoluções de possíveis desafios pastorais e culturais que possam aparecer.

Como resultado do Congresso internacional do Chile (junho 2014), podemos afirmar que o modelo catecumenal-iniciático ou uma catequese de inspiração catecumenal é a que mais corresponde às sérias e profundas mudanças de época nas quais estamos mergulhados, principalmente pela valorização do papel de cada um, sobretudo do catequizando²³⁸.

Porém isso tudo se deve a leitura anterior de fatos ocorridos e publicações que já manifestaram um desejo de mudança. “O Catecismo e seu Compêndio são estudados e aprofundados em nossas instâncias de formação e pastoral, lideradas pelos agentes de pastoral e formadores ordenados, consagrados ou leigos”²³⁹. Muitos são os que se debruçam sobre a preocupação para com o querigma, o repetir a voz dos apóstolos que é: Jesus Cristo ressuscitou, conforme podemos ver em (Jo 21,7; At 2,36; Mc 10,32), assim nascem orientações para a prática pastoral, querigmática e mistagógica.

Estabelecer um vínculo de irmandade com Jesus Cristo é nossa missão, nos dada pelo nosso Batismo. Conhecê-lo é permitir deixar suas Palavras adentrar nossos ouvidos e corações, nos tornamos discípulos. “Jesus quer que seu discípulo se vincule a Ele como “amigo” e como “irmão”. O “amigo” ingressa em sua Vida, fazendo-a própria. O amigo escuta a Jesus, conhece ao Pai e faz fluir sua Vida (Jesus Cristo) na própria existência”²⁴⁰.

Sendo discípulos, estamos dizendo a todos que há diálogo entre Jesus Cristo e nós, que Ele não está distante, pois está no meio de nós, caminha conosco em nosso existir. Temos propriedade em falarmos de nossa experiência com Cristo para os demais, e tentamos responder às necessidades do tempo que urgem onde estivermos vivendo.

“A samaritana faz um pedido a Jesus no meio de uma conversa em que ambos ouviram e foram ouvidos. Ela se sente capaz de falar e, falando e sendo ouvida, permite que Jesus responda de acordo com a sua necessidade”²⁴¹. Diante desse

²³⁸ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 265.

²³⁹ LIMA, L. A., A catequese do Vaticano II aos nossos dias, p. 160.

²⁴⁰ DAp, 132.

²⁴¹ CNBB, Estudo 97, 102.

contexto, surge a ideia de formar pequenos grupos que possam falar, dialogar, tornando prático o que refletem. Nesses grupos, elas irão se escutar e partilhar suas experiências, assim permitirão a presença de Jesus Cristo ser manifestada em suas vidas e a partir daí tornarem-se instrumentos de transformação na sociedade, porém isso guiados pela Palavra de Deus, pela Leitura Orante da Palavra de Deus.

É urgente ir ao encontro daqueles que se afastaram da comunidade ou dos que a concebem apenas como uma referência para serviços religiosos. Ocasão especial para acolher os afastados pode ser a preparação de pais e padrinhos para o Batismo, a preparação de noivos para o Sacramento do Matrimônio, as Exéquias e a formação de pais de crianças e jovens da catequese. Todas essas situações supõem um olhar menos julgador e mais acolhedor, para receber aqueles que buscam a comunidade pensando apenas no sacramento. Se forem bem acolhidos, poderão retornar ou ingressar na vida comunitária²⁴².

Na época de Jesus de Nazaré, judeus e samaritanos não se relacionavam muito bem, e não era bem visto um homem ficar conversando com uma mulher. Porém em João 4,7 no relato do diálogo entre Jesus e samaritana, onde o mesmo pede água, pois está com sede, “Ele se apresenta reconhecendo, primeiramente, que ela pode oferecer-lhe algo de que está precisando. E o que Jesus precisa, ainda hoje, é que todos nós conheçamos o dom de Deus em nossas vidas”²⁴³. É mais do que urgente que a catequese se renove constantemente, e para isso pode-se contar com dinâmicas pastorais, utilizar o lúdico, promover a escuta ativa da Palavra de Deus. “No mundo urbano, acontecem complexas transformações sócio-econômicas, culturais, políticas e religiosas que fazem impacto em todas as dimensões da vida. É composto de cidades satélites e bairros periféricos”²⁴⁴.

É necessário promover encontros que fortaleçam as relações entre pais, catequistas e catequizandos, sendo um conjunto de reciprocidade onde todos assumam suas responsabilidades, e evidenciando os talentos das crianças, adolescentes e jovens, assim teremos uma catequese mais eficaz.

A cultura contemporânea é a realidade muito complexa, uma vez que, por causa dos fenômenos da globalização e do uso em massa dos meios de comunicação, aumentaram as conexões e as interdependências entre questões e setores que no passado podiam ser considerados distintamente, e que hoje exigem uma abordagem integrada²⁴⁵.

²⁴² Doc. 100, 318.

²⁴³ Doc. 107, 17.

²⁴⁴ DAp, 511.

²⁴⁵ DpC, 320.

Precisamos “promover um novo encontro luminoso, um novo diálogo em um momento histórico de transformações profundas e de interlocuções novas”²⁴⁶. Sempre foi desafiador evangelizar, sobretudo adolescentes e jovens. Perguntar a eles como podemos fazê-los aderir mais à fé é um caminho para torna-los parte da comunidade, o que os levará a contribuir para crescimento espiritual, sendo ponte entre a mensagem do Evangelho e a cultura contemporânea, ainda mais no contexto das mídias sociais. “O desafio do processo de Iniciação à Vida Cristã para adolescentes e jovens está, sobretudo, no modo de apresentar-lhes Jesus como alguém que vale a pena ser seguido, como um amigo próximo, Mestre e Senhor de sua vida”²⁴⁷. Por isso:

A catequese no mundo juvenil precisa ser sempre renovada, fortalecida e realizada no contexto mais amplo da pastoral juvenil. Essa precisa caracterizar-se pelas dinâmicas pastorais e relacionais de escuta, reciprocidade, corresponsabilidade e reconhecimento do protagonismo juvenil²⁴⁸.

O que é o contrário do adulto, pois o mesmo, “busca a Iniciação à Vida Cristã por decisão pessoal, procurando o sentido da vida, do mundo, da morte, que não encontra em si e nas propostas do mundo”²⁴⁹. Sendo assim, “A dinâmica de tornar-se adulto inevitavelmente diz respeito também à dimensão religiosa, sendo o ato de fé um processo interior intimamente ligado à sua personalidade”²⁵⁰. Entendamos que “A evangelização procura também o crescimento, o que implica tomar muito a sério em cada pessoa o projeto de Deus tem para ela”²⁵¹.

Na comunidade, o acolhimento é essencial. Ter o mínimo de empatia favorece e muito na evangelização, pois o afeto atrai e inclui pessoas em nosso convívio eclesial. Portanto, também precisamos buscar conhecimento de formação com outros grupos da sociedade, em áreas de atuação como psicologia, pedagogia, e outras que entendemos que contribuirão para o nosso dinamismo na evangelização.

“Há um elevado número de brasileiros que reduzem a religião a uma convicção interior, pessoal, a uma religião invisível que abandona quase totalmente as práticas comunitárias”²⁵². O que não corresponde as práticas que Jesus Cristo nos ensina através dos Evangelhos, pois o mesmo sempre buscou uma convivência

²⁴⁶ Doc. 107, 39.

²⁴⁷ Doc. 107, 207.

²⁴⁸ DpC, 245.

²⁴⁹ Doc. 107, 205.

²⁵⁰ DpC, 257.

²⁵¹ EG, 160.

²⁵² LELO, A. F., A iniciação cristã, p. 202.

comunitária, tanto que escolheu doze pessoas para o ajudar no processo de instalação do Reino de Deus e essa é uma riqueza que nos transmite, uma riqueza comunitária e não em si próprio ou exterior.

“As riquezas não te dão segurança alguma. Mais ainda: quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida”²⁵³. Saibamos então nos formar pelos valores dos Evangelhos.

Para que cada homem possa cumprir mais perfeitamente os seus deveres de consciência quer para consigo que em relação aos vários grupos de que é membro, deve-se ter o cuidado de que todos recebam uma formação mais ampla, empregando-se para tal os consideráveis meios de que hoje dispõe a humanidade.²⁵⁴

Não podemos esquecer do acolhimento às pessoas com deficiência em todos os espaços da Igreja, seja espiritual, como na arquitetura da Igreja. Nossos irmãos e irmãs que possuem alguma deficiência nos ensinam a crescer como seres humanos e na fé, assim temos que ter a sensibilidade em nossa espiritualidade, sendo uma comunidade acolhedora, inclusiva e de ajuda mútua. “As pessoas com deficiência são uma oportunidade de crescimento para a comunidade eclesial, que com uma presença é provocada a superar os preconceitos culturais”²⁵⁵. Nesse caminho, quem pode muito nos ajudar são os casais; por possuírem filhos, o testemunho de como conduzem suas vidas se torna muito importante e o matrimônio já expressa o sentido do cuidado pelo outro e também o deixar-se cuidar por Deus, acreditando na providência divina.

O modelo de matrimônio que vai vigorar no Ocidente desde o tempo do imperador Constantino até a época moderna se inspira na idéia bíblico-cristã de que na união matrimonial se manifestam a providência e o amor de Deus para com o casal e para com a espécie humana²⁵⁶.

A importância da vivência da fé entre os esposos fortalece o vínculo matrimonial. “A fé, madura e consciente da grandeza e da exigência do estado matrimonial, é o melhor instrumento para descobrir nos afãs e nas ilusões de cada dia a graça que santifica, aperfeiçoa e faz felizes os esposos”²⁵⁷. E no cotidiano, o casal terá muitas alegrias, porém também muitos desafios, mas uma união com a

²⁵³ GeE, 68.

²⁵⁴ GS, 31.

²⁵⁵ DpC, 270.

²⁵⁶ FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 65.

²⁵⁷ FLÓREZ, G., Matrimônio e família, p. 296.

abertura a participação de Jesus Cristo, os fará enfrenta-los com mais sutileza e não se abalarem diante dos mesmos.

O virtual não substitui a presença física. Podemos reconhecer a grande importância a realidade virtual em nossos relacionamentos e convívio, especialmente em seu papel na transmissão da Palavra de Deus a tantas pessoas. O convívio presencial é importante ao ser humano. Quem dirá a vivência dos sacramentos, se faz necessário a presença real da pessoa, até mesmo porque estamos dando e conservando o valor da celebração litúrgica, da qual não se reduz a interação de tecnologias, que no caso ressaltamos as mídias sociais.

A Igreja Católica insiste sempre no fato de que é impossível e antropológicamente errado considerar a realidade virtual “capaz” de substituir a experiência real, tangível e concreta da comunidade cristã visível e histórica, e o mesmo vale para os sacramentos e as celebrações litúrgicas. Por “realidade virtual” entendemos aqui uma experiência multimídia e interativa efetuada através de um meio de comunicação ligado na rede²⁵⁸.

A busca por felicidade nos faz migrar de um lugar para o outro, e essa angústia é saudável enquanto decidimos um diferente, o que nos leva ao um alavancar-se, refazendo nosso pensar e agir. Como comunidade eclesial cabe-nos questionar: nossa comunidade é um lugar para esse repensar e agir? Exalamos as riquezas e talentos que Deus nos deu em prol do amor ao próximo? Entendemos que a vivência da Palavra de Deus com a comunidade, responde essas perguntas. Pois ela nos encaminha a acolher os ensinamentos que a Igreja de Jesus Cristo nos fornece, pela Tradição e Magistério, nos dando luzes para iluminar os caminhos de pessoas que ainda não conseguem enxergar o caminho que nos leva a Deus. A Igreja, que é Cristo na terra, nos pede para sermos evangelizadores, colocando nossos talentos e nossas riquezas interiores a serviço da evangelização. No processo de Iniciação à Vida Cristã, o lúdico é uma dessas riquezas, pois mexe com nossa memória afetiva e nos desperta para um caminhar evangelizador mais atraente e envolvente.

“As riquezas não te dão segurança alguma. Mais ainda: quando o coração se sente rico, fica tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida”²⁵⁹. Ninguém sabe tudo e estamos sempre em transformação e aprendizado. Portanto, o catequista precisa ser sempre trabalhado para cumprir a missão evangelizadora, que tenha também uma personalidade comunicativa, novas formas de diálogo. Neste

²⁵⁸ SPADARO, A., Cibertologia, p. 126.

²⁵⁹ GeE, 68.

momento histórico de tantas transformações, a catequese precisa de renovação e a inspiração catecumenal no projeto Iniciação a Vida Cristã, com o viés do lúdico pode ser uma grande ajuda na catequese as crianças, adolescentes, jovens e adultos.

O mundo do ser humano quando está defronte a alguma atividade lúdica é ampliado, devido a beleza lúdica, os sentidos são aguçados, o interior da pessoa é tocado, sendo assim o uso dos jogos, da criatividade, é de valiosa ferramenta na evangelização. É sobre isso que precisamos entender, que explorar o lúdico é nos convidarmos a conectar com a essência do divino, explorar horizontes *ad intra* (dentro da comunidade) *ad extra* (fora da comunidade), na caminhada missionária oferecendo ao mundo oportunidade pela via da beleza, que no nosso caso, referenciamos ao lúdico, possibilitando mergulhar de encontro ao Sagrado, transcendendo nossa existência. E “construir um espaço centrado na via da beleza, converte todos os sentidos de quem participa desse processo, pois, a Beleza é a presença do Deus conosco”²⁶⁰.

E mais uma vez ressaltamos a importância da família no processo da transmissão da fé, pois é peça fundamental no engajamento eclesial, na formação espiritual, no despertar o amor a oração, e claro envolver a experiência lúdica nesse itinerário. A família é lugar propício do acolhimento do querigma e da mistagogia, uma verdadeira comunidade, local de encorajamento dos seus membros, de incentivo, de busca pela santidade, de desenvolvimento da relação íntima com Deus por meio da oração, da vivência da Palavra de Deus e da convivência afetiva.

Para ser santo, não é necessário ser bispo, sacerdote, religiosa ou religioso. Muitas vezes somos tentados a pensar que a santidade esteja reservada apenas àqueles que têm possibilidade de se afastar das ocupações comuns, para dedicar muito tempo à oração²⁶¹.

Enraizar a fé é o caminho para testemunhar de forma a transformar a sociedade. Nosso chamado universal é ser santo. Sendo assim, façamos o que for preciso para anunciar o Evangelho a todos os povos, apresentando a pessoa de Nosso Senhor Jesus Cristo de forma criativa, cibernética e comprometida com a Igreja, que nos chama a sermos missionários. Como batizados, somos encantados e despertamos por Jesus Cristo, nos convertemos e somos conduzidos e conduzimos alegremente aos desafios pastorais da Iniciação a Vida Cristã.

²⁶⁰ LEDO, J. S., A Via da Beleza na formação humano-cristã com catequista. p, 232.

²⁶¹ GeE, 14.

Conclusão

Neste capítulo demonstramos que a qualificação dos leigos catequistas é inevitável para que a atuação do seu ministério seja mais eficaz, adquirindo habilidades e técnicas para transmitir o conteúdo. Sendo assim, uma via para que isso aconteça é o uso do lúdico nos encontros de catequese, nas Missas, nas Celebrações da Palavra, onde podemos ter um envolvimento, que contagia o ser afetivo de cada pessoa, sem contar que fica mais leve e atraente para as crianças.

Não podemos esquecer que hoje o lúdico pode ser disponibilizado no digital, é uma ferramenta que precisamos utilizar a nosso favor, como por exemplo, nas mídias sociais da paróquia, assim alcançaremos a tantos, não só os que conhecemos, mas como também os que não conhecemos. Estaremos promovendo uma catequese lúdica pelas mídias sociais, pelo querigma, atraindo-os, sendo mistagogos de pessoas a comunidade física. A presença física, o abraço e o sentimento de pertença são aspectos que a comunicação digital não pode substituir completamente.

A criação de espaços de partilhas, de encontros, são ajudas que acalentam seres humanos, esses se sentem acolhidos e valorizados, deve ser uma preocupação urgente, quem dirá locais assim para crianças, adolescentes, jovens e adultos que vivem numa época onde o mundo se encontra dilacerado, podemos até dizer que está doente.

Por fim, alertamos que os pais possam ser esses primeiros catequistas a evangelizarem seus filhos, preparando o caminho onde na comunidade de fato se encontrarão com Nosso Senhor Jesus Cristo, nos irmãos que juntos conduzirão esse belo itinerário da construção do Reino de Deus, sendo testemunhas e discípulos de seu Evangelho.

5

Conclusão

Nossa pesquisa teve como objetivo o diálogo entre o lúdico na catequese, especialmente a Iniciação à Vida Cristã, como uma ferramenta no processo querigmático e mistagógico. Apresentamos um conteúdo sobre o tema, entendendo que os limites de nossa pesquisa se situam na escassez de material sobre a importância do lúdico, na dimensão querigmática e mistagógica dentro do processo iniciático da fé.

Antes centrada predominantemente em uma perspectiva doutrinária, a catequese passou a adquirir, após o Concílio Vaticano II, uma abordagem mais antropológica e eclesiológica, ressaltando a importância desses aspectos. No Brasil, o marco foi o documento “Catequese Renovada” de 1983, destacando a Sagrada Escritura como livro central da catequese e enfatizando a necessidade de transmissão da Doutrina e o Magistério da Igreja. Já em 2007, o Documento de Aparecida propôs a Iniciação à Vida Cristã (IVC) como projeto pastoral para a América Latina, fortalecendo o sentimento de pertencimento à comunidade e incentivando uma consciência missionária centrada no projeto de Jesus Cristo. O Estudo 97 de 2014, que adota uma abordagem catecumenal convidada à reflexão sobre as fontes e reforça o Evangelho como conteúdo central, estimulando a criatividade na forma de anunciar a mensagem cristã.

No entanto, em 2020 temos a publicação do Diretório para a Catequese pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, e no Brasil o documento 107, que apresenta um itinerário para a formação de discípulos missionários. Este documento reafirma a importância da IVC e também nos proporciona uma base para novas reflexões sobre a catequese. Portanto, compreendemos não apenas o aspecto lúdico como uma abordagem relevante na catequese, mas também nas mídias sociais.

Atualmente, é o Papa Francisco quem nos inspira a um impulso missionário, encorajando-nos à ação evangelizadora. Mesmo aos 86 anos e enfrentando desafios com a saúde, ele continua a dar testemunho de vida e se dedica incansavelmente à evangelização. O Papa Francisco é uma voz profética em nosso meio, que, por meio

de gestos, ações e catequeses, coloca em prática os princípios do Concílio Vaticano II, incentivando-nos a sermos uma Igreja em saída.

Dessa forma, nossa pesquisa se dividiu em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos a catequese como serviço da Iniciação à Vida Cristã, realizando um resgate histórico-teológico para compreendermos o percurso já realizado. No terceiro capítulo, exploramos a dimensão lúdica no ser humano e sua importância na Iniciação à Vida Cristã, conscientizando sobre o papel do lúdico na catequese. Por fim, no quarto capítulo, refletimos sobre como agir e praticar nossa ação pastoral, utilizando o lúdico como um caminho envolvente que completa o itinerário na Iniciação à Vida Cristã.

Assim, no segundo capítulo, destacamos a catequese como método para que as pessoas adiram à pessoa de Jesus Cristo e adquiram conhecimento da Sagrada Escritura, Doutrina e da Tradição da Igreja, evidenciando sua ação evangelizadora. Para isso, a aplicação do modelo estilo catecumenal permite a eficácia desse itinerário catequético tanto para os catequizandos, quanto para a formação dos catequistas. Esse modelo favorece a absorção do movimento antropológico e eclesiológico, levando ao entendimento da Iniciação à Vida Cristã. Assim, a comunidade se torna a Casa da Iniciação à Vida Cristã, transmitindo a fé e contribuindo para o relacionamento com Deus. Por isso, os catequistas precisam estar dispostos a serem formados permanentemente, ajudando aqueles que estão sob seus cuidados a sentirem-se parte da comunidade de fé, tornando-se discípulos missionários contribuindo para tornar a sociedade mais justa e fraterna.

Para formar um discípulo é necessário um caminho, e os símbolos desempenham um papel crucial na vida cristã, carregando consigo um mistério profundo. Oferecer espaços para que as pessoas, especialmente as crianças, experimentem o Ressuscitado se torna essencial. Os símbolos são veículos de linguagem que transcendem a existência humana, facilitando a comunicação teológica e permitindo que o que era complexo se torne compreensível e resolvido pela própria pessoa. No entanto, os símbolos também apresentam desafios à compreensão humana, ultrapassando a experiência comum e, portanto, não devem ser excluídos do espaço litúrgico. Nos encontros de catequese, é importante abordar os símbolos e incorporar o aspecto lúdico para estimular a imaginação da criança, dos adolescentes e dos jovens, fortalecendo a criatividade e comunicando a fé de maneira atrativa, envolvente e alegre. Dessa forma, ajudamos as pessoas viverem

a fé, pois o lúdico dá significado à fé, e aquilo faz sentido para o ser humano, permanecendo em sua memória.

No terceiro capítulo, abordamos o lúdico no ser humano com uma visão teológica-pastoral, pois a dimensão lúdica, a criatividade aponta como luz no peregrinar da Iniciação à Vida Cristã. Através da arte, temos a oportunidade de expressar algo em nós que muitas vezes são indivisíveis, nos abrindo à espiritualidade. A sensibilidade despertada pela beleza da arte transcende para o mundo interior do ser humano, nesse sentido estamos cultivando o amor. Jesus Cristo usava o lúdico no cotidiano, como evidenciado em suas parábolas. Ele era terno em apresentar o Reino de Deus para nós, transmitindo não apenas através por palavras, mas também por gestos e pelos símbolos contidos nos Evangelhos.

Assim, o lúdico pode ser usado por meio de teatro, música e outras atividades que promovam a reflexão e a adesão a pessoa de Jesus Cristo, combinando palavras com gestos. Isso facilita a memorização e a transmissão do conteúdo, promovendo uma interação entre comunicação e mente. Conforme recordado pela Conferência de Aparecida, o modelo de catequese é chamado a ir além do que transmitir a doutrina.

A criança é lúdica, e as atividades lúdicas fazem com que ela vivencie experiências e aprenda com elas. Essa abordagem pedagógica não só auxilia no desenvolvimento da criança, mas também a resolução de conflitos, pois esse ser humano sensível e expressivo necessita do outro para sobreviver e cada um tem responsabilidade uns para com os outros, tudo está interligado com diz o Papa Francisco na *Laudato Si*.

A IVC pode agregar um fundamental desenvolvimento no seu itinerário com a inclusão do lúdico em seu processo. Como defendido por Maria Montessori, o lúdico possibilita à criança uma autodescoberta e uma compreensão de mundo ao seu redor. Portanto, é essencial que o ambiente deve ser preparado para tal atividade, já na catequese esse local deve levar a reflexão sobre o Messias. Além disso, o lúdico beneficia os adultos, permitindo que eles se desdobrem e quebrem suas defesas para revelar o amor em sua essência, dando sentido à vida. Considerando o potencial ilimitado do ser humano, a prática do lúdico promoverá o crescimento emocional, físico e espiritual de forma leve, alegre e descontraída, ressoando na natureza complexa do ser humano.

O diálogo entre o lúdico e a tecnologia é necessário, pois enquanto o lúdico eleva a imaginação, a tecnologia oferece soluções prontas e acabadas. No entanto, é crucial construir um caminho que integre esses dois elementos, reconhecendo o valor de cada um na construção da Iniciação à Vida Cristã em vista do Reino de Deus. O mundo lúdico transcende o material e enfatiza a interação social e espiritual, sendo prazeroso e incentivando a participação na comunidade eclesial, favorecendo o caminho de educação na fé. Portanto, encontros que promovam a leitura orante e de forma lúdica para a escuta da Palavra de Deus são fundamentais para oferecer respostas às questões pastorais de maneira madura, além de oferecer oportunidades para a formação integral da família, ajudando-os na preparação aos desafios do mundo atual, principalmente nessa mudança de época.

Levar o lúdico para dentro do espaço celebrativo é oportuno, pelo fato da criança estar envolvida com a celebração litúrgica e atrair a família para o encontro. Isso auxilia os catequistas a se conectarem com os familiares, envolvendo a todos em atividade que têm como objetivo transmitir de forma criativa a Boa-Nova. A mensagem evangélica precisa estar inserida nas mídias sociais, onde as pessoas buscam várias informações, incluindo sua formação cristã através da Doutrina e Palavra de Deus. Nesse contexto, compreendemos que nossa família vai além das que encontramos em casa e na comunidade eclesial; ela se estende pelo mundo, e podemos nos aproximar, mesmo à distância, embora reconhecendo que o contato físico não pode ser substituído pelo digital.

No quarto capítulo, abordamos as dimensões querigmática e mistagógica desenvolvidas nos processos da IVC a partir do lúdico. Reconhecemos que a presença do catequista é por demais necessária para o crescimento do catequizando, não apenas no entendimento do conteúdo bíblico e doutrinal, mas também no seu lado afetivo, se tornando um exemplo para aquele que está no processo catequético. Além disso, o interesse de uma (Arqui)Diocese criar uma formação a nível (arqui)diocesano para catequistas é fundamental para direcionar os trabalhos missionários, contribuindo na compreensão que a catequese deve estar ligada a liturgia sendo esta última indispensável no processo querigmático e mistagógico. Portanto, o lúdico inserido nesse processo ajudará no processo da experiência sensorial.

A qualificação por meio de formação para catequistas tem que acontecer, visto que o mundo está em constante transformação. É necessário estarmos

atualizados para encontrarmos caminhos que nos coloquem em diálogo, sobretudo no mundo digital, para sabermos com incentivar a conexão com a Palavra de Deus. O uso da criatividade através lúdico nos ajuda na transmissão da fé, seja na liturgia, nas mídias sociais, enfrentando o desafio de anunciar o Evangelho de forma compreensível e que tragam reflexão para a vida das pessoas. Portanto, é fundamental disponibilizar subsídios que auxiliem os catequistas nessa missão, preferencialmente seguindo o estilo de inspiração catecumenal.

O engajamento na comunidade se dá na vivência com a Palavra de Deus, aliada com o ensino da Tradição e da Doutrina. Esse diálogo possibilita a participação e envolvimento de pais, catequistas, catequizandos e demais pessoas que contribuem nas pastorais, equipes e movimentos da Igreja. Atividades como teatro, música, fantoches e dança, elucidam a natureza humana e adentram em áreas profundas e muitas vezes difíceis de serem compreendidas, resolvendo até conflitos interiores e exteriores.

As representações visuais no processo de evangelização nos cativam e nos convidam a refletir a nossa vida, elas se tornam um convite de amor da parte de Deus a nos entregarmos em seu projeto messiânico. A explicação sobre a aderência à pessoa de Jesus Cristo ganha significado pessoal, sendo um chamado individualizado. Desejando que esse caminho seja uma luz no processo de Iniciação à Vida Cristã, pois são muitos que já não veem sentido na fé e no caminho eclesial. Através do lúdico, surge uma oportunidade para que a pessoa floresça e se renove, reafirmando seu compromisso batismal.

Portanto, repensar o trabalho missionário catequético é plausível, considerando a cultura em que nos propomos a evangelizar. Nesse sentido, a era digital tornou-se parte na convivência familiar, da sociedade, e da comunidade eclesial, exigindo que nos dediquemos a essa questão e nos engajemos nesse processo. Focando no Evangelho como conteúdo e diversificando as formas de transmissão, devemos reconhecer que hoje crianças, adolescentes, jovens e adultos têm acesso às informações literalmente na palma da mão através do celular. Diante desse cenário, devemos apresentar o Evangelho e a Igreja de Jesus Cristo, estreitando espaços distantes de convivência pelas mídias sociais, não substituindo o contato físico. Promover uma catequese lúdica pelas mídias sociais é essencial, tornando o processo leve e prazeroso, e compreendendo que a missão da Igreja é ser missionária nas diversas instâncias da sociedade. A família deve estar envolvida

em todo o processo de Iniciação à Vida Cristã, estabelecendo vínculos fraternos na comunidade e percorrendo o belo caminho de construção do Reino de Deus como discípulos e missionários.

Referências Bibliográficas

- ALBERICH, E. **Catequese evangelizadora**: manual de catequética fundamental. São Paulo: Salesiana, 2004.
- ASSIS, M. D. **Da página ao palco**: estudo e transposição de linguagem de O Espelho de Machado de Assis. Brasília/DF: Fons Sapientiae, 2016.
- BENTO XVI, PP. **Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Sacramentum Caritatis* sobre a Eucaristia fonte e ápice da vida e da missão da Igreja**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_ben-xvi_exh_20070222_sacramentum-caritatis.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2006.
- BÍBLIA Pastoral. São Paulo: Paulus, 1990.
- BOLLIN, A.; GASPARINI, F. **A catequese na vida da Igreja**: notas de história. São Paulo: Paulinas, 1998.
- BOROBIO, D. **Catecumenado para la evangelización**. Madrid: San Pablo, 1997.
- BRAIDO, O. O. **Uso de linguagens lúdico-digitais na evangelização infantil**. II congresso brasileiro de teologia pastoral, a sinodalidade no progresso pastoral da Igreja no Brasil. Anales Faje, Belo Horizonte. Minas Gerais, v.7, n. 2, p. 176-181, dez. 2022. Disponível em: <<https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/anales/article/view/5197/4899>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- BUYST, I. **Celebrar com Símbolos**. São Paulo: Paulinas, 2001.
- BUYST, I. **O Segredo dos Ritos**: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã. São Paulo: Paulinas, 2011.
- CALANDRO, E. A. **Processos de iniciação à vida cristã e resiliência**: um estudo teológico-pastoral sobre a catequese com adultos na paróquia nossa senhora dos navegantes (Diadema/SP) Tese (Sistemática-Pastoral). Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46701/46701.PDF>>. Acesso em: 20 dez. 2023.
- CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM. **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina:** conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, Puebla, 1979. São Paulo: Paulinas, 1979.

CELAM. **Documento de Aparecida:** texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Aparecida, 2007. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulinas/Paulus, 2008.

CNBB. **Comunidades de comunidades:** uma nova paróquia. A conversão Pastoral da Paróquia. São Paulo: Paulinas, 2014. (Doc. 100).

CNBB. **Diretório nacional de catequese.** São Paulo: Paulinas, 2008. (Doc. 84)

CNBB. **Iniciação à vida cristã:** itinerário para formar discípulos missionários. Brasília: Edições CNBB, 2020. (Doc. 107).

CNBB. **Iniciação à vida cristã:** um processo de inspiração catecumenal. Brasília: CNBB, 2014. (Estudos 97).

CNBB. **Pastoral dos sacramentos da iniciação cristã.** São Paulo: Paulinas, 1975. (Doc. 2a).

CÓDIGO de Direito Canônico. São Paulo: Loyola, 2007.

COLLET, A; DONNINI, D. Papa incentiva artistas a contar o mundo com criatividade em tempos de pandemia. **Vatican News**, 2023. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2020-04/coronavirus-papa-francisco-santa-marta-artistas-entrevista-ator.html>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática *Dei Verbum*:** sobre a revelação divina. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Clássicos de bolso)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:** sobre a Igreja no mundo de hoje. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Clássicos de bolso)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição *Sacrosanctum Concilium*:** sobre a Sagrada Liturgia. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Clássicos de bolso)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto *Christus Dominus*:** sobre o múnus pastoral dos Bispos na Igreja. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Clássicos de bolso)

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Decreto *Presbyterorum Ordinis*:** sobre o ministério e a vida dos sacerdotes. São Paulo: Paulus, 2001. (Coleção Clássicos de bolso)

CUNHA, N. H. S. **A brinquedoteca brasileira**. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). *Brinquedoteca: O lúdico em diferentes contextos*. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Diretório geral para a catequese**. São Paulo: Paulinas, 2009.

FABRIS, R.; MAGGIONI, B. **Os Evangelhos (II)**. São Paulo: Loyola, 1992.

FLÓREZ, G. **Matrimônio e família**. São Paulo: Paulinas, 2008.

FLORISTÁN, C. **Para comprender el catecumenado**. Espanha: Editorial Verbo Divino, 1991.

FRANCISCO, PP. **Carta Apostólica em forma de motu próprio Antiquum Ministerium pela qual se institui o ministério do catequista**. São Paulo: Paulinas, 2021.

FRANCISCO, PP. **Carta Encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social**. São Paulo: Paulus, 2020.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Amoris Laetitia* sobre o amor na família**. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia***. São Paulo: Paulus, 2020.

GIRARD, M. **Os símbolos na Bíblia: ensaio de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal**. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulus, 1997.

GOMES, D. Editora aposta no lúdico a serviço da evangelização. **O São Paulo**. Disponível em: <<https://osaopaulo.org.br/brasil/editora-aposta-no-ludico-a-servico-da-evangelizacao/>>. Acesso em: 09 jul. 2022.

HOBBS, Thomas. **Leviatã ou matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

JOÃO PAULO II. **Carta Apostólica O Rápido Desenvolvimento**, n. 08. Vaticano: 2005. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2005/documents/hf_jp-ii_apl_20050124_il-rapido-sviluppo.html>. Acesso em: 25 ago. 2023.

JOÃO PAULO II, PP. **Exortação Apostólica Catechesi Tradendae**: sobre a catequese hoje. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html>. Acesso em: 03 mar. 2023.

KUZMA, C. Por uma esperança responsável: interpelações éticas e teológicas para uma nova práxis. **Pistis & Práxis**, Curitiba, v. 10, n. 2, maio/ago. 2018. p. 290-307. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/327121586_Por_uma_esperanca_responsavel_interpelacoes_eticas_e_teologicas_para_uma_Nova_Praxis>. Acesso em : 20 dez. 2023.

LEDO, S. J. **A Via da Beleza na formação humano-cristã com catequista**: análise da dimensão catequética do Museu Sagrada Família-Catequese e Arte. Tese (Sistemática-Pastoral). Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/59320/59320.PDF>>. Acesso em 20 dez. 2023.

LELO, A. F. **A iniciação cristã: catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho**. São Paulo: Paulinas, 2005.

LENVAL, H. L. **A educação do homem consciente**. São Paulo: Flamboyant, [19-]. 244p.

LILLARD, P. P. **Método Montessori**, uma introdução para pais e professores. São Paulo: Manole, 2017.

LIMA, L. A. **A catequese do Vaticano II aos nossos dias**: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã. São Paulo: Paulus, 2016.

LOPES, M. M. **Alfabetização e construtivismo em questão**. Vitória: Florecultura, 2002.

LUZ, R. B. F. O lúdico segundo grandes teóricos da educação. In: SEIDEL, C. C. S. et al. **Aprendizado real**. São Paulo, p. 238-266, mai. 2020. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=57PtDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA238&dq=info:ccQJ2j50aEIJ:scholar.google.com/&ots=Y7bDdiuf_5&sig=GzWSlhPtsFCnDeG--KqUCAtJnKg#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MACHADO, I. L. **Educação Montessori**: de um homem novo para um mundo novo. São Paulo: Pioneira, 1986.

MONDIN, Battista. **O homem, quem é ele?** Elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulus, 1980.

MONTESSORI, M. **A criança**. Rio de Janeiro: Editorial Nórdica, 1987.

MONTESSORI, M. **Mente absorvente**. Portugal: Portugalia, [198?].

MONTESORI. **O que você precisa saber sobre seu filho**. Rio de Janeiro: Portugália, 1998.

MONTESORI, M. **Pedagogia Científica**: a descoberta da criança. São Paulo: Flamboyant, 1965.

MORAES, A. O. Família, “lugar primeiro” da transmissão da fé: desafios catequéticos a partir do Magistério. Belo Horizonte, mar. 2015. **Perspectiva Teológica**. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/307871245_FAMILIA_LUGAR_PRIMEIRO_DA_TRANSMISSAO_DA_FE_DESAFIOS_CATEQUETICOS_A_PARTIR_DO_MAGISTERIO>. Acesso em: 10 jul. 2022.

MORAES, A. La catequesis en una cultura marcada por lo digital: una posible lección. In: TEJO, J. D. **Después de la pandemia, ¿qué catequesis?** Chile: Instituto Escuela de la fe, 2020. Disponível em: <<https://uft.cl/images/DIP/ediciones-uft/educacion-religiosa/despues-de-la-pandemia-que-catequesis.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MORAES, A.; BRAIDO. O.O. Presença do ministro ordenado nas redes sociais: elementos para a elaboração de uma ética a serviço da comunhão. **Pesquisas em Teologia**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 274-291, jul./dez., 2023. Disponível em: <<https://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasenteologia/article/view/1996/1075>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

MORAES, A.; GRIPP. A. **Ações evangelizadoras numa cultura urbana marcada pelo digital**. Fronteiras, Recife, v. 3, n. 1, p. 145-167, jan./jun., 2020. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1Eq_qcfHzQ57ih5PR58WCb_IUo4N9WaU0/view>. Acesso em: 20 dez. 2023.

NEGRINE, Airton. O lúdico no contexto da vida humana: da primeira infância à terceira idade. In: SANTOS, Santa Marli Pires dos (org.). **Brinquedoteca**: A criança, o adulto e o lúdico. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003. p. 15-24.

NENTWIG, R. **Iniciação à comunidade cristã**: a relação entre a comunidade evangelizadora e o catecumenato de adultos. São Paulo: Paulinas, 2013.

NUCAP. **Mistagogia**: Do visível ao invisível. São Paulo: Paulinas, 2013.

PARO, T. A. F. **A dinâmica simbólico-ritual da iniciação a vida cristã**: um estudo a partir do RICA e a sua aplicação na catequese infantil. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2016. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/18939/2/Thiago%20Aparecido%20Faccini%20Paro.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PAULA, A. Redes Sociais ou Mídias Sociais: Como chamar as plataformas digitais? **Wis**. Disponível em: <<https://www.wis.digital/blog/redes-sociais-ou-midias-sociais-como-chamar-as-plataformas-digitais#:~:text=O%20fato%C3%A9%20que%20M%C3%ADdias,voc%C3AA%20faz%20e%20cultiva%20amigos>>. Acesso em: 13 dez. 2023.

PAULO VI, PP. **Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi***: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. São Paulo: Paulinas, 1983.

PEREIRA, S. C. “**Anunciamos Cristo crucificado**” (1 Cor 1,23). A formação de discípulos missionários hoje à luz da teologia da cruz de Antonio Pagani. Tese (Sistemática-Pastoral). Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/46779/46779.PDF>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

PIAGET, J., **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

PIAGET, J., **Psicologia e pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese**. São Paulo: Paulus, 2020.

QUIRINO, A. T. **Teologia da escuta**: Palavra e rito na experiência litúrgico-cristã. Rio de Janeiro. Tese (Doutor em Teologia). Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/58111/58111.PDF>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

ROCCHETTA, C. **Teologia da ternura**: um “evangelho” a descobrir. São Paulo: Paulus, 2014.

SILVA, R. A. S; RUBIO, J. A. S. A Utilização do Jogo Simbólico no Processo de Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. São Roque, São Paulo, v. 5, n. 1. 2014. p. 1-15. Disponível em: <https://docs.uninove.br/arte/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/roseli.pdf>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SANT’ANNA, D. B. Corpo, ética e cultura. In: BRUHNS, Heloisa Turini; GUTIERREZ, Gustavo Luis (orgs.). **O corpo e o lúdico**: ciclo de debates lazer e motricidade. Campinas: UNICAMP, 2000. p. 79-88.

SANTINI, S. **Educação física**: da alegria do lúdico à opressão do rendimento. Porto Alegre: Est Edições, 2001.

SARTORE, D. **Sinal/Símbolo**. In: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulinas, 1992. p. 1142-1151.

SPADARO, A. **Cibertologia**: pensar o cristianismo nos tempos da rede. São Paulo: Paulinas, 2012.

STEIN, E. Problemas de la formación de la mujer. In: STEIN, E. **Obras Completas**: escritos antropológicos y pedagógicos. [Trad. F. J. Sancho et al.] Vitoria: El Carmen; Madrid: Editorial de Espiritualidad; Burgos: Monte Carmelo, 2003f. t. IV. p. 449-552.

TAVARES, S. S. **Liturgia**: lugar da teologia: A relevância de um antigo princípio. *REB*, v. 66, n. 261, jan. 2006. p. 5-25. Disponível em: <<https://revistaeclesiacabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/1605/1445>>. Acesso em: 20 dez. 2023.

VYGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. Tradução de José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKI, L. S. (2012b). El problema de la edad. In: L. S. Vygotski. **Obras Escogidas** (Tomo IV, pp. 251-274). Madrid: Antonio Machado. (Obra originalmente publicada em 1932).

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins, 2001.